

NAS ORIGENS DOS JERÓNIMOS NA PENÍNSULA IBÉRICA: DO FRANCISCANISMO À ORDEM DE S. JERÓNIMO — O ITINERÁRIO DE FR. VASCO DE PORTUGAL*

Quand nous parvenons, dans le passé, à ressaisir des noms individualisés, c'est que l'histoire a commencé...

G. Gusdorf, *Mythe et Métaphysique*, Paris, 1984, pág. 179.

Até há relativamente poucos anos — digamos, para fixar uma data, 1973, ano da publicação dos importantes *Studia Hieronymiana*¹ — a *religio Sancti Hieronymi Hispanarum* era, aparte alguns escritos interessantes assentes, sobretudo, nas aporções dos mais antigos cronistas da Ordem, mais do que um tema de investigação, um argumento de interpretação da História de Espanha — dos seus enigmas ou das suas claridades². De qualquer modo, esse argumento é altamente revelador da importância dos jerónimos não só na formação da Espanha Moderna — concedámo-lo à polémica —, mas também quer pela sua génese quer por ser uma das últimas, senão a última, das grandes ordens monásticas a surgir³, quer, ainda, pelo

* Investigação elaborada com o apoio de uma Acção Integrada Luso-Espanhola desenvolvida no âmbito do Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto.

¹ *Studia Hieronymiana* (v.a.), Madrid, 1973.

² CASTRO, A., *Aspectos del Vivir Hispánico*, Madrid, Alianza Editorial, 1970. São importantes para o nosso ponto de vista os parágrafos seguintes do II Capítulo (*Espiritualismo y Conversos judios antes del siglo XVI*): *Fundación de la Orden jerónima* (págs. 60-66), *Los jerónimos en el siglo XV* (págs. 66-74) e *Conversos y jerónimos* (págs. 74-97).

³ Talvez possa, efectivamente, aceitar-se a nossa afirmação se se considerar que a Ordem de S. Jerónimo, surgida à volta de 1373, aparece não só

espírito de reforma que continha e, logo, lhe descobrem, para a definição da espiritualidade monástica «moderna». Só ultimamente, após as primeiras inventariações de fundos e fontes, se tem tentado a «história crítica»⁴ dessa ordem *desdenosa de toda propaganda más allá de los confines espanoles*⁵ em moldes de poder vir um dia a escrever-se essa página que falta sobre *lo que significaron* (los jerónimos) *en la Historia de España y dentro de su sensibilidad religiosa*⁸. Dentre os estudos mais recentes que se lhe têm dedicado permitimo-nos, hoje por hoje, destacar *Os Jerónimos em Portugal. — Das origens aos fins do século XVII* (Porto, Centro de História da Universidade do Porto, 1980) de Cândido A. dos Santos e *Los Jerónimos. — Una orden religiosa nacida en Guadalajara* (Guadalajara, Institución Provincial de Cultura Marqués de Santillana, 1982) de Josemaría Revuelta Somalo.... Curiosamente, um pouco como aconteceu, em algum momento, com os ermitãos que se fizeram jerónimos dum e doutro lado da fronteira, os dois autores desconhecem-se, apenas os unindo, externamente, um notável esforço por materializar, no tempo e no espaço ibéricos, o nascimento, a institucionalização, os avatares da ordem jerónima nos seus diversos níveis — do eremitismo à instituição centralizada..., da espiritualidade à acção reformadora..., de economia à cultura.... Poderemos mesmo precisar que, internamente, têm as duas obras muito de comum — riqueza de inventariação e utilização crítica de arquivos e fontes documentais... e de informação bibliográfica... Dum e doutro lado da fronteira podemos ainda assistir à formação do temporal..., à evolução — também «moderna» em tantos aspectos — das bases dessa institucionalização de casas e mosteiros — do fundiário à fundação de rendas em padrões

quando já as grandes ordens monásticas — extuados, possivelmente, os Cartuxos — se julgavam necessitadas de reforma, mas também como uma experiência renovada de conciliação dum certo eremitismo (mitigado) e uma conseqüente dedicação profunda à vida contemplativa centrada no canto do ofício divino. E, por isso, apesar de ser de desejar uma maior elaboração na definição certa do monacato jerónimo como um «*monacato sui generis*», será sempre de ter em conta o artigo de Fr. ANTÓNIO DE LUGO, *El Monacato «sui generis» de los jerónimos. Desde los orígenes hasta la desamortización* («Cistertium», XXIII — 1970—, págs. 230-238).

⁴ Pioneiro e sempre repleto de pistas é, neste sentido, o estudo de Fr. IGNACIO DE MADRID, O.S.H., *La Orden de San Jerónimo en España. Primeros Pasos para una Historia Crítica*, («Studia Monastica», 3-1961 —págs. 409-427).

⁵ CASTRO, A., *Aspectos del Vivir Hispánico*, ed. cit., pág. 58.

⁶ CASTRO, A., *Aspectos del Vivir Hispánico*, ed. cit., pág. 67.

de juro... Permitem-nos mesmo visualizar e valorizar melhor a cartografia jerónima, essa cartografia que, vistas as coisas desde Portugal, pode aparecer como *litoral*..., uma preferência que os mosteiros de Valência..., Barcelona continuam a sugerir e confirma, emblematicamente, o mosteiro de S. Jerónimo de la Plana de Jávea: tão litoral que sofreu duros ataques de corsários... Só esta razão — talvez como nas Berlengas — obrigou os monges a «interiorizarem-se»... Contudo, olhada a carta jerónima na globalidade do espaço ibérico talvez possa falar-se dum movimento irradiante com centro em Castela...: S. Bartolomé de Lupiana..., mesmo se a irradiação foi, em larga medida, o resultado duma vontade da periferia por se ir unindo a um centro..., movimento consagrado no plano institucional que não no da organização interna e vertentes de usos e matizes de espiritualidade, no primeiro capítulo geral de 1415.

Não sigamos comparando, já que tal não é, fundamentalmente, o nosso propósito e apontemos o diferente alcance das duas obras. A dedicada aos jerónimos portugueses estuda um tempo longo: dos fins do século XIV aos fins do século XVII, tentando apreendê-lo na evolução da economia — talvez principalmente — da micro-sociedade que os jerónimos, como ordem, também são..., da sua espiritualidade — possivelmente não tão filiável na *Devotio Moderna* como se gostou de insinuar à falta de outros referentes «modernos»⁷ — e da sua cultura... Do lado espanhol, apenas se nos apresentam, neste primeiro volume, os primeiros tempos..., os tempos de eremitismo e de fundação — talvez, melhor, das fundações, dado o carácter relativamente autónomo das fundações castelhanas, aragonesas e portuguesas — até esse 26 de Julho de 1415 em que se unem (não propriamente unificam) os mosteiros jerónimos desde Lupiana, com um ponto (um centro?) alto, talvez até mais alto dado o prestígio e fama do santuário, em Guadalupe... Atende-se, cronologicamente, minuciosamente, à génese e vicissitudes de cada mosteiro..., de cada

⁷ Foi essa a sugestão de A. CASTRO, (*Aspectos del Vivir Hispánico*, ed. cit., pág. 63) que, confessando-se *sin medios para trazar una línea continua entre el brote español de la «Devotio Moderna», entre los jerónimos del siglo XV y sus continuadores del siglo XVI*, afirmava, contudo, essa *posibilidad*..., possibilidade que, mesmo mitigada (algum parentesco), acabou por ser acolhida por um autor tão bem informado como LINAGE CONDE, A., *El Monacato en España e Hispanoamerica*, Salamanca, U.P.S., 1977, págs. 104-115 e 423-471 (conf. especialmente págs. 108-109). Sobre algum outro autor que perfilou tal opinião que se não nega, mas que haverá que demonstrar, voltaremos em outro ponto deste trabalho.

casa... —mesmo das efémeras e das que nunca o chegaram a ser—, torna-se mais visível o seu crescer..., as protecções espirituais, materiais, jurídicas de que as foram ou de que se foram rodeando..., desde as que se procuravam — do papa ao rei — às que voluntariamente se lhe ofereciam — de simples eclesiásticos a cardeais e simples leigos, de plebeus aos reis, passando, naturalmente, pelos diversos escalões da nobreza que o autor aponta, verifica, e entrelaça num esforço de precisar a genealogia e ligações dos grandes fundadores — os Fernández Pecha (Pedro e Alonso) e Fernando Yañez⁸. É este mesmo um dos aspectos mais cuidados da obra e que permite ao seu autor salientar em muitos desses gestos uma intenção de proteger uma ordem «reformadora». Obviamente, nesta obra como na anterior, alguns acenos ficaram, entretanto, feitos à espiritualidade já não tanto da ordem, mas de algumas das figuras mais significativas desses tempos fundacionais... Fr. Pedro Fernández Pecha..., Fr. Vasco de Portugal..., recebem, juntamente com o antigo bispo de Jaen, Alonso Fernández Pecha — este fundamentalmente por outras razões — a principal atenção neste campo. Os jerónimos, desde Guadalajara, são olhados como algo ainda inicial... e a análise, como sugerimos, estende-se, naturalmente, por um tempo curto — o menos de meio século que vai da fundação (1373) à união dos mosteiros celebrada em 1415, pois os tempos eremíticos são apenas aludidos. No plano da realização, a obra espanhola corresponde, *grosso modo*, às primeiras vinte páginas do trabalho português..., o que indicia bem a complementaridade de ambas...

Destas linhas talvez resulte evidente o interesse de procurar ver mais claro alguns pontos desses primeiros tempos, estímulo que algumas páginas avulsas dedicadas aos jerónimos avivam ao envolver esses mesmos primeiros tempos num alo de «mistério»...⁹ Será

⁸ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 80, 81, 82-83, 96, 100, 104, 107, pôs um empenho especial em estabelecer a genealogia (génese e ligações) dos grandes fundadores jerónimos espanhóis e logrou-o para os Fernández Pecha. A família de Fernando Yañez, como confessa, revelou-se muito menos fácil de estudar. Será possível algum dia desvendar com alguma segurança a genealogia do grande fundador português, Fr. Vasco?

⁹ CASTRO, A., *Aspectos del Vivir Hispánico*, ed. cit., págs. 60-63 e B. Jiménez Duque, *Fuentes de la Espiritualidad Jerónima* in *Studia Hieronymiana*, ed. cit., I, págs. 107-121 (trabalho que glosa algumas das «possibilidades» apontadas por A. Castro) insinuam este «mistério»..., mesmo que para o primeiro autor possa derivar da «bruma mística» em que Fr. José de Sigüenza envolveria as origens da sua ordem...

estimulante..., mas será correcto continuar a proclamar que *de momento son misteriosos?*¹⁰ — Será, pelo menos por agora, de reter esse alo como um estímulo de trabalho..., ainda que, podendo-se defender que tal «mistério» é, em grande parte, devido à nossa ignorância de muitas coisas, nem sempre marginais, sobre a cultura, a espiritualidade, as relações pessoais da Península Ibérica da segunda metade do século XIV, também ele advenha dessa dificuldade de compreender o mundo dessa mesma metade desse mesmo século..., um tempo «indecodificável»...¹¹ É a esse estímulo que tentaremos, de algum modo, responder enquanto não chega o momento de abordar, através da análise de alguns textos exemplares, outros momentos igualmente importantes da história dos jerónimos..., uma história que, como todas, não é linear no seu fluir..., mas que, tendo à partida, um certo «atraso» em relação a outras ordens e situações, evoluiu, em linhas gerais, em consonância com umas e outras, integrando nos seus ideais muito do que inicialmente rejeitava como estranho à sua vocação, vocação que se definia, proclamadamente, na solidão e na permanente atenção prestada ao culto divino e ao seu rigoroso esplendor. E, assim, à parte alguns casos de ermitãos que tinham alguns livros, como os que estiveram na base da fundação de Yuste, de refractários a estudos e títulos académicos, vão valorizando, cada vez mais, as livrarias..., vão abrindo colégios — as vicissitudes (avanços e dificuldades) da fundação do colégio de Vitoria em Salamanca ou a de S. Jerónimo em Coimbra... e de outros¹², não serão um resultado desse ir-se polemicamente abrindo

¹⁰ JIMÉNEZ DUQUE, B., «Reina Católica», IV (1967) 5 pág. 12; *Fuentes de la Espiritualidad Jerónima*, *Studia Hieronymiana*, ed. cit., I, pág. 109.

¹¹ CHAUNU, P., *Le Temps des Réformes — I — La Crise de la Chrétienté 1250-1550*, Editions Complexe, s.a.n.l., pág. 130; MARQUES, A. H. Oliveira, *A Pragmática de 1340*, in «Ensaio da História Medieval Portuguesa», Ed. Vega, (Lisboa, 1980), pág. 106 aponta, no mesmo sentido, mas desde perspectiva diferente, à mesma conclusão.

¹² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo*, Madrid, Casa Editorial Bailly-Baillière, 1902 (2.^a ed. publicada por D. Juan Catalina Garcia) N.B.A.E. vols. 8 e 12, (Citaremos sempre por esta edição e por simples comodidade limitar-nos-emos a remeter para o volume e página), ocupa-se largamente das vicissitudes da fundação do Colégio de Vitória de Salamanca (I, págs. 127, 140, 141), e resume, em capítulo dedicado a essa fundação os *mil tropieços* que se lhe foram levantando (II, págs. 18-20); refere tentativas, mais ou menos efímeras ou totalmente frustradas em Benavente (II, págs. 94-95); em Segovia (I, pág. 532), em Valladolid, que seria fundação de D. Beatriz

aos novos tempos..., desse abrir-se a algo que não estava, praticamente, contido nas virtualidades iniciais...?—, vão sentindo o crescer da segunda geração em que o grupo de letrados é mais notável — o choque de Fernando Yañez com Fr. Fernando de Valencia e Fr. Alfonso de Medina talvez o ilustre ¹³ —, vão disputando, alguma vez com estrondo, postos universitários — pensemos no episódio Fr. Heitor Pinto *versus* Fr. Luis de León ¹⁴ — ao arripio de mestres salmantenses que tinham, um dia, renunciado à cátedra para se silenciarem, primordialmente, no culto divino... ¹⁵. Chegarão até, em plenos séculos XVII e XVIII, à presidência de academias mais ou menos mundanas e a publicar os resultados literários de tais presidências e celebrações... ¹⁶. E esta evolução que delineámos ao nível do cul-

Galinho (II, págs. 85, 90); em Valencia (II, pág. 133); estuda o mais firme colégio-universidade jerónima, em Sigüenza (II, 27-29, 59, 91) e alude aos colégios universitários portugueses da Costa e de S. Jerónimo de Coimbra (II, pág. 124). Sobre estes últimos colégios podem ver-se ainda as anónimas *Memórias dos Estudos em que se criaram os monges de S. Jeronymo e as suas mudanças desde o tempo da sua fundação em Portugal, athe o feliz reynado do Fidelíssimo Sñr Rey D. José o Primeiro que Deos guarde* [Escritas em 1772], publicadas por Joaquim de CARVALHO, no «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, VI (1921), págs. 202-276; VII (1925), págs. 233-257 e MOREIRA DE SÁ, A., *A Universidade de Guimarães no século XVI (1537-1550)*, Paris, Centro Cultural Português, 1982.

^B REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 249-250.

¹⁴ CARVALHO, Joaquim de, *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XVI*, vol. II, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1948, págs. 73-78.

¹⁵ Fr. JOSÉ DE SIGUENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., págs. 538-541 refere os casos de Fr. Gonçalo de Frias e de Fr. Pedro de Miranda. Sobre estes dois antigos universitários salmantinos pode consultar-se, ANDRÉS, Melquíades, *La Teologia Espanola en el siglo XVI*, Madrid, B.A.C., 1976, I, págs. 168-169.

¹⁶ Fr. Simão ANTÓNIO DE SANTA CATARINA (t 16-V-1733) não só publicou as suas *Oraçoens Academicas recitadas nas tres Academias onde foy Académico*, Lisboa, Off. da Musica, 1728 e as suas *Rimas Sonoras. Segunda Parte das Obras Academicas*, Lisboa, Officina Augustiniana, 1731 (D. MACHADO, Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa MDCCLII (aliás, Coimbra, Atlântida Editora, MCMLXVI), III, págs. 709-710, mas também deixou inéditas outras várias de carácter jocoso e costumbrista (a julgar pelos títulos que traz Barbosa Machado, entre eles a *Novela Despropositada* publicada com prefácio e notas de Nuno Júdice, Lisboa, Assírio e Alvim, s.a.).

A este propósito, permita-se-nos adiantar que temos em preparação um esboço da bibliografia jerónima portuguesa e que, com o apoio de vários colaboradores do Instituto de Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras do Porto, estamos a organizar uma bibliografia cronológica da História da Espiritualidade em Portugal nos séculos XVI e XVII.

tural em sentido amplo — é o nosso ponto de observação —, poderíamos também observá-la, como sugerimos, ao nível do económico — da esmola de diversos tipos, rarissimamente da mendicância, e da propriedade fundiária à fundação de renda em padrões de juros..., à exploração laneira nos meândros da Mesa.... Apesar de tudo, para além das evoluções que Fr. José de Sigüenza permite seguir, a outros níveis e matizes, rotulando-as, muitas vezes, de «decadência», há algo que permanece fiel — a sua «radicalidade» em Espanha e a fidelidade à sua vocação de ordem dedicada ao louvor divino, finalidades que o mesmo cronista não se cansa de proclamar e de ilustrar...

Como deixámos aludido, o nosso tempo será, portanto, em comparação com as obras anteriores, ainda mais curto... Um tempo breve, difícil de captar e, por isso mesmo, obrigando a ampliar, alguma vez, o facto ou a reduzir, analiticamente, os dados.... Tentaremos, conjugando alguma documentação já aduzida ou aludida, aproximar-nos, um pouco mais, dessa figura ibérica — pela sua dimensão espiritual e pela sua biografia — que foi Fr. Vasco.... Fr. Vasco... Martins...?, da Cunha...?, de Sousa...? — Fr. Vasco de Portugal, como aparece algumas vezes em documentos e crónicas. E talvez seja, por agora, a identificação que mais lhe convém e a que, dadas as suas características de *namorado português*, segundo Sigüenza, mais se lhe adaptará.... Fr. Vasco é, com Pedro Fernández Pecha e Fernando Yañiez de Figueroa, um dos pilares da ordem de S. Jerónimo e se a importância se pudesse medir pelo número de páginas que na *Historia de la Orden de San Jerónimo* se lhes dedicam, talvez fosse mesmo o principal.... Não o foi do ponto de vista de actividade fundacional — não fundou tanto como Fr. Pedro de Guadalajara —, mas, talvez, tenha sido, pela sua vinculação profunda às origens das origens uma presença e uma pauta insofismáveis e enformadoras...

Em função do que acabámos de expor, apontemos e ordenemos os poucos documentos e dados seguros que possuímos sobre Fr. Vasco, pois talvez haja não só que rever algumas tradições — relativamente recentes... —sobre a sua genealogia, por exemplo, mas também que interpretar, com um pouco de rigor, alguns documentos conhecidos.

Para tal efeito, será recomendável começar por rever as diferentes fontes documentais e seus géneros que para referir o homem e obra se têm utilizado.

Do ponto de vista documental talvez se justifique assinalar, em primeiro lugar, o que nos resta em documentos originais seus contemporâneos que directamente lhe dizem respeito:

- uma escritura de compra¹⁷;
- uma tomada de posse dum mosteiro¹⁸.

A estes dois documentos juntemos, sem discutir, neste momento, o que deles lhe pertence,

- três poemas,
- duas cartas

que conhecemos por cópias publicadas no século XVII¹⁹.

A esses mesmos dois documentos que, curiosamente, cobrem dois momentos da sua actividade fundacional na Península Ibérica, há que juntar outras fontes que a Fr. Vasco se referem ou dele tratam, não sendo, porém, suas contemporâneas:

- *un quaderno antiguo en el archivo de S. Bartholomé, escrito de más de dozientos anos...*²⁰
- *un quaderno antiguo del archivo de S. Bartholomé de Lupiana...*²¹
- *un quaderno antiguo en que está escrita su vida, que le enviaron mas ha de ciento y veinte años ai monasterio de*

¹⁷ A Escritura de Compra de Penhalonga por Fr. Vasco (A.N.T.T., Penhalonga, M.I. n.º 10) foi publicada pelo meu prezado Colega Prof. Doutor Cândido dos SANTOS, na sua obra *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., págs. 259-261.

¹⁸ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 260 localiza este documento no A.H.N.—Madrid — Códice 233B/8-10.

¹⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 198-205 copia, como se sabe, dois desses poemas e traduz um terceiro; CARDOSO, Jorge, *Agiologio Lusitano dos Santos e Varões Illustres em Virtude do Reyno de Portugal e suas Conquistas...*, Tomo I, Lisboa, Off. Craesbeeckana, 1652, págs. 27-29 e 390-391. Nunca será demais exaltar, mesmo que se lhe reconheçam limites e limitações, a obra de Jorge Cardoso que no seu afã de recolher glórias e virtudes viu e copiou escrituras, cartas e variadíssimas documentação, tornando-se, assim, uma imprescindível fonte de notícias e documentos.

²⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 7.

²¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 95.

*S. Bartholomé, del convento de San Geronimo de Cordova...*²²

— *un escrito de uno de estos que alçançaran a los que le vieron...*²³

A esta documentação poderíamos ainda acrescentar outra sua ou sua contemporânea, mas hoje perdida:

— cerca de oitenta poemas²⁴,

— uma biografia escrita pelo seu discípulo Fr. Lourenço e destruída pelo próprio Fr. Vasco²⁵.

No seu conjunto, toda esta documentação só poderá dizer-se relativamente escassa se atendermos à importância que toda a historiografia jerónima sempre atribuiu a Fr. Vasco, bem como à sua discreta (e tardia) actividade de fundador: três (talvez três...) mosteiros conhecidos.

Por outro lado, qualitativamente, os dois documentos que atestam a sua intervenção pessoal nessas fundações, são muito interessantes, pois, além de serem, como um símbolo dessa «união ibérica» por cima das fronteiras, permitem, enquanto marcos fixos do extremo da sua existência, datar, com alguma aproximação, outros momentos da biografia de Fr. Vasco de Portugal. E a eles já se tem recorrido para tal fim²⁶.

A escritura de compra diz respeito, como se sabe, a Penhalonga e nela intervêm, em 5-VIII-1390, não só Fr. Vasco, mas também dois companheiros seus — Humberto (um nome a reter) e Antonino, sendo os três ditos da *vida ermitã dos pobres ermitães*²⁷. A tomada de posse, como foi recentemente revelado, refere-se à de Valparaíso que lhe foi conferida por D. Fernando Biedma em 9-VII-1408.

As duas cartas e os três poemas que nos restam, se também são conhecidos, nunca foram, porém, convenientemente, tidos em consideração e cremos serem dois tipos de documentos a que convirá

²² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 97.

²³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

²⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

²⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

²⁶ SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 6.

²⁷ SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 259.

conferir toda a sua importância: além de serem os únicos escritos de Fr. Vasco actualmente conhecidos, podem, lidos com algum cuidado, indiciar não só relações, mas ainda orientações espirituais do seu autor que é necessário ter presentes. Com tal não sugerimos que anulem ou modifiquem substancialmente tudo o que a historiografia dos jerónimos ou sobre os jerónimos acumulou amorosamente sobre a figura desse grande *patriarca* ibérico da segunda metade do século XIV..., mas ajudam a precisar e, talvez, a ver um pouco mais claro, através de indícios, a sua personalidade e a sua espiritualidade. E se não é possível datar os três poemas que, seguramente, não serão seus, pode adiantar-se desde já que as cartas se referem ao tempo em que Fr. Vasco vivia em Penhalonga...

O conjunto documental seguinte, merece, porém, alguns comentários. A nossa fonte de referência é, obviamente, como assinalámos, Fr. José de Sigüenza. O primeiro *quaderno antiguo*, do arquivo de S. Bartolomé de Lupiana, teria parecido ao cronista escrito há mais de duzentos anos.... Se assim fosse, poderia remontar aos tempos de Fr. Vasco.... E efectivamente remonta ainda aos seus dias ou muito perto, pois parece identificável com a relação que Fr. Antón de San Martin de Valdeiglesias nos deixou sobre as origens e os primeiros tempos do mosteiro de Guisando ²⁸ com o apoio de alguns testemunhos dos primeiros ermitãos — Fr. Juan de Bastida e Fr. Alonso de Salamanca (²⁹). Fr. Antón de San Martin que foi (1411-1418) monge de Guisando ³⁰ — onde havia, como veremos, uma tradição de ermitãos e monges portugueses — passou, depois, aos dominicanos, segundo alguns ³¹, aos franciscanos, segundo Sigüenza, quem atribui tal relação a um franciscano, se é a mesma coisa que esse *libro de las maravillas* de Guisando escrito por *un religioso de la orden de S. Francisco* (que) *fué hermitaño en estas cuevas de Guisando y despues tomó el habito de aquella santa religión...*³² Se a identificação é correcta — e tudo parece indicá-lo — teremos de concluir, pelo que Fr. José de Sigüenza dela aproveita, que não foi essa relação,

²⁸ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit, págs. 74, 159.

²⁹ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 159.

³⁰ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 159.

³¹ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 159.

³² Fr. JOSÉ DE SIGUENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 220 (conf. ainda I, pág. 223).

actualmente conservada³³, a sua fonte principal para o que narra com relação a Fr. Vasco sobre as origens dos jerónimos logo no começo da crónica propriamente dita da sua ordem. Se assim tivesse sido dificilmente se compreenderia por que não se utilizaram e não se submeteram tais documentos a qualquer crítica recentemente. A sua fonte, para esses dados relativos a Fr. Vasco de Portugal, parece, efectivamente, ser outra: o *quaderno antiguo del archivo de S. Bartholomé de Lupiana...*, que não deverá ser o já referido, mas o seguinte, isto é, aquele *quaderno antiguo en que está escrita su vida, que le enviaron mas ha de ciento y veinte anos al monasterio de S. Bartholomé, del convento de San Geronimo de Cordova...*, que Sigüenza utiliza abundantemente ao tratar da primeira fundação de Fr. Vasco — Penhalonga³⁴ e mesmo de Valparaíso³⁵. A olhar à antiguidade que o cronista lhe atribui — mais de 120 anos — e aceitando, contudo, o impreciso destas afirmações, também aqui estaríamos em tempos ainda muito próximos de Fr. Vasco.... A ser assim, poderíamos identificar este *quaderno antiguo* com aquele escrito desse alguém que escreveu em tempo e sob o «ditado» de quem ainda conheceu o fundador de Penhalonga, Mato e Valparaíso e que, como o declara, é a principal fonte de Fr. José de Sigüenza para o que ao grande ermitão português se refere. Desse *original* — devemos tomar o termo à letra? — de qualquer maneira há que reter a informação — *será lo que aqui dixere, y del mismo fue lo que arriba dixere*³⁶, precisão muito importante, pois confirma que este *quaderno antiguo* que se guardava igualmente em S. Bartolomé de Lupiana era esse escrito de alguém que conheceu aos que conheceram Fr. Vasco.

Não sabemos do destino posterior de tal documento, mas talvez possamos aproximar-nos um pouco da sua génese. Se tal relação veio de Valparaíso — e nada há que leve a duvidar da afirmação e prespicácia de Fr. José de Sigüenza — o relator e os seus informadores deveriam ser também de Valparaíso. Os informadores — aqueles que ainda conviveram com o *santo viejo* — seguramente. Ora, se tudo

³³ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 75, 159 indicamos que se conserva no A.G.P. (Madrid), leg. 1.790.

³⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 95.

³⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed., cit., I, págs. 137, 139, 143.

³⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

parece indiciar que tal memória se terá escrito aquando da ordem do geral Fr. Alonso de Oropesa em 1459 — os 120 anos que Sigüenza atribui a tal escrito conduzem-nos igualmente a estas datas — de que se escrevessem as vidas dos religiosos de cada casa ³⁷, também alguns dados, se não tudo, sugerem que entre esses informadores se encontrariam, pelo menos, Fr. Diogo de Palma, *gran siervo de Dios y principal religioso de aquella casa* ³⁸, que recebera, jovem, o hábito das mãos do próprio Fr. Vasco ³⁹, e Fr. António de Vaena — ou de Viana, segundo alguma correcção portuguesa tardia ⁴⁰ — que *quando era ya viejo contava a los otros mancebos religiosos* alguns lances e orientações de gestos e princípios de espiritualidade do fundador do mosteiro jerónimo cordovês ⁴¹. Poderão bem ter sido estes — quase diríamos que foram estes... — dois monjes em quem, principalmente, se terá fundamentado esse anónimo monje que ainda conheceu alguns dos que ainda receberam orientações e exemplos de Fr. Vasco. E ambos seriam duas preciosas fontes de informação: se o primeiro o conheceria melhor do que ninguém, porque, saudoso da sua presença, espreitava pelas frestas da porta da cela de Fr. Vasco para o poder contemplar ⁴², o segundo sofreu, heroicamente, uma célebre provação de vocação imposta pelo prior de Valparaíso no início da sua entrada no mosteiro ⁴³.

De tudo isto, talvez se possa aceitar que os dados e visão que Fr. José de Sigüenza nos transmite acerca de Fr. Vasco Martins correspondem, tal como os dois documentos notariais referidos em que intervem, a um período final da sua vida e obra, mas, em todo

³⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 205.

³⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 190.

³⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 471.

⁴⁰ CUNHA, D. Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa. Vida, e Açoens de seus Prelados, e Varões Eminentés em Santidade, que nella florecerão... Primeiro Volume...* Lisboa, Manoel da Sylva, anno 1642, Parte II, Cap. LXXXV, 253v.

⁴¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 196.

⁴² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 472 (conf. ainda I, pág. 191).

⁴³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 196.

o caso, sempre muito importantes, pois traduzem mesmo sob um alo hagiográfico e nostálgico, a visão dos seus contemporâneos. Daí, também como sublinhámos, a importância das duas cartas e dos três poemas, que são o único de verdadeiramente seu que nos queda. Talvez nos remetam — quase estaríamos em afirmar que nos remetem — para um período anterior..., para os seus tempos eremíticos. Os poemas, pelas suas origens literárias, com certeza.

Quanto aos documentos perdidos não cabe mais do que lastimar a sua destruição: voluntária e decidida por Fr. Vasco pelo que à sua «vida» diz respeito, já que escrita pelo seu discípulo Fr. Lourenço, um português que o acompanhou para Córdova, aí lhe sucedendo como prior, se bem que fixando-se posteriormente em Portugal⁴⁴, seria uma fonte de indiscutível interesse; pelo tempo, os poemas, conjunto vasto — mais de oitenta — que Fr. José de Sigüenza ainda leu e donde recolheu os três que nos copiou.

Não retivemos, como se terá notado, um documento de 1387 (8 de Agosto), pois, tal como se conhece, não diz propriamente respeito a Fr. Vasco, mas sim aos beneficiados de S. Pedro que, cada sábado, iam dizer missa à ermida de Penhalonga antes de esta ter frades.... Foi a esses beneficiados e não aos monges jerónimos que em 1387 mandou D. João I de Portugal dar um moio de trigo anual...⁴⁵. De qualquer modo, o documento tem algum interesse, pois se poderá, algum dia, servir para ajudar a datar a instalação de ermitãos em Penhalonga, pode desde agora deixar entender que já então havia, pelo menos, a possibilidade de alguns ermitãos aí se recolherem disfrutando de um certo apoio espiritual.

Esta referência permite-nos, chamando a atenção para outro documento que tem sido pouco utilizado⁴⁶, aludir à questão dos

⁴⁴ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 467.

⁴⁵ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit. págs. 75 e 257, chamou a atenção para este documento apontado por PINHO LEAL no seu *Portugal Antigo e Moderno...* Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, vol. II, pág. 302, mas não terá reparado no verdadeiro sentido do documento aludido.

⁴⁶ SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 6, seguindo, ao parecer, a lição abreviada e nem sempre correcta de CARDOSO, Jorge, *Agiologio Lusitano...* ed. cit., I, pág. 389, apontou a importância deste documento (A.N.T.T., Chancelaria de D. Fernando, Liv. 2, fol. 31v.) e dele se serviu para tentar determinar a data do regresso de Fr. Vasco a Portugal.

primeiros jerónimos em Portugal, problema complexo que não tem sido assim encarado.

Tem-se dito, e não há por que contestar, que, apesar da bula *Salvatoris Humani Generis* (1373) de Gregório XI autorizar a Fr. Pedro de Guadalajara a fundação de dois mosteiros em Portugal, as casas portuguesas não foram erguidas com base nesse documento papal, mas, mercê do grande cisma ocidental, pela aplicação da bula *Piis Votum Fidelium* (1-IV-1400) que Bonifácio IX para tal concedeu a Fernando João, presbítero de Coimbra, companheiro, segundo as fontes jerónimas, de Fr. Vasco⁴⁷. Se isto foi verdade, pelo que à fundação canónica dos mosteiros diz respeito, tal não terá, porém, impedido que desde 1378, invocando precisamente a autorização de Gregório XI e aludindo à *Ordem de sam geronymo que ora novamente foe edificada pollo papa gregorio XI*, o rei D. Fernando de Portugal concedesse a Lourenço Eanes, ermitão, o paço de Frielas (termo de Loures) para *edificar nos dictos paaços hum moesteiro da dicta ordem de sam geronymo* dentro do prazo de ano e meio a contar da data desse privilégio real. Caberia ao bispo de Lisboa, por disposição real, confirmar o prelado do mosteiro. Ora, é importante notar, como já se fez, que neste momento, como depois em 1400, não é Fr. Vasco quem aparece como fundador ou mesmo organizador da fundação, mas sim, como também o será depois, alguém que esteve em relação com ele e que, neste caso, é reiteradamente apresentado, pelas fontes jerónimas, como seu estreito discípulo. Este dado não só poderá ajudar-nos a confirmar que em 1375, como permite suspeitar um documento papal desse ano, Fr. Pedro de Guadalajara pensava fundar em Portugal como lhe tinha sido concedido⁴⁸ — e a concessão pressupõe um pedido e este algumas condições e relações para tal —, mas também permitir afirmar que três anos depois, em 1378, Lourenço Eanes esteve a ponto de se tornar o fundador dos jerónimos portugueses e, ao parecer, na linha de irradiação de Fr. Pedro Fernández Pecha. Donde viriam a Fr. Lourenço Eanes estas ligações com a recém-fundada ordem jerónima? — Lembremos aqui apenas — ten-

Teremos de discutir este ponto. E, por se tratar dum documento importante, publicamo-lo em Apêndice, desde já agradecendo ao meu estimado Colega Doutor José Marques a amabilidade com que nos obteve uma fotocópia do mesmo.

⁴⁷ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 154; SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 7.

⁴⁸ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 258.

taremos ir um pouco mais longe depois — que Fr. Vasco não percorreu sozinho os caminhos de ida e volta em direcção ao eremitismo italiano.... De todos os modos, e para além de outras sugestões que possa fornecer em relação a Fr. Vasco, o documento que vimos referindo autoriza a alargar um pouco mais os horizontes da génese dos jerónimos portugueses, lançando um pouco mais de luz, ténue embora, sobre algumas relações possíveis entre os dois lados da fronteira e levando a aceitar que, também aqui, a divisão da obediência ibérica entre Roma e Avinhão poderá ter sido *uma* causa eficaz no atrasar da fundação dos primeiros mosteiros jerónimos em Portugal.

Dum ponto de vista biográfico é o segundo conjunto documental que fornece a maioria dos dados sobre a vida de Fr. Vasco de Portugal, mas, como acontece tantas vezes na literatura hagiográfica, não adianta dados capazes sobre a sua família..., a sua existência anterior ao facto decisivo da sua «conversão».

Quem era, dum ponto de vista genealógico, Fr. Vasco? — A tradição da historiografia jerónima baseando-se, certamente, em relações ou tradições mais antigas, informa — e nisto coincidem Fr. Pedro de la Vega e Fr. José de Sigüenza — que *era de noble sangre...*, adiantando o segundo cronista ser *del linaje de los Vascos* sem ter em conta a informação anterior de que descendia dos (=duns?) condes de Portugal...⁴⁹ Naturalmente que tais filiações são puras imprecisões..., mas serviram no século XVII para o entroncar, com salvaguardas e afirmações de que se tratava de simples conjecturas, na genealogia dos Vasques da Cunha, senhores de Tábua, com descendência nos condes de Valencia de D. Juan e Buendia⁵⁰ e em Portugal em ilustre nobreza... O mais destacado autor de tais conjecturas, D. Ro-

⁴⁹ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo* (1539), cap. XXXVII, fl. xxxiii v. Cunha, D. Rodrigo, *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, ed. cit., vol. I, Parte II, cap. LXXXIV, pág. 251 r.

⁵⁰ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 251 publica, a propósito de Fr. Fernando de Valência, um quadro genealógico que permite seguir alguma da descendência destes Vasques da Cunha nos Condes de Valencia de Don Juan. Seria este o foco da divulgação da genealogia que sugere D. Rodrigo da Cunha?

drigo da Cunha, arcebispo de Lisboa, na sua *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, cuja principal fonte, para este assunto, são os dois cronistas jerónimos, prefere, apesar das dificuldades que se lhe depa-
raram em tal filiação, avançar, assim logrando a glória dum santo tanto para a sua família⁵¹ como para ele mesmo, já que, por conjectura, naturalmente..., ao santo o passava a unir grande parentesco por varonia...⁵². Tais conjecturas, como lealmente confessa o arcebispo, passaram a certeza e assim as aceitam não só o autor das *Memórias dos Estudos em que se criarão os monges de S. Jerónimo*, importante fonte para a história da ordem de S. Jerónimo em Portugal, mas também, no seu rasto, trabalhos recentes⁵³. Qual o valor de tais conjecturas? — Hoje por hoje parecem de reduzidíssimo valor e dos grandes genealogistas portugueses nem Alão de Moraes nem Felgueiras Gayo dão qualquer possibilidade a tal filiação, conhecendo embora as sequências genealógicas que aponta D. Rodrigo da Cunha⁵⁴. No entanto, não sabemos com que fundamento documental, Fr. Vasco também surge como Vasco *de Sousa* na obra que recentemente foi dedicada aos jerónimos em Espanha⁵⁵. Com o mesmo fundamento de D. Rodrigo da Cunha, também é possível encontrar na família dos Sousas, em tempos bem próximos aos de Fr. Vasco, outros Vascos Martins de Sousa...⁵⁶ Haverá que investigar tal filão? — Talvez...⁵⁷

⁵¹ CUNHA, D. Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Lisboa...*, ed. cit., vol. I, Parte II, cap. LXXXIV, págs. 251r-251v.

⁵² CUNHA, D. Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Lisboa...*, ed. cit., vol. I, Parte II, cap. LXXXIV, pág. 252r.

⁵³ SANTOS, Cândido dos, com alguma reserva, admitiu estas sugestões do Arcebispo de Lisboa e do autor das *Memórias dos Estudos...*, conf. *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 6.

⁵⁴ MORAES, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana (Nobiliário de Famílias de Portugal)*, Porto, Livraria Fernando Machado, s.a., III, 1, págs. 456-457; FELGUEIRAS GAYO, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Braga, 1940, X, págs. 14-145.

⁵⁵ REVUELTA, Josemaria, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 75, 257.

⁵⁶ FREIRE, Anselmo Brancamp, *Livro Primeiro dos Brasões da Sala de Sintra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921 (Sousas), págs. 75, 257.

⁵⁷ Curiosamente, Fr. MANUEL DA ESPERANÇA na *Historia Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal, Segunda Parte*, Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello, 1666, cap. II, pág. 351 aponta não só a possibilidade de Fr. Vasco descender dos Cunhas, mas também dos Faros. Para esta última hipótese remete para a *Corographia* (Coimbra, 1561) de Gaspar BARREIROS, obra para que também envia D. Rodrigo da Cunha, ao aludir à possibilidade *ser filho de algum senhor titular...* Esta última opinião

Mas, Fr. Vasco Martins..., Fr. Vasco Martins da Cunha..., Fr. Vasco de Sousa..., por nós, hoje por hoje, preferimos defini-lo como Fr. Vasco de Portugal... Aliás, dir-se-ia ser esta a maneira como foi mais conhecido nos seus dias...

Se da família do fundador dos jerónimos portugueses nada podemos adiantar, sobre a sua «pátria» também não iremos muito mais além. D. Rodrigo da Cunha, talvez no compreensível afã de conquistar igualmente glórias para a sua diocese, diz *parece* ter sido natural de Lisboa...⁵⁸, mas na escritura de compra de Penhalonga, documento que talvez já tenha conhecido Fr. Manuel da Esperança, o autor da *Crónica Seráfica*⁵⁹, como o conhecerá o compilador das *Memórias dos Estudos em que se criaram os monges de S. Jeronymo, di-lo natural de Leiria*⁶⁰. Não sejamos hipercríticos e aceitemos que *natural* indica aqui, como normalmente, a naturalidade, isto é, o lugar de nascimento e não o lugar donde veio... ou onde teria vivido há muito...⁶¹ Seria este o primeiro dado certo que nos autoriza a dizê-lo de Portugal. Sobre o tempo de seu nascimento e morte não nos demorem... Qualquer das datas avançadas — desde o «reinado de D. Diniss» até 1304 para o nascimento⁶² não passam de outras tantas conjecturas baseadas em conjecturas mais antigas..., mas, à falta de outras precisões, aceitemos que terá morrido pelo tempo da união da ordem—1415 — como pretende Sigüenza fazendo-se eco

parece tê-la recolhido Gaspar Barreiros em Guadalupe (*Corographia de Alguns Lugares...* Coimbra, por João Alvarez, 1561, aliás, Por Ordem da Universidade, Coimbra, 1968, pág. 32v.), ainda que sobre a primeira nada tenhamos encontrado, ao invés do que afirma Fr. Manuel da Esperança.

⁵⁸ CUNHA, D. Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Lisboa...*, ed. cit., vol. I, Parte II, cap. LXXXXIV, pág. 251R.

⁵⁹ FR. MANUEL DA ESPERANÇA, *Historia Seráfica...*, *Segunda Parte...*, ed. cit., cap. II, pág. 351.

⁶⁰ *Memórias dos Estudos...*, «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», vol. VI, 1921, pág. 202.

⁶¹ Não seria de esperar que, seguindo um costume divulgado na Ordem, Fr. Vasco fosse conhecido por Fr. Vasco de Leiria como Pedro Fernández se chamou de *Guadalajara*? Conhecemos, ao acaso, Fr. Pedro de Madrid..., Fr. Pascual de Ledesma..., Fr. Alonso de Carrión..., etc. (REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 138); certo é que conhecemos também Fr. Fernando Yañez...

⁶² CUNHA, D. Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Lisboa...*, ed. cit., vol. I, cap. LXXXXIV, pág. 251r (conf. cap. LXXXXV, pág. 252r).

de uma tradição que remontará ao próprio mosteiro de Valparaíso...⁶³. Poderá sempre, contudo, perguntar-se se seria a avançada idade de Fr. Vasco... ou o não haver prior em Valparaíso — como quer Fr. José de Sigüenza — ou antes a morte de Fr. Vasco que fez com que ao capítulo de união—1415—fosse enviado por esse mosteiro Fr. Rodrigo, um discípulo do fundador... Sendo nessa altura Fr. Vasco de Portugal o único sobrevivente dos três grandes ermitãos que representariam o espírito primigénio da ordem fundada em 1373 — Fr. Pedro de Guadalajara tinha morrido em 4-XI-1402⁶⁴ e Fr. Fernando Yañez em 25-1412⁶⁵ — só a muita idade ou a sua morte teriam, seguramente, impedido a sua presença nessa importante reunião. Mas porque não haverá qualquer referência à sua ausência se ainda vivia em 1415?—Pela mesma razão por que não há qualquer referência a Fr. Pedro Fernández Pecha e a Fernando Yañez... porque já não pertenciam a este mundo?⁶⁶ — Mas contas feitas, Fr. Vasco, ainda assim, teria vivido bem o século, como assinala Fr. José de Sigüenza⁶⁷. De qualquer modo, é interessante anotar que ou o carácter de Fr. Vasco — não é em vão que, dos grandes, foi o que se diria ter tido uma vida mais irrequieta: Itália..., Espanha..., Portugal..., de novo Espanha..., com alguns choques e desilusões com autoridades e discípulos — ou a situação periférica e recentíssima da sua fundação não favoreceram, pelo menos ao nível das crónicas, a sua apresentação como grande fundador — está muito longe da audácia e actividade de um Fr. Pedro de Guadalajara ou do espírito organizativo e estruturador dum Fr. Fernando Yañez⁶⁸ — aparecendo, porém, sempre a sua figura como a grande portadora duma, talvez melhor do que da, espiritualidade dos jerónimos desses primeiros tempos.

Na formação desta espiritualidade há um facto decisivo: a sua passagem a Itália. É o começo de um itinerário de mais de sessenta anos através de Itália e Espanha com poucas datas e lugares indubitavelmente seguros. E um itinerário que começa algures em Portugal

⁶³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 198.

⁶⁴ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 206.

⁶⁵ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 213.

⁶⁶ CARDOSO, Jorge, *Agiologio Lusitano*, ed. cit., I, pág. 20 traz a sua comemoração litúrgica a 3 de Janeiro. Tradição de Valparaíso?

⁶⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., págs. 9, 198.

⁶⁸ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 214-216.

e termina, como sugerimos, à volta de 1415 junto a Córdova.... Mas não adiantemos.

Em que data partiu? — Nenhum biógrafo a aponta, mas sempre se insiste na juventude de Fr. Vasco. Fr. Pedro de la Vega informa, sem qualquer argumentação justificativa, que *en Italia, tomo el habito de la vida pobre siêdo muy moço...*⁶⁹ e Fr. José de Sigüenza, talvez perante a vaguidade das suas fontes, oscila entre os 15 e os 20 anos...⁷⁰, calculados partir dum dado relativamente seguro — mesmo sabendo o relativo do relativo de tais informações na Idade Média e ainda depois⁷¹ — na medida em que provinha ou do próprio Fr. Vasco ou de companheiros seus: os trinta e tal anos que terá passado em Itália por referência à data, relativamente aceitável, em que parece ter-se decidido a passar a Portugal—1355/1356, elemento em que se têm baseado, como dissemos, as propostas do tempo de seu nascimento..., o que nos remete para cerca de 1325... Mas, contas feitas, atendendo a todos os dados, há que aceitar que Fr. Vasco se dirigiu a Itália na sua adolescência ou extrema juventude, verificação que leva a pôr, com maior acuidade, a questão das circunstâncias e causas próximas de tal decisão. Sobre umas e outras, porém, o silêncio é total. Sigüenza, uma vez mais, talvez porque as suas fontes não permitiam outra conclusão ou outras sugestões, limita-se a enquadrá-las na busca do bem que desde os primeiros anos orientava Fr. Vasco...⁷². Os outros relatos, nomeadamente a importante notícia devida a Fr. Antón de San Martin, não parecem demorar-se sobre o assunto...⁷³. E, no entanto, por elementos dispersos fornecidos pela documentação disponível e que Sigüenza apro-

⁶⁹ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden dei Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. XXXVII, fl. xxxiii v.

⁷⁰ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 9, 186, 198.

⁷¹ MURRAY, A., *Razón y Sociedad en la Edad Media*, Madrid, Taurus (1983), págs. 197-203 assinalou, com brilho, este ponto, e Ivo Carneiro de SOUSA, em *Aritmética Comercial e Cultura Mercantil no século XVI (Hipóteses para uma investigação)*, apresentado à Faculdade de Letras do Porto (1984) como trabalho de síntese das Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica abordou inteligentemente a mesma questão com base em textos portugueses.

⁷² FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 6.

⁷³ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 75, 257.

veita muito bem, ainda que dispersamente, podemos supor que Fr. Vasco não partiu sozinho para Itália... Há alusões a um ou outro companheiro na sua viagem de ida, especialmente esse Fr. Rodrigo, o Lógico ⁷⁴, o que poderia indiciar ser este também português, e a quem estará reservado um papel importante em determinações posteriores de Fr. Vasco. E pode muito bem ser verdade que alguns que com Fr. Vasco foram a Valparaíso já o tivessem acompanhado desde Itália. Teremos de discutir, mais tarde, algumas dessas possibilidades. Por agora haverá que salientar que, sozinho ou em grupo, a ida de Fr. Vasco pressupõe a existência no Portugal — na Ibéria — dos seus dias numa corrente espiritual atraída por Itália, corrente essa, que como ficou sugerido, ele talvez não tenha inaugurado, mas sim, como outros antes e depois dele, engrossado, pois sabemos, como relatam todas as fontes, que de Itália regressaram a Espanha, em diferentes momentos, pequenos grupos de portugueses, castelhanos e, provavelmente, de outros reinos peninsulares ⁷⁵, juntamente com alguns italianos ⁷⁶, conhecidos, todos, na tradição da ordem, como os *hermitaños de Itália...* e, segundo Sigüenza, assim se definindo...". Neste momento, e enquanto não é possível determinar, com alguma precisão, as circunstâncias que favoreceram a atracção dessa corrente peninsular por Itália, limitemo-nos a evocar essa Itália que Fr. Vasco e outros — seus companheiros ou não — buscavam. Talvez, por reflexo, se possa vislumbrar o pano de fundo em que se inscrevia, desde Portugal, a sua decisão.

Felizmente a historiografia jerónima e as fontes em que se apoiou guardaram e exaltaram o nome que, pelo menos durante

⁷⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 239.

⁷⁵ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 76.

⁷⁶ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., I, pág. 75 informa que *las fuentes documentales corroboran por los apellidos de algunos de ellos que, en efecto, eran italianos*. Lastimamos que não tenha citado alguns desses apelidos. Aparecerá, entre eles, Fr. Pedro Román, o único que Fr. José de Sigüenza aponta como provável italiano?

⁷⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 6.

algum tempo, atraiu Fr. Vasco e alguns dos seus companheiros e justificou o seu regresso: Tommasuccio de Siena ou de Foligno, nascido à volta de 1319 pelos dias, portanto, em que Muzio di Francesco revolucionava a Umbria⁷⁸, e falecido em 1377⁷⁹. Não interessa repetir o que Fr. José de Sigüenza e outras fontes anteriores — e as posteriores que os copiam — trazem sobre a biografia — do emparedamento e outras formas de eremitismo até à pregação ambulante⁸⁰ — e o espírito de penitência e profecia do célebre ermitão italiano pertencente aos terceiros franciscanos — dado importante que já conhecia Sigüenza⁸¹ —, nem discutir agora a extensão e o alcance da influência da personalidade espiritual do franciscano italiano sobre Fr. Vasco. Digamos, no entanto, desde já, que terá, muito possivelmente, de ser tudo um pouco mais matizado do que essas fontes, no seu esquematismo, nos indicam. Mas interessa sublinhar a sua filiação nos franciscanos espirituais próximos — aceitemos a afirmação em

⁷⁸ VOLPE, Giacchino, *Movimenti Religiosi e Sette Ereticali nella società medievale italiana secoli XI-XIV*, Florença, Sansoni, s.a. 6.^a ed., 1977, pág. 192.

⁷⁹ IACOBIXI, Lodovico, *Vita del Beato Tomaso deito Tomasuccio del Terzo Ordine di San Francesco...*, Foligno, 1625, pág. 17 (ou 15? — há um salto de paginação) baseado em Fr. Giusto delia Rosa, discípulo e primeiro biógrafo de Tomasuccio, dá-o como nascido em 1319; AMONI, L. G., // *Profeta del Secolo XIV. Il beato Tommaso Unzio e il suo tempo*, Assisi, 1877, pág. 9, discutindo e tendo por equívoco o ano de 1309 proposto por L. Wading, defende igualmente 1319 como o do nascimento de Tommasuccio em Valmaccinaia, dando-o também por falecido em 1377 (ob. cit., pág. 248); REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos*, ed. cit. pág. 76, ainda que com base em outra bibliografia desta dependente. Agradeço vivamente aos meus colegas e amigos, Prof. Giovanni Caravaggi, da Universidade de Pavia, o imenso interesse que, num gesto exemplar de solidariedade universitária, pôs em facultar-me o microfilme da obra de Leopoldo Amoni, — e Dr. P. Fausto Martins, da Fac. de Letras do Porto, a gentileza tão pronta com que obteve uma reprodução da obra de Iacobilli e de outros documentos que utilizamos.

⁸⁰ IACOBILLI, L., *Vita del beato Tomaso...*, ed. cit., cap. IV a XX, págs. 31-94; FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 7 refere a mobilidade de Tommasuccio, sem, contudo, a relacionar com a pregação ambulante que tardiamente foi a sua vocação, antes a vendo como um sinal de humildade — *Mudava este santo con jacilidad el lugar de su morada, no por mudarse, sino por huyr la loa del mundo, yvase donde no le estimassen por las virtudes, ni le reverenciassen por los milagros que hazia...*».

⁸¹ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 6.

toda a sua latitude e vaguidade — da linha de Jacopone da Todi — o mesmo é dizer de algumas franjas mais ortodoxas dos discípulos de Angelo Clareno († 1337). É bem sabido como o espírito desse defensor estreme da extrema espiritualização dos franciscanos se comunicou dentro e fora de Itália, em Castela como na Galiza ou em Portugal, a alguns grupos de terceiros da mesma ordem⁸², bem como, por exemplo, a algumas correntes eremitas de Santo Agostinho⁸³. Foi entre estes, os *corvos*, no seu convento de Foligno que Tommasuccio quis ser enterrado, já que ali, à sua sombra, também, acolhedora em seus dias, de Angelo Clareno, tinha vivido os últimos tempos⁸⁴. A sua actividade de eremita e pregador foi, em larga medida, desenvolvida, além duma certa Toscana, nessa Umbria e nessas Marcas⁸⁵, território e terreno onde o espírito de Francisco de Assis continuava ainda, no século XIV, a ser, por vezes violentamente, disputado por grupos e grupúsculos de origem diversa mediante gestos e interpretações mais ou menos ortodoxas, mais ou menos aberrantes, mais ou menos políticas em que confluíam, em grau

⁸² BERARDINI, Lorenzo, *Frate Angelo da Chiarino alla luce della Storia*, Osimo, Edizioni «Pax et Bonum», 1964, págs. 267-268; PERARNAU, José, *Dos Tratados «Espirituales» de Arnau de Vilanova en Traducción Castellana Medieval*, in «Anthologica Annua», 22-23 (1975-1976), págs. 477-630, chamou igualmente a atenção para esses grupos, e para a sua acção espiritual e cultural — divulgadores, paradoxalmente de Arnaldo de Vilanova e de Raimundo Lúlio —, ao mesmo tempo que sublinhava a importância da sua confluência no horizonte espiritual dos primeiros jerónimos. O mesmo autor forneceu mais alguma precisão sobre o assunto ao tratar de novo do lulismo medieval em ambientes terceiro-franciscanos em *Cuatro Manuscritos Medievales del Lulismo Galaico-Portugués* in «Anthologica Annua», 28-29 (1981-1982) págs. 531-551 (conf. espec. págs. 532-533).

⁸³ BERARDINI, Lorenzo, *Frate Angelo da Chiarino alia luce della Storia...*, ed. cit., págs. 120, 121, 242, 243.

⁸⁴ Fr. MARCOS DE LISBOA, *Terceira Parte de las Chronicas de la Orden de los Frayles Menores del Seraphico Padre S. Francisco*. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1615, L. I, cap. 5, pág. 4 r.; IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., cap. XXII, pág. 106. Deverá notar-se que, segundo L. Iacobilli no cit. cap. Tommasuccio teria vivido os seus últimos anos à sombra do Hospital de Foligno junto ao convento dos agostinhos da mesma cidade tão ligada aos movimentos espirituais italianos.

⁸⁵ Também AMONI, L. C., *7/ Profeta del secolo XIV. Il beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., estuda em vários capítulos esta actividade de pregador que a partir de cerca de 1369 encetou Tommasuccio de Foligno (conf. esp. capítulos X-XXVI, págs. 59-91).

diverso, escritos autênticos ou apócrifos de Joaquim de Fiore⁸⁶, esse contemplativo e exegeta que se viu, ao longo dos séculos, envolvido em doutrinas que, à partida, nada tinham a ver com os seus escritos⁸⁷. São, como já se disse, os últimos fulgores duma longa situação anterior extremamente confusa, mas pujante⁸⁸, que se vai debilitando, no século XIV, tanto espiritual como «politicamente», quer pela acção inquisitorial..., quer pelo abandono a que os mentores foram sendo votados pelos protectores políticos...⁸⁹, quer, ainda, pela perda de chefes e apoios espirituais dizimados por essa peste (1348/1350)⁹⁰ que pelas reacções a todos os níveis que desencadeia, pode mesmo ser esquemática e dramaticamente considerada uma fronteira entre duas visões do mundo: o antes e o depois⁹¹. Lembremos que o tempo ibérico que consideraremos está largamente marcado por esse «depois»... Foi para essas zonas de Itália, já alguma vez classificadas como terras de *confusão babilónica*, que, nesses dias se dirigiram Fr. Vasco de Portugal e outros companheiros? — Muito possivelmente, mas com toda a certeza donde regressaram à Península Ibérica..., pois sabemos — e nada há que o obrigue a matizar que foi sob a influência duma profecia do último dos seus mestres, esse Tommasuccio de Siena — *O que veo al Espírito Santo descender sobre España...*⁹² — que, em momentos diferentes, mas

⁸⁶ BERARDINI, Lorenzo, *Frate Angelo da Chiarino alia luce delia Storia...*, ed. cit., págs. 40-42; VOLPE, G., *Movimenti Religiosi e sette ereticali nella società medievale italiana...*, ed. cit., págs. 115-125; DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore — I — de Joachim à Schelling*, Paris, Ed. Le Thielleux, s.a. (1978) pág. 112.

⁸⁷ DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 14-15.

⁸⁸ VOLPE, G., *Movimenti Religiosi e sette ereticale nella società medievale italiana*, ed. cit., pág. 191.

⁸⁹ VOLPE, G., *Movimenti Religiosi e sette ereticale nella società medievale italiana...*, ed. cit., págs. 135-154; 193-195 et passim.

⁹⁰ BERARDINI, Lorenzo, *Frate Angelo da Chiarino alla luce delia Storia...*, ed. cit., pág. 255.

⁹¹ CHAUNU, P., *Le Temps des Réformes*, ed. cit., págs. 184-186; Centro de Estudos Históricos — Faculdade de Letras de Lisboa, *Para o Estudo da Peste Negra em Portugal*, in «Actas do Congresso Histórico de Portugal Medievo» — I, «Bracara Augusta», XIV-XV, 1963, págs. 210-239 onde são abordadas algumas das consequências económicas e sociais, sobretudo, da peste negra entre nós.

⁹² FR. JOSÉ DE SIGUENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 7.

cronologicamente próximos⁹³, decidiram o seu regresso⁹⁴. Esta própria circunstância seria, em si mesmo, suficientemente indiciadora do terreno espiritual em que se inseriam, talvez já desde a sua partida para Itália, esses peninsulares: o franciscanismo espiritual disputante acerca da verdadeira interpretação dos escritos — regra e testamento — de Francisco de Assis com vista à determinação do sentido e alcance da estricte pobreza..., da prática da vida eremítica..., da vinda do anjo do sexto selo... ou reinado do Espírito Santo que não há porque identificar, em todos os casos, com o reino do Espírito Santo de Joaquim de Fiore...⁹⁵. P. J. Olivi e Ubertino de Casale, dois exemplos relevantes do espiritualismo franciscano, apesar dos seus matizes, talvez nada de essencial devam ao santo abade calabrês...⁹⁶, o que nos confirma que nem tudo, como, por vezes, se sugere, deriva, em tais meios, de J. de Parma ou de Gerardo de Borgo de San Donnino...⁹⁷. De qualquer modo, são esses alguns dos pontos nevrálgicos dum programa variado, talvez, melhor, de programas variados e variáveis que encerram uma esperança sempre

⁹³ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 76-77 onde apresenta algumas sugestões que serão, talvez, de rever no que se refere, pelo menos a Fr. Vasco de Portugal como teremos ocasião de mostrar.

⁹⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 6-9. Haverá que precisar que Tommasuccio de Siena nunca esteve, com relação à fundação dos jerónimos, na Península Ibérica como escreveu Américo Castro? Conf. *Aspectos del Vivir Hispánico...*, ed. cit., pág. 61, embora, como referiremos, seja de admitir uma peregrinação sua a Santiago de Compostela e a Monserrate, como traz IACOBILLI, L., *Vita dei Beato Tomasco...*, ed. cit., cap. X, págs. 58-60 e repete AMONI, L. C., *II Profeta del secolo XIV. II Beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., págs. 154-159.

⁹⁵ DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 94-96.

⁹⁶ DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 93-107; o estado da questão das interpretações da *Arbor Vitae* de Ubertino de Casale pode ver-se no cuidado trabalho de POTESTÁ, Gian Luca, *Un secolo di studi sull' «Arbor Vitae». Chiesa ed Escatologia in Ubertino da Casale*, «Collectanea Franciscana», vol. 47 (1978) 3-4, págs. 217-267.

⁹⁷ REEVES, Marjorie, *The Influence of Prophecy in the Latter Middle Ages...*, ed. cit., págs. 59-60, 187-188; DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 79, 90-91. Uma interessante, mas demasiadamente restricta, recolha de textos proféticos medievais anteriores e posteriores ao abade calabrês pode ver-se em *La Fin des Temps. Terreurs et Prophéties au Moyen Age*, Traduction et Postface de Claude Carozzi et Huguette Taviani-Carozzi, Paris, Stock/Moyen Age, s.a. (1982).

longínqua... em que a reforma espiritual convergiria, em mútuo apoio, por vezes, com a reforma política...⁹⁸. Tal programa e tal esperança, com mais ou menos incidência, encontraram, como se sabe, eco em toda a Europa dos séculos XIII e XIV e até de mais tarde⁹⁹, nomeadamente em Espanha através de canais diversos — Sicília..., Nápoles..., Maiorca..., Aragão...¹⁰⁰ — de signo rebelde e considerados, algumas vezes, mais próximos à heterodoxia ...¹⁰¹ ou de grupos mal conhecidos ainda como esses que formam os terceiros franciscanos também por Castela e Galiza, Catalunha e Portugal, divulgando textos de Arnaldo de Vilanova e de Raimundo Lúlio, ou os que, de base franciscana ou não, integram esses castelhanos, portugueses, aragoneses que deixaram o círculo de Tommasuccio.... Um reflexo da própria situação italiana onde as águas e as fronteiras espirituais nem sempre eram fáceis de discernir.... O próprio mestre espiritual de Fr. Vasco, Fr. Tommasuccio, numa época talvez posterior, é certo, à partida de discípulos seus para Espanha, não só continuaria a sua orientação espiritual, mas também, através da profecia, como atestam também algumas das poesias que se lhe atribuem, a «ver» uma reforma espiritual e política — um todo indedobrável — que haverá que inscrever no pano de fundo da luta entre Luis de Baviera e

⁹⁸ É o caso do *In Jeremiam* de Hugo de Digue, ou de Matilde de Magdebourg como assinala DE LUBAC, H., nessa obra capital, já algumas vezes por nós referida, *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 79, 90-91.

⁹⁹ REEVES, Marjorie, na sua já aludida obra, *The Influence of Prophecy in The Latter Middle Ages* e DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, estudam essa influência (e descendência) com conclusões, naturalmente, nem sempre coincidentes.

¹⁰⁰ REEVES, Marjorie, *The Influence of Prophecy in The Latter Middle Ages...*, ed. cit., págs. 219-221, Pou y Marti, J. M.^a, *Visionarios, Beguinos y Fraticelos Catalanes* (Siglos XIII-XV), Vich, Ed. Seráfica, 1930, págs. 116-153; RUSSO, Franco, *Fraticelli in Calabria nel secolo XIV. Fatti e Personaggi*, «Miscellanea Franciscana», LXV (1965), págs. 349-368.

¹⁰¹ CHENU, M.-D., em *Contestação sem Cisma na Igreja Medieval*, in «Concilium», 1973 (8), págs. 950-958 analisa, admiravelmente, o fenómeno, ainda que convenha, alguma vez, confrontar alguma sugestão de pormenor com o que sobre a mesma refere H. DE LUBAC, como, por exemplo, o alcance da *heresia manifesta* (CHENU, M.-D., pág. 958) de P. J. Olivi ao defender a «Nova Igreja» na «sua liquidação da Igreja de Cristo» com a interpretação que da mesma posição se dá em *La Postérité Spirituelle de Jôachim de Flore...*, ed. cit., pág. 98 e nota 4 da mesma página.

João XXII¹⁰², o pontífice que esteve contra todos os «espirituais» ...¹⁰³ ou no enfrentamento do papado com Siena, Florença, Perugia... A historiografia franciscana, neste ponto mais precisa do que a jerónima — e seria interessante saber porquê — não esqueceu esta dimensão da sua personalidade e actividade espiritual, que teria tido a sua consagração quando *el ano de mil y trezientos y setenta y tres en el mes de Agosto, importunado mucho este varõ de Dios cõ los ruegos de Bartholome Sardi varon noble de Perosa, escrivio en metros vulgares un tratado en el qual clarissimamête dio a entẽder la destruycion de muchas ciudades de Italia y trabajos de la yglesia q succedierõ despues, como ellos avia escrito. Anda impresso este tratado en Italiano, y comiença desta manera. Tu voi purche dica, diro cõ grã fatica, etc.*¹⁰⁴.

Foi esta sua actividade que permitiu já colocá-lo, com algum exagero, cremos, ao lado de Arnaldo de Vilanova..., de Santa Brígida... —tão próxima de alguns dos primeiros apoios jerónimos¹⁰⁵ —

¹⁰² REEVES, Marjorie, *The Influence of Prophecy in The Latter Middle Ages...*, ed. cit., págs. 217-219, 337, 419; MESSINI, A., *Profetismo e Profezie Ritmiche Italiane D'Ispirazione Gioachimito-Francescana Nei Secoli XIII, XIV e XV*, Roma, Miscellanea Francescana, 1939, págs. 47-49 traz uma *bella profezia* de Fr. Stoppa dei Bostichi referente a este cenário de enfrentamento de Luis de Baviera e Clemente VI.

¹⁰³ DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., pág. 114.

¹⁰⁴ Fr. MARCOS DE LISBOA, *Tercera Parte de las Chronicas de la Orden de Los Franciscanos Menores...*, ed. cit., L. I, cap. V, pág. 3v.; IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., págs. 108-121 publica essas profecias que não serão verdadeiramente suas, pois, como indica MESSINI, A., *Profetismo e Profezie Ritmiche Italiane d'ispirazione Gioachimito-Francescana nei secoli XIII, XIV e XV*, Roma, Miscellanea Francescana, 1939 — XVII, pág. 53, n. 2, *quasi tutti gli avvenimenti, a cui nella profezia si allude, sono posteriori alia morte dei Beato*. Não pudemos consultar o trabalho de Ottavia Niccoli, *Profezie in piazza: Note sul profetismo popolare nell'Italia del primo cinquecento*, «Quaderni Storici», 41 (1979) pág. 500-539 que, ao parecer, se refere à divulgação das profecias de Tommasuceio nos fins do século XV.

¹⁰⁵ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 116-120 especialmente, refere a importância do apoio que Alfonso Fernández Pecha concedeu a Santa Brígida; e HUERGA, Álvaro, O. P., a quem vivamente agradeço o ter-me feito conhecer o seu trabalho *La Obra Literaria de Alfonso Fernández Pecha († 1388)*, in «Hispania Sacra», XXXIII (1981), págs. 199-227 estudou detalhadamente esse apoio e enquadró-o magistralmente no quadro mais vasto do cisma do Ocidente. Note-se que *nuestro F. Pedro Fernandez Pecha... acudia con sus negocios a Roma, teniendo por más legitimo sucesor de S. Pedro a*

de Santa Catarina de Sena... de Vicente Ferrer..., entre os que levantaram, como dissemos, a sua voz pela renovação do mundo, essa renovação que incluía a reforma (para os radicais, a destruição) da Igreja mundana¹⁰⁶.

Tudo o que fica sugerido — vagamente — deverá servir para, explicitando algumas sugestões já feitas¹⁰⁷, agitar o grande pano de fundo em que se perspectiva a espiritualidade de Tommasuccio de Siena..., esse único marco verdadeiramente mais próximo (e logo, mais preciso) do centro donde regressou esse grupo de eremitãos que na Península Ibérica se dispersou por Castela..., por Córdova..., por Portugal...

Há, porém, que fazer notar que se pela sua filiação no franciscanismo «espiritual» — esse fenómeno de múltiplos sentidos, como acentuámos¹⁰⁸ —, sublinhada pela forma poética em que, algumas vezes, recolheu o seu espírito profético, Tommasuccio de Foligno se poderia considerar, como já se tem dito¹⁰⁹, um epígono de Jacopone de Todi (t 1306), talvez seja mais correcto perspectivá-lo como um epígono dos que, sem romper nem por escrito nem por acção, com a Igreja do seu tempo de que lamentavam a mundaneidade, continuavam o melhor espírito dum Ângelo Clareno...¹¹⁰, desse *grande espiritual* que foi, no pleno sentido da palavra, P. J. Olivi¹¹¹, dum Ubertino de Casale..., linhagem que urge situar na sua

Urbano... (Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 109). Interpretação do cronista? — Ou influência de Alonso Fernández Pecha, urbanista indefectível, sobre o irmão?

¹⁰⁶ VOLPE, G., *Movimenti Religiosi e sette ereticale nella società medievale italiana...*, ed. cit., pág. 245.

¹⁰⁷ JIMÉNEZ DUQUE, B., *Fuentes de la Espiritualidad Jerónima*, in *Studia Hieronymiana...*, ed. cit., I, págs. 107-121.

¹⁰⁸ DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., pág. 94 nota s.

¹⁰⁹ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 78.

¹¹⁰ BERARDINI, Lorenzo, *Frate Angelo Clareno alla luce della Storia...*, ed. cit., págs. 253-272 ocupou-se dos herdeiros dos «espirituais» e DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 107-109 assinala, enquadrando a sua acção, que *pour cette catégorie de «Spirituels», quelles que fussent leurs utopies, l'Esprit demeurait toujours l'esprit de Jésus et de son Église.*

¹¹¹ A classificação pertence a DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., pág. 99; sobre a influência de P. J. Olivi na P. Ibérica, especialmente na Catalunha, v. Pou y MARTI, J. M.^a, *Visionarios, Beguinos y Fraticelos Catalanes...*, ed. cit., págs. 180-182.

dimensão eclesial e cujo (bastante) radicalismo crítico não significou ruptura e cuja esperança de renovação nada parece, como assinalámos, dever de fundamental¹¹² — aparte alguns conceitos e formas oblíquas e, no caso do autor de *Arbor Vitae Crucifixae*, algum pendor por imagens e visões apocalípticas — ao joaquinismo...¹¹³.

Por outro lado, cremos, acentuar, mesmo sem exclusividade, demasiadamente a filiação de Tommasuccio — e, logo, como veremos, de Fr. Vasco de Portugal — na linha do autor das *Laude*, poderá significar aqui, como em muitos outros casos, simplesmente glosar uma informação que os primeiros discípulos e companheiros de Fr. Vasco transmitiam no desejo de dar um sentido, através de um alto exemplo, a esse gosto pela poesia comum aos três¹¹⁴ e à prática devocional das jaculatórias..., sem, contudo, ao que nos parece, serem capazes de saber claramente o que eram esses *hinos de Jacobo* de Fr. Vasco em que baseavam essa aproximação.... Não avancemos, mas precisemos desde já, que o que fica sugerido não impede que, de algum modo, Fr. Vasco se possa considerar, do ponto de vista dos cânones poéticos por que se interessou e até da sua espiritualidade, próximo de algumas linhas de força do divulgadíssimo modelo jacoponeano.

Tudo isto deve poder fazer-nos avançar um pouco mais. Com efeito, como já ficou aludido, das circunstâncias de regresso — ditadas imediatamente, ao parecer, por essa profecia de Tommasuccio de Foligno sobre a vinda do Espírito Santo sobre Espanha — e das respostas que, reproduzindo-a com alguns matizes complementares importantes, davam os ermitãos regressados a quem os inquiria sobre as suas origens e os seus propósitos, parece poder deduzir-se, com alguma verosimilhança, que foi efectivamente num dos fluxos das

¹¹² DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 104-105.

¹¹³ Sobre o Joaquinismo e a sua revalorização telógica pode consultar-se a obra fundamental de Morro, H., *La manifestation de l'Esprit selon Joachim de Flore*, Neuchatel — Paris, Delachaux et Niestlé Editeurs, s.a. (1977).

¹¹⁴ REEVES, Marjorie, *The Influence of Prophecy in The Later Middle Ages...*, ed. cit., págs. 218 e 419, assinala um discípulo de Tommasuccio de Foligno que foi, igualmente, poeta-profeta: Fr. Stoppa, que na *Tercera Parte de las Chronicas de la Orden de los Frades Menores...*, ed. cit., L. I, cap. 25, pág. 14v. vem, efectivamente, assinalado como *companero de Tomasucio, claro por spiritu de prophecia dexando algunas prophecias escriptas* e falecido em 1404. Conf. AMONI, L. C., *Il Profeta del secolo XIV. Il Beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., págs. 130-131.

aspirações dum tardio franciscanismo «espiritual» que alguns grupos de terceiros franciscanos ou de alguns que lhes estavam próximos prolongam pelo século XIV que, juntamente com alguns italianos, os grupos de eremitas peninsulares que dariam origem aos jerónimos regressaram de Itália, dessa Itália onde, por momentos, nos dias já afastados de Celestino V, se julgou, por alguns, possível o «reino do Espírito Santo», segundo a visão dessa diversificada família franciscana. E, curiosamente, em sede histórica, não deixa de ser precioso poder notar-se que essa vinda do Espírito Santo venha a ter agora lugar, como por *translatio*, em Espanha. Poderia mesmo sugerir-se, com um pouco de fantasia, que havia que buscar, perante essa Itália esgotada de esperança e, tantas vezes, de violência, outros lugares mais pacíficos que mais pacificamente acolhessem essa descida do Paráclito, fundadora de uma nova ordem e, logo, iniciadora se não duma renovação, pelo menos de uma reforma... Efectivamente, ao parecer, a profecia completa de Tommasuccio seria: *O que veo que el Espiritu santo deciende sobre España en la fundacion de una religion, mas no me ha declarado el Señor quanto tiempo morara en ella*¹¹⁵. Deixemos se esta última parte é ou não um esclarecimento posterior que, de qualquer maneira não indicaria tanto um prazo em que se fechariam os tempos, mas antes, muito provavelmente, uma etapa mais no progresso dos tempos... Fixemo-nos em que essa descida se materializará numa «religião»..., uma ordem nova, portanto... E, segundo Sigüenza que trasladava gozoso cadernos antigos, *al tiempo () que el Santo F. Thomas vio desde Italia esta venida del Espiritu santo en España en la fundacion desta santa religion, se movieron en ella muchos, llevados del mismo Espiritu a dexar sus casas y ciudades, y se retiraron a los lugares mas desiertos que hallaron...*¹¹⁶, o que equivale, seguramente, a apontar como Espanha, confirmando-o plenamente, correspondia ao mesmo sopro renovador. E não dizia Fr. Vasco ter-se vindo *a España despues de la vida de*

¹¹⁵ Se é verdade que Tommasuccio profetizava a partir e pela ordem das letras do alfabeto — Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 7 — o texto dessa profecia do frate seria «O que veo..., etc, sendo talvez um comentário seu aquele *más no me ha declarado el Señor* que Fr. José de Sigüenza refere um pouco antes (pág. 6), tal como Pedro de la Vega, *Chronica de los Frayles de la Orden del bienaventurado nuestro Padre Sant hieronymo...*, ed. cit, cap. VII, fol. IXv.

¹¹⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8.

su maestro, con desseo de entrar en la religion que Dios le avia revelado avia de ser particular morada del Espirita santo? ¹¹⁷ — Que tenham, pois, esses grupos regressado na expectativa de fundar em Espanha uma nova ordem, parece não haver qualquer dúvida, ainda que nos possamos perguntar se essa nova ordem seria, então, a ordem que foi, vinte anos depois, a ordem de S. Jerónimo... ¹¹⁸. De qualquer modo, na profecia de Fr. Tommasuccio de Siena e nas informações dos ermitãos que a divulgaram há a indicação precisa de que a nova ordem seria, por um tempo indeterminado, a particular morada do Espírito Santo, isto é, aquela em que a acção do mesmo Espírito seria mais visível e, logo, mais actuante.... Terá mesmo de admitir-se que à raiz do regresso, no círculo de Tommasuccio de Siena, Espanha seria, de acordo com uma formulação poética, ao parecer tardia, da mesma clave profética, esse *onde*

Le sancti preti de novello stato
Predicheranno,
Tutti l'infideli converteranno,
Vestiti totti d'un aspero panno
Et sempre senza proprio viveranno
In povertade ¹¹⁹.

Um *ordus novus* e uma ordem do mundo tal como o viam J. de Fiore e, depois, através de mil avatares, os franciscanos espirituais

¹¹⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., pág. 186. Fr. Pedro de la Vega não refere directamente a Fr. Vasco, mas sim a todos os que se dispuseram a vir a Espanha: *y el padre del monasterio que se dezia fray thomas, varon de mucha sanctidad y religion que resplandecia tãbie con el don de la prophesia hablasse una vez cõ ellos de las cosas advenideras les avia dicho: El Spiritu Sancto viene sobre españa y no me es revelado quãto estara alli...* (*Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*), cap. VII, fl. ix v.

¹¹⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 9.

¹¹⁹ REEVES, Marjorie, *The Influence of Prophecy in The Later Middle Ages...*, ed. cit., pág. 218 (Conf. págs. 318-319 a «valorização» do espírito utópico da profecia joaquinita); MESSINI, A., *Profetismo e Profezie Ritmiche Italiane D'Isplorazione Giachimito-Francescana Nei Secoli XIII, XIV e XV*, Roma, Miscellanea Francescana, 1939, págs. 52-53, que permite corrigir alguma falta tipográfica deslizada nas transcrições de M. REEVES.

e outros grupos? ¹²⁰ — O aparecimento e a definição desse *ordus novus*, tal como o vemos perfilar-se ao longo das páginas de Fr. José de Sigüenza e de algum outro escrito, poderia fazer lembrar os ideais joaquinitas dos *futuri praedicatores* (contemplativos e pregadores) ¹²¹ elaborados em sede franciscana espiritual... ¹²², mas, por nossa parte, pensamos que nesses momentos do século XIV em que os primeiros ermitãos regressaram a Espanha (c. 1340/1350) tal enquadramento e definição eram já como que a composição de lugar de qualquer apelo a uma renovação de Igreja e, logo, da sociedade.... Por outro lado, do que sabemos dos ermitãos regressados não se pode deduzir que a pregação fosse a outra face da sua vida contemplativa..., traço, este último, que persistiram em preservar essencialmente na ordem que mais tarde fundaram.... Por isso mesmo, não valerá a pena discutir aqui, porque, além de rede imensa de fios tremendamente cruzados em que os mais débeis se podem tomar por linhas sólidas, não interessa imediatamente ao nosso caso, se em tal fluxo, tal como o transmitem a profecia de Tommasuccio e as informações dos seus discípulos, deve verdadeiramente algo ao joaquinismo.... Julgamos ter deixado sugerido — coisa, aliás, bem sabida — como *Valliance du joachimisme et des ordres mendiants, éphémère sous la forme encore bénigne qu'elle avait revêtue au début du siècle, puis particularisée dans le mouvement passionné des Mineurs «spirituels», devait se poursuivre dans une longue histoire, aux soubresauts multiples...* ¹²³. É esse o dado que verdadeiramente nos interessa reter, tal como devemos advertir que, do mesmo modo que a figura de S. Francisco para Olivi, essa descida do Espírito Santo, independentemente de poder ser um tópico referente de origem joaquinita no horizonte cultural dos ermitãos vindos de Itália, seria a época em que refloresceriam todas as promessas evangélicas... ¹²⁴, um «durante» de tempo indeterminado

¹²⁰ MOTTU, H., *La Manifestation de l'Esprit selon Joachim de Flore...*, ed. cit., pág. 297.

¹²¹ MOTTU, H., *La Manifestation de l'Esprit selon Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 299-300.

¹²² REEVES, Marjorie, *The Influence of Prophecy in The Later Middle Ages...*, ed. cit., pág. 218; MOTTU, H., *La Manifestation de l'Esprit selon Joachim de Flore...*, ed. cit., pág. 304.

¹²³ DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., pág. 93.

¹²⁴ DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., págs. 96, 102.

que não parece ser possível identificar com qualquer metamorfose da «terceira idade» de Joaquim... Nada há que permita interpretar noutra sentido o que conhecemos da profecia do espiritual italiano e, de todos os modos, foi nesse sentido que os seus discípulos, qualquer que fosse o matiz com que se inscrevessem no pano de fundo que evocámos, acabaram por interpretar e divulgar. Toda a ordem nova é, para utilizar a expressão de Anselmo de Havelberg, alguma vez pretendido antepassado espiritual do abade de Corteza ¹²⁵, uma *forma vivendi* que contribui para renovar a Igreja e, conseqüentemente, para renovar a ordem do mundo.... E Fr. José de Sigüenza parece estar na linha certa quando assim a interpreta ¹²⁶.

Haverá, contudo, que conceder que o significado do momento de regresso dos *hermitaños italianos* só ganharia com a precisão de tudo o que através das sugestões que vagamente ficam feitas, diga respeito ao tempo cultural peninsular mais vasto em que se integraram.... Não só o que se refere a visionários e *fraticelli* ¹²⁷, mas ainda outros referentes, mesmo difusos e contraditórios, — cremos será esse o seu signo — à circulação dos escritos autênticos ou apócrifos do santo abade de Calábria..., ou às correntes de outros espiritualismos franciscanos... ¹²⁸. A aceitação de Ubertino de Casale

¹²⁵ DE LUBAC, H., *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore...*, ed. cit., pág. 25.

¹²⁶ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., pág. 8: *Todos [os eremitas] con un designo, y un desseo grande de imitar aquel varon y sancto Doctor que buscava las cavernas de las Españas, en los desiertos más asperos, moradas espantosas aun a los mas valientes y provados Anachoretas... Este era el Espiritu Santo que baxava, y el que via Fray Thomas Senes que aparejava su aposento en España: y ai punto que esto sucedia en ella, lo prophetizava el en Italia...; ...Trás esto el fin que pretendian [os eremitas valencianos], ver en España levantada una religion, donde avia de morar el Espiritu Santo...*, I, pág. 69; *...y se cumplio muy deveras la prophecia de Thomas Sucho Senes, que vey a al Espiritu Santo descender sobre España en la fundacion de una religion; y pues Dios no le revelo tiempo limitado, esperemos en su misericordia que la ha de sustentar mientras durare su Iglesia...* (I, pág. 107).

¹²⁷ Para uma distinção, apoiada em textos e documentos, são úteis as precisões de BERARDINI, L., *Frate Angelo da Chiarino alla luce de la Storia...*, ed. cit., págs. 160-167.

¹²⁸ A divulgação em Portugal dos escrito de Joaquim de Flora ou dos que lhe foram sendo atribuídos está, tanto quanto sabemos, por fazer e os trabalhos que a essa divulgação e à sua influência se têm dedicado não

no tempo de Isabel, a Católica é, talvez, um ponto de chegada... e o facto de ter ficado incompleta a tradução de *Arbor Vitae Cruxifixae* um facto que poderá, como um emblema, ter um sentido a des-cobrir...¹²⁹.

O mesmo se poderá dizer do eremitismo. Com efeito, a carta da Península Ibérica eremítica no século XIV ainda se encontra, cremos, por fazer... e nada há nem ao nível dos levantamentos documentais nem das interpretações que aos que cobrem os séculos anteriores se possa comparar¹³⁰. E seria — essa carta — importante não só para ajudar a perceber o fenómeno do aparecimento dos jerónimos tanto do ponto de vista dos grupos que rumaram a Itália e de lá regressaram como dos já existentes na Península Ibérica que a eles, mais tarde, se juntaram, originando, uns e outros, os mosteiros jerónimos, mas também para enquadrar fenómenos que vão desde esse contemporâneo dos *hermitaños italianos*, Fr. João da

assentam, dum modo geral, na consulta de fontes e documentação segura. Apesar do sugestivo da tese e do empenho posto na sua defesa, *A Lenda do Santo Graal no Contexto Heterodoxo Português*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, s.a. (1974) de Almir Campos Bruneti é, do que acabámos de afirmar, um bom exemplo. O conhecimento entre nós dum Arnaldo de Vilanova sobre quem Campos Bruneti faz recair algumas responsabilidades de intermediário (págs. 70-73) de alguns ideais de Joaquim de Flora em meios franciscanos portugueses está, apesar das preciosas achegas de J. Perarnau Espelt, muito longe de ter esgotado todas as urgências da sua investigação para sobre algumas hipóteses verosímeis e algumas etapas da vida do médico catalão se poder discurrir com plausibilidade. Infelizmente, apesar das buscas feitas em bibliotecas portuguesas e em algumas espanholas, não nos foi possível consultar *L'Attesa dell'Età Nuova nella Spiritualità della fine del Medioevo*. Convegno del Centro di Studi Sulla Spiritualità Medievale, Todi, Accademia Tudertina, 1962.

¹²⁹ Sobre o autor da tradução, Alonso Ortiz, pode ver-se agora a introdução de G. M. Bertini à sua tradução da obra do mesmo autor *Diálogo sobre la Educación del Príncipe Don Juan Hijo de los Reyes Católicos*, Madrid, José Porrúa Torranzas, s.a. (1983).

¹³⁰ Os trabalhos reunidos em *España Eremítica*, Pamplona, 1970, os vários estudos de A. Linaje Conde, os de José Mattoso compilados em *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.a. (1982), os de Mário Martins seleccionados em vários dos seus tomos de estudos de *Cultura Medieval*, as *Notes sobre VEremitisme Català Baixmedieval*, de CURTO HOMEDES, A. in «Acta Mediaevalia», 3, 1982, págs. 71-92 dizem respeito, dum modo geral, a um período anterior e urge, cremos, levar a investigação até aos séculos XVI e XVII. Jean Sainsaulieu, por exemplo, levou a cabo um rigoroso inquérito sobre o eremitismo francês do séculos XVII e XVIII cujas conclusões publicou em *Les Ermites Français*, Paris, Cerf, 1974.

Barroca vindo, igualmente sob um alo visionário, de Jerusalém para Lisboa¹³¹, até um Fr. João de Cáceres, doutor parisiense em ciências sacras, retirado *a hum sitio solitario onde se exercitava em perpetua oração e continua abstinencia*¹³². De qualquer modo, talvez seja legítimo suspeitar, como já sugerimos, que o eremitismo, vocação privilegiada pelos franciscanos «espirituais» com base em escritos e em gestos de S. Francisco — interpretação essa reforçada por tradições joaquinitas — terá sido, desde que deixaram a Península Ibérica, um ideal de muitos desses que, regressados depois a «Espanha», se retiraram *en las hermitas que hallavan, en lugares apartados, en cuevas, en despoblados, en espessuras, en desiertos...*¹³³. Fr. José de Sigüenza que, retoricamente, evoca *su manera de vida — no parecia de hombres, en la morada, y mantenimiento de animales brutos, en la conversacion Angeles*¹³⁴ —, fornece, como historiador, indicações preciosas sobre a dispersão geográfica desses ermitãos ao entrarem em Espanha e, ainda, sobre a organização da vida espiritual e material — livros que possuíam em algum caso¹³⁵ — desses núcleos. E se os seus textos são conhecidos e acessíveis, o mesmo já não poderá dizer-se quanto ao número dos que vieram..., à sua nacionalidade..., à sua sobrevivência até à hora da fundação da ordem (1373)..., ao itinerário que seguiram e às datas — simples época...—em que os percorreram... Há, pois, que demorar um tanto sobre estes pontos, já que a conjugação de todos os dados pode não só ajudar a precisar um pouco melhor o que sabemos sobre as origens de alguns focos eremíticos, da sua espiritualidade, da sua transformação em mosteiro... e, ainda, o que nos interessa de sobremaneira, acerca da biografia e personalidade espiritual de Fr. Vasco de Portugal e o seu significado no quadro geral dum certo eremitismo peninsular à hora de fundar os jerónimos.

¹³¹ MARTINS, Mário, *Um Capítulo de Mística e um Emparedado em Fernão Lopes*, in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956, págs. 467-476.

¹³² MACHADO, D. Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., II, pág. 618.

¹³³ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 10.

¹³⁴ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 10.

¹³⁵ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 140-141 assinala que entre os eremitas que deram origem a S. Jerónimo de Yuste alguns havia que *tenian alguna noticia de letras* e, quase consequentemente, possuíam alguns livros.

Partamos de alguns factos conhecidos e relativamente precisos, mesmo pagando o preço de repetir algo já dito ou sabido. Recordemos em primeiro lugar que é do círculo italiano de Tommasuccio de Foligno que saíram os ermitãos — ou alguns dos ermitãos — que, ao regressarem à Península Ibérica, estarão, cerca de vinte e poucos anos mais tarde, na base dos principais núcleos eremíticos que deram origem aos jerónimos.... É, como sublinhámos, um facto importante este, não só pelas filiações espirituais que aponta — e que já ficaram evocadas —, mas também, porque, além de permitir perceber certas primitivas facetas de cunho eremítico que à hora da fundação se tentarão salvar — independência das casas..., umas quantas formas de vida eremítica em algum mosteiro...¹³⁶—, deixam igualmente ver que tais ermitãos continuariam, espiritualmente, pelo menos, na órbita desse franciscanismo seu originário. Naturalmente.... Tal sugestão poderá ver-se apoiada pela existência de comunidades de terceiros franciscanos dispersas pelas Espanhas do século XIV e XV — em Castela, mas também Portugal e conhece-se algum português entre esses grupos castelhanos¹³⁷ — tendentes, como já ficou aludido a um certo radicalismo espiritual. Algum desses núcleos — dos castelhanos seguramente N. S. de la Mejorada — passar-se-á nos fins do século XIV aos jerónimos¹³⁸. Não adiantemos. Teremos ocasião de voltar a

¹³⁶ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 158 valorizou convenientemente o facto de em S. Jerónimo de Guisando continuar viva *la tradición eremítica previa a la fundación* e o mesmo se poderá dizer, como sublinharemos, das fundações em que interveio Fr. Vasco de Portugal.

¹³⁷ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, I, págs. 112-115 onde refere explicitamente o carácter de terceiros franciscanos dos que deram origem à casa de N. S. de La Mejorada. PERARNAU, J., *DOS Tratados «Espirituales» de Arnau de Vilanova*, «*Anthologica Annu*», 22-23 (1975-1976) págs. 477-630 (conf. págs. 488-489) transcreve a bula relativa à passagem dos terceiros franciscanos de la Mejorada aos jerónimos e analisa, desde o ponto de vista que o ocupa, o seu significado.

¹³⁸ PERARNAU, J., *DOS Tratados «Espirituales» de Arnau de Vilanova*, in «*Anthologica Annu*», 22-23 (1975-1976), págs. 477-630 aponta um português, Afonso de Santarém, que não acompanhou a comunidade de N. S. de la Mejorada na sua passagem aos jerónimos (liberdade, aliás, prevista pela bula de 15-V-1397). Pensamos, conjungando documentação disponível, voltar a tratar desta comunidade «franciscano-jerónima»; em 1333, perguntava o Cardeal Jaime

sublinhar a importância de tudo isto ao estudar Castela como «centro» para onde regressaram os *hermitaños italianos* e ao atender às razões com que a historiografia franciscana e outra reclamam para Fr. Vasco e alguns seus companheiros o carácter de filho de S. Francisco. Devemos antes perguntar quem regressou de Itália.

Fr. José de Sigüenza, e com ele toda a historiografia anterior, apenas refere vagamente *unos hermitaños* que afirmavam ter vindo de Itália... e cremos em nenhum lugar se particularizam as suas nacionalidades, somente ressaltando imediatamente e com tanta ênfase que se diria ser a única exceção, o caso de Fr. Vasco, *natural de España, portugues de nacion*¹³⁹. É o primeiro e, durante algum tempo, o único eremita regressado de quem sabe o nome.... Depois apresentará mais algum. Mas, neste momento, a fiarmo-nos no seu relato, pensaríamos que o grupo de eremitãos — *no fueron dos solos los que vinieron, sino mas de seys, y de ocho...*¹⁴⁰ — estava fundamentalmente constituído por italianos... Destes teria certamente vindo algum..., entre eles, talvez, esse Fr. Pedro Román que a tradição, baseada essencialmente no nome — Román ou Romano — dava, com efeito, como sendo *de los primeros hermitaños que vinieron de Italia, natural de Roma por el nombre, aunque no ay otra razón*¹⁴¹ Qualquer tenha sido sua a

Fournier a Aimar de Mosset *si oyó o creyó que dicho tercer estado, llamado del Espiritu Santo, seria establecido en los profesores de la Regia de S. Francisco y Hermanos de la Tercera Regia del mismo Santo...*, Pou y MARTI, J. M.^a, *Visionarios, Beguinos y Fraticelos Catalanes...*, ed. cit., págs. 174, 177; o mesmo autor (ob. cit. págs. 201-202) assinala algumas relações entre os terceiros franciscanos e jerónimos em Valencia que permitem suspeitar que também aí os monges hieronimitas tiveram por base alguma comunidade de terceiros de S. Francisco.

¹³⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 6.

¹⁴⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 11. Será legítimo pensar que ao afirmar que *no fueron dos solo los que vinieron* estava o cronista a refutar uma opinião, mais do que a encarecer retoricamente um número? — Talvez, pois, realmente, não conhece Sigüenza mais do que dois nomes dos que regressaram: Fr. Vasco e Fr. Rodrigo, o Lógico.

¹⁴¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 26. Fr. Pedro de la Vega no cap. VIII, fl. x v. da sua *Chronica de los Frayles del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...* também nada refere sobre a origem de Fr. Pedro Román. Porque não se terão os cronistas jerónimos preocupado em escrever uma «vida» deste também «fundador» dos jerónimos?

verdadeira nacionalidade, a tradição surge-nos como um índice de que, na verdade, também algum italiano teria acompanhado os peninsulares que regressavam ¹⁴². Mas não deixa de ser curioso notar que Fr. José de Sigüenza, aqui resumindo tradições e documentos, aponte, neste momento, concretamente, apenas *un nome*: o de um português..., e não refira agora, se não muito mais tarde, o nome de outro que também partira para Itália..., entrara no círculo de Tommasuccio de Foligno: Fr. Rodrigo, o Lógico ¹⁴³. São os dois únicos nomes seguros — e veremos que muito importantes — do grupo que sabemos ter regressado. Contaremos ainda os quatro — Alonso Fernández de Toro, Alfonso Ruiz de Vargas, Álvaro Suárez, Nuño Fernández ¹⁴⁴ — que Fr. Antón de Valdeiglésias dir-se-la afirmar terem vindo de Itália para Guisando depois de terem estado em Portugal? — A redacção dessa informação é extremamente confusa e Fr. José de Sigüenza que conheceu o texto de Fr. Antón de Valdeiglesias e o cita a propósito não lhes copiou os nomes ¹⁴⁵ e também não parece reter essa passagem por Portugal.... Se assim fosse, isto é, se se pudesse confirmar que se tinham instalado em Guisando depois de terem estado em Portugal, o facto aumentaria, de algum modo, os indícios de que o núcleo português seria o mais importante, não só pela personalidade de Fr. Vasco, mas também, talvez, mesmo numericamente. Discutiremos depois se o companheiro e discípulo de Fr. Vasco, Lourenço Eanes, terá igualmente vindo de Itália como poderia deduzir-se da confusa redacção de Fr. Antón de San Martín...¹⁴⁶, o que a ser assim permitiria contar com mais quatro ou cinco nomes seguros relacionados, de algum modo, com Tommasuccio e, directa ou indirectamente, integrando o grupo português. Retomaremos estas questões ao abordarmos o problema dos prováveis itinerários seguidos pelos eremitãos ao dispersarem-se pela Península Ibérica e, ainda, ao aproximarmos dos discípulos e companheiros de Fr. Vasco, numa tentativa

¹⁴² Já assinalámos o importante que seria conhecermos os apelidos de alguns italianos que teriam acompanhado os eremitãos peninsulares no seu regresso... Fr. José de Sigüenza que tanto se esforçou por deixar bem travadas as ligações do apelido «Pecha» com os «Pechi» italianos..., não parece ter suspeitado mais do que Fr. Pedro Román entre os nomes que conhecia...

¹⁴³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 238-239.

¹⁴⁴ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 155.

¹⁴⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 59.

¹⁴⁶ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 76-77.

de analisar, como parece ser legítimo nestas questões de micro-história, todos os indícios que possam significativamente ajudar a ver mais claro num quadro tão longínquo e, pelas suas raízes, tão confuso e tão distante...

Qualquer tenha sido o seu número e a sua nacionalidade, esses *santos hermitaños italianos* constituem o contexto físico e espiritual em que terão de olhar-se todos os que se lhes foram juntando... e, no seu conjunto, através da comunicação que vão tecendo — não será, em todos os casos tão intensa como Fr. José de Sigüenza num primeiro momento a descreve...¹⁴⁷, pois ele mesmo se encarrega de a matizar¹⁴⁸ — constituem o primeiro tecido espiritual do que será, vinte e tal anos depois, a ordem de S. Jerónimo. Notemos incidentalmente que esses vinte e tal anos parecem ser de expectativa..., *de estar a la espera de esta caça, y deste tan gran don que venia a España...*¹⁴⁹, isto é, esperando ver realizado o *novus ordo* profetizado pelo último dos seus mestres espirituais... Talvez um sinal certo dessa expectativa possa ser o não se lhes conhecer quaisquer tentativas de organização em «religião» anteriores a 1373, ano em que, ponderadas razões de diversa natureza — e não deixa de ser importante que um dos argumentos a favor da organização em ordem monástica seja o de desfazer a acusação que lhes levantavam precisamente os franciscanos de serem beguinos e begardos¹⁵⁰ — se decidem

¹⁴⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 11.

¹⁴⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 85.

¹⁴⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8.

¹⁵⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 22 alude, um tanto confusamente, aos factos que encontramos esclarecidos em REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 128, 267. Também Fra Tommasuccio, terceiro franciscano — como é bem sabido —, foi criticado pelos franciscanos da primeira ordem, como indica IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., pág. 26 ao referir as críticas e acusações que *un certo frate* fez junto do bispo de Nocera e ao contar (pág. 33) a perseguição que lhe moveram *i frati di S. Francesco in Perugia, non capaci delia libertà santa e Apostolica usata del Beato, nel riprendere i vitij e profetare il grave e prossimo castigo di quelli...*; (conf. pág. 45); PERARNAU, J., *Dos Tratados «Espirituales» de Arnau de Vilanova*, in «Anthologica Annua», 22-23 (1975-1976), págs. 477-630 (pág. 491-493) refere outros exemplos destes choques em ambiente ibérico; CHAUNU, P., *Le Temps des Reformes...*, ed. cit., págs. 135-136 faz uma interessante interpretação do fenómeno de begardos e beguinas, acentuando

fundar canonicamente a *nova ordem*. Até esta data os núcleos tinham, naturalmente, aumentado... e igualmente o número de eremitãos... — os de Valencia e de Aragão contavam-se, quando solicitaram a aprovação papal, mais de quarenta ¹⁵¹ — aumento que também significou uma sedimentação de gerações. Se de Jaime Juan Yvañez, de Valência, sabemos ter sido discípulo dos que vieram de Itália..., os grandes fundadores — Fr. Pedro Fernández Pecha..., Fernando Yañez... — são já duma geração eremítica muito mais tardia. Fr. Pedro ter-se-ia retirado do mundo à volta de 1366/1367¹⁵², datas que nos sugerem que, de acordo com o relato de Fr. José de Sigüenza¹⁵³, a retirada, anterior, como se sabe, de Fr. Fernando para El Castañar não terá sido muito longínqua da de Fr. Pedro de Guadalajara. Aliás, o autor da *Historia de la Orden de San Jerónimo* envolve-os no mesmo movimento de desengano do mundo cortesão que atingiu a muitos no reinado de D. Pedro I de Castela... ¹⁵⁴. Com tudo isto apenas tentamos sugerir que os principais eremitas que fundam em 1373 a Ordem de S. Jerónimo, salvaguardando sempre o carácter profundamente contemplativo e monástico da *ordem nova* que vinte a tal anos antes tinha vindo fundar um pequeno número de *santos hermitaños italianos*, não só não pertencem a esse número inicial como não viram os que desse número seguramente ainda viviam ¹⁵⁵ — Fr. Vasco..., Fr. Rodrigo, o Lógico..., talvez Fr. Lourenço Eanes..., curiosamente os mais relacionados com Portugal — abraçarem ime-

a beguinagem feminina como a primeira importante invasão mística antes da «grande» da segunda metade do século XVI e dos primeiros cinquenta anos do seguinte.

¹⁵¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 71.

¹⁵² REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 112.

¹⁵³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 14, 16.

¹⁵⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 13.

¹⁵⁵ Afirmámo-lo tendo em consideração que nunca se referem outros nomes dos grupos iniciais que regressaram de Itália que ainda vivessem à data da fundação (1373) da Ordem de S. Jerónimo. Aliás, será interessante assinalar: Vasco é *uno de los primeros fundamentos de la restauración* dos jerónimos (Fr. José de Sigüenza, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 6), ordem que Pedro de Guadalajara *resucito en España* (ob. cit., I, pág. 12), diferença subtil com que o cronista soube marcar a distância e o papel de cada qual e que não deixa de ser um modo de sublinhar o nosso ponto de vista.

diatamente a nova ordem... Para tal, por circunstâncias diversas, terão de decorrer cerca de mais outros vinte anos.... Resistiria o grupo português ou, se preferirmos, os mais relacionados com o grupo português, na orientação eremítica? — Talvez, mas de momento não cabe tirar conclusões..., mas registar simplesmente os factos. Abordemos agora outra questão relacionada com o regresso desses *italianos* à Península Ibérica. Quando regressaram? — Infelizmente, sob este ponto de vista, o seu regresso não foi datado durri «tempo», mas, compreensivelmente, dum acontecimento: essa profecia do que se diz ter sido o seu único mestre, anunciando-lhes «outro tempo» espiritual..., porque, efectivamente, a profecia de Fr. Tommasuccio, como qualquer outra, contém em si a promessa duma mudança..., mudança que, neste caso, há que considerar um progresso nos caminhos de perfeição que buscavam. No entanto, essa pergunta — quando regressaram? — preocupou desde cedo a historiografia jerónima e algumas datas aproximativas têm sido avançadas. Não vale a pena demorar a analisar a impossibilidade de algumas das propostas por antigos historiadores da Ordem. 1300... 1310..., o «segundo ano do reinado de Afonso XI» (1314/1315) são datas impossíveis...¹⁵⁶. Tommasuccio ainda não existia... E se, como já sugerimos, há sérias dificuldades em aceitar que Tommasuccio de Foligno tenha sido o único ou mesmo o principal mestre de Fr. Vasco, nada impede que tenha sido, efectivamente, essa profecia o factor decisivo do regresso dos eremitãos peninsulares a Espanha e Portugal, ainda que nos pareça muito pouco verosímil que tal profecia sobre a descida do Espírito Santo sobre Espanha tenha tido lugar logo no começo dos vinte e quatro anos que Tommasuccio terá passado com Fr. Pedro de Gualdo (t 1367), logo, cerca de 1341/1343.... Tommasuccio de Foligno teria, então, 22/24 anos... É que tudo indicia, mesmo se não podemos reter completamente tais sugestões, que, por relação a Fr. Vasco de Portugal, Fr. Tommasuccio era, aquando da profecia, já um discípulo logrado..., um «mestre espiritual».... Não será, portanto, mais aceitável pensar que tal profecia tenha ocorrido algum tempo depois..., quando tal título de mestre espiritual se lhe poderia aplicar com mais propriedade? — Talvez... Assim, a vaga datação proposta por Fr. Pedro de la Vega já Fr. José de Sigüenza a discutiu e mostrou as condições em que poderia tornar-se aceitável: situar essa chegada dos *santos hermitaños en los postreros años del Rey*

¹⁵⁶ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 77. 50

don Alonso (XI)...¹⁵⁷. E o grande cronista jerónimo, por sua vez, com o auxílio de discutíveis dados biográficos de Fr. Vasco, acabou por apresentar algumas conclusões que não só não são inverosímeis, mas também não encerram notórias contradições cronológicas: *o fue la vertida de los hermitños de Italia, en los postreros anos del dicho Rey, o en el primero del Rey don Pedro, que parece mas probable*¹⁵⁸. Tem por si ainda esta proposta que nos localiza cerca de 1350¹⁵⁹, a vantagem de se aproximar de alguma data aceitável da vida de Frei Vasco, como, por exemplo, a da sua provável passagem de Toledo a Portugal em 1355/1356...¹⁶⁰.

Terão regressado outros ermitãos «italianos» depois da morte de Tommasuccio de Foligno (1377)? — Fr. Pedro de la Vega supõe que todos regressaram depois dessa data — *Pues venidos estos sanctos ermitanos a españa despues de la muerte del bienaventurado fray thomas su maestro...*¹⁶¹, e Fr. José de Sigüenza confirma-o em relação, pelo menos, a Fr. Vasco e, implícita e naturalmente, aos seus companheiros. Discutiremos depois este último ponto. De todos os modos, embora ambos os cronistas refiram tal regresso como posterior à morte de Tommaso Unzio, talvez fosse mais aceitável e cronologicamente mais correcto pensar que alguns terão efectivamente regressado depois da morte do mestre de todos, — Fr. Pedro de Regalí.... Nessa data, 1365/1367, ainda a da ordem não estava «confirmada» (1373) — é interessante antotar tal termo que evitando

¹⁵⁷ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, ed. cit., cap. VII, fl. ix v.; Fr. José de Sigüenza, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 6, 9.

¹⁵⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 10. Deve, porém, notar-se que Fr. José de Sigüenza, contas feitas e argumentos debatidos, proponha finalmente que *ansi torno al mundo cerca de los años de 1350, esta sagrada religion* [de S. Jerónimo] — *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 5.

¹⁵⁹ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 76.

¹⁶⁰ Será relevante ter presente que o eremitismo que continuavam já na Península Ibérica parece ter excluído, como assinalámos, a pregação ambulante, o que talvez possa ser um indicio que ajude a receber o seu regresso sempre antes do Tommasuccio se ter feito pregador.

¹⁶¹ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. VII, fl. ix v.; REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 75 onde pondera a importância da informação, sem no entanto, ao parecer, se dar conta que é comum a Fr. José de Sigüenza e que encerra dificuldades cronológicas a ter em consideração.

polémicas, parece remeter para a ordem que *existia* na organização dos eremitãos — e curiosamente, esse ano acerca-nos ao da entrada de Fernando Yañez e Pedro Fernández Pecha no movimento eremítico.... Talvez não seja completamente ilegítimo nem gratuito perguntar se não terá sido por estas datas que se reuniu aos eremitãos de Itália, se efectivamente de lá veio, um Fr. Pedro Román.... Seria essa chegada mais tardia um elemento que poderia pesar na sua escolha como companheiro a Avinhão de Fr. Pedro Fernández Pecha..., e que, a seu modo, ajudaria a confirmar tanto a sua nacionalidade como a sua origem espiritual..., origem mais recente que, por seu turno, poderia bem justificar que Fr. Pedro Román nunca seja relacionado nem comparado — ele que ocupou alguns cargos importantes na ordem ¹⁶² — com Fr. Vasco ou com Fr. Rodrigo, o Lógico, como seria de esperar o fosse se tivesse realmente vindo à raiz da profecia.

Todas as fontes parecem coincidir igualmente na dispersão desses eremitãos ao chegarem à Península Ibérica. O texto em que Fr. José de Sigüenza resume essa dispersão antes de a precisar nas diversas fundações jerónimas baseadas nesses núcleos eremíticos, é bem conhecido. As suas principais zonas de destino foram, como se sabe, Valência..., Portugal e, principalmente, Castela¹⁶³, e, aqui, Toledo, centro geográfico que, segundo Pedro de la Vega, *escogieron para su habitacion y asiento... porque así como los discipulos recibieron el espíritu sancto visiblemente en hierusalem que esta (segun cõmunmete se dize) en medio de la tierra habitada, asi ellos esperavan ver en este lugar que casi esta en medio de las españas cumplida la profecia que les dixera su maestro de la venida del espíritu sancto sobre españa*¹⁶⁴.... Também Sigüenza, glosando o seu predecessor, afirma que *pareciendoles aviendo de estar a la espera desta caça, y de este don tan grande que venia a España, era bien tomar el puesto*

¹⁶² REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit. págs. 138, 231, 232, 234.

¹⁶³ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...* ed. cit., I, pág. 8; CURTO HOMEDES, A., *Notes sobre l'Eremitisme Català Baixmedieval*, in «Acta Mediaevalia», 3 (1982), págs. 71-92, permite integrar estes factos no movimento de transformação que, desde o século XIII, vinha conhecendo o eremitismo, pois este é, a partir desse século, cada vez mais integrado em e por regras monásticas e muitos dos novos monges são antigos anacoretas e os mosteiros fundados a partir de um foco eremítico.

¹⁶⁴ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, VII, fl. ix v.-x r.;

*en medio delia, escondidos en los desiertos, para que no se remontasse, si estuviessen en medio del mundo: y para que al distribuirse del les cupiessen las primicias del espiritu*¹⁶⁵.

Castela é, assim, elevada a foco irradiador das primícias do Espírito Santo que descerá sobre Espanha e isto deve permitir-nos valorizar a importância de tal região nos caminhos espirituais de muitos que, um dia, seriam os primeiros jerónimos. Uma importância derivada, sem dúvida, por essas razões geográfico-simbólicas, mas também resultante de ser um espaço espiritual ocupado, pelo que a nós nos interessa, por comunidades de terceiros franciscanos tendentes, em geral, a um radicalismo de raiz araldina de mão com textos lulistas. Já se chamou a atenção para a sua dinâmica espiritual e a documentação aduzida, confirmando muitos dos dados oferecidos por Fr. José de Sigüenza — o que diz da sua fiabilidade e precisão — permite-nos ver como poderão ter sido essas comunidades que estabeleceram, de certo modo, senão a ligação, pelo menos a relação entre o espaço espiritual e cultural donde regressavam os principais dos *santos hermitaños italianos* e esse centro irradiador para onde se dirigiram. Daí que não seja demais sublinhar o facto de ao voltarem à Península Ibérica procurarem, especialmente, esse espaço geográfico que era, assim, também um espaço espiritual. E já tivemos ocasião de ponderar como a passagem (1397) dos terceiros franciscanos de N. S. de la Mejorada aos jerónimos pode, de algum modo, assegurar-nos da órbita espiritual em que gravitavam, também em Espanha, Fr. Vasco e os seus companheiros.

Não é, naturalmente, possível conhecer ou sequer discutir os itinerários dessa diáspora..., mas é possível tentar ver mais claro em algum de que nos chegaram relativamente mais indícios. E, talvez, se possam precisar, indirectamente, certos dados acerca da formação de algum daqueles núcleos eremíticos «jerónimos».

Deixemos Valencia e Aragão intimamente relacionados e para onde também, a fiarmo-nos em Sigüenza e nas suas fontes¹⁶⁶, se dirigiram alguns dos que de Itália partiram, ainda que se possa pensar — *porque no ay tanta noticia de sus cosas*¹⁶⁷ — que tais

¹⁶⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8.

¹⁶⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 67; REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 77.

¹⁶⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit.; I, pág. 67.

núcleos eremíticos seriam fundamentalmente autóctones ¹⁶⁸, isto é, nascidos do mesmo Espírito que soprou sobre outras regiões de Espanha no reviver do eremitismo em coincidência e concomitância com o que estavam projectando os que regressaram de Itália... Atentemos que em Castela, mais concretamente no «reino de Toledo» ¹⁶⁹, teria ficado a maioria, por aquelas razões geográficas e espirituais que ficam referidas. Nesse «reino de Toledo» conhecemos alusões a eremitérios em Guisando..., Villaescusa..., El Castanar... El Castanar foi depois abandonado e no seu lugar surgirão os franciscanos reivindicando o espírito de S. Francisco que teria sido o dos primeiros moradores... ¹⁷⁰. Aí terá estado Fr. Francisco de Cisceros ¹⁷¹. Um retomar ou uma continuidade, mesmo ténue? — Não podemos responder, pois de momento não possuímos elementos bastantes sobre os focos eremíticos franciscanos nessa zona castelhana..., mas não deixa de ser interessante, a par da passagem de alguns terceiros franciscanos aos jerónimos, esta reivindicação franciscana... que, curiosamente, assinala a passagem de Fr. Vasco de Portugal por essa ermida...

Este último dado — Fr. Vasco em El Castanar —, mesmo se discutível, permite introduzir à precedência e itinerário de um dos focos eremíticos mais interessantes pela persistência em salvaguardar, de algum modo, mesmo depois de 1373, esse mesmo espírito: Guisando ¹⁷².

Fr. Pedro de la Vega e Fr. José de Sigüenza não matizam as suas afirmações: de Itália para Guisando vieram alguns eremitãos ¹⁷³. E essa falta de matizes insinua-nos que ambos os cronistas os julgavam aí regressados directamente. A relação mais importante em que o último cronista se terá apoiado, a de Fr. Antón de San Martín de

¹⁶⁸ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 280.

¹⁶⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 59.

¹⁷⁰ Fr. MANUEL DA ESPERANÇA, *Historia Seraphica..., Segunda Parte...*, cap. II, ed. cit., pág. 352.

¹⁷¹ GONZÁLEZ NAVARRO, Ramón, *Universidad Complutense, Constituciones Originales Cisnerianas* (Edición Bilingüe y Comentario), Alcalá de Henares, 1984, pág. 29.

¹⁷² REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 158.

¹⁷³ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden de nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. XXVII, fl. xxvii v.; Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8, 59.

Valdeiglesias que, como se sabe, lá viveu entre 1411 e 1418, também não oferece dúvidas quanto a essas origens¹⁷⁴, se bem que introduza alguma variante no itinerário seguido e que deverá ser tida em consideração. Mas vale a pena citar esta última fonte, pois deverá ser a mais antiga e a mais completa de tais informações e recebida, directa ou indirectamente, por quase todos os que escreveram sobre esse mosteiro¹⁷⁵. Segundo Fr. Antón, dos que vieram de Itália isto é, desta *santa compana, oyda la dicha prophecía, vinieron algunos e ya tomó primero a Portugal, a los cuales se allegaron primeramente algunos buenos ombres, e parésceme que se llamava el nombre del principal Lorenzo Yanez, e dende vinieron a La Bastida, cerca de Toledo, e despues vinieron a las cuevas de Guisando e a otro logar cuyo nombre non se me acuerda*¹⁷⁶. Assinalaremos o relativamente confuso da informação? — Talvez... Vindos de Itália teriam os ermitãos passado directamente a Portugal e aí se lhe teriam juntado *algunos buenos ombres*... O principal seria Fr. Lourenço Eanes, personagem relativamente conhecida de quem falaremos. Os outros seriam aqueles quatro ermitãos de que Fr. Antón de San Martin nos dá o nome e que já referimos? — Assim o parece sugerir. No entanto, a relação do antigo jerónimo de Guisando que se diria não aludir para nada a Fr. Vasco, também pode, e não muito violentamente, insinuar que Fr. Lourenço Eanes tinha igualmente vindo de Itália..., tal como nada obriga a deduzir, como vimos, que esses *algunos buenos ombres* se juntassem aos *ermitanos italianos* apenas em Portugal. Efectivamente, dessa relação talvez não possa colher-se como segurança mais do que a certeza, bem sabida, de que alguns — *los más*, segundo Pedro de la Vega¹⁷⁷ — dos primeiros ermitãos de Guisando vieram de Itália. Directamente? — Talvez algum..., ainda que a maioria terá passado, depois de alguma demora em Castela — no «reino de Toledo»¹⁷⁸ — a Portugal e daqui de novo a Castela... A Guisando? — Gostaríamos de os ver, tanto antes como depois, próximos de Fr. Vasco, se for de reter a demora do ermitão português no reino de Toledo, talvez,

¹⁷⁴ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 77, 155.

¹⁷⁵ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 74-75.

¹⁷⁶ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 76-77.

¹⁷⁷ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. XXVII, fl. xxvii v.

¹⁷⁸ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 77.

entre outros lugares, em El Castañar...¹⁷⁹. Mas a aceitarmos a memória de Fr. Antón de San Martin tal não parece ser possível..., a não ser aceitando que, tal como não se recordava do nome, tão importante na cartografia ermitica jerónima, de El Castañar, também se esquecera desses pormenores. E precisaríamos de saber um pouco mais sobre Lourenço Eanes.... De qualquer modo, seria de (ou através de) Portugal que teriam chegado a Guisando os mais dos primeiros ermitãos... São um segundo momento..., mas igualmente «primitivos» (primeiros) e mais numerosos, estratificação que se não altera fundamentalmente as notícias conhecidas, precisa um itinerário e a fundação desse núcleo tão importante pela persistência com que quis e soube preservar o espírito eremítico de raiz franciscana «espiritual» que trouxeram, alguns deles, de Itália¹⁸⁰. Guisando, porém, continuará a ser um foco de atenção para os portugueses que procuram a vida eremítica. Ao tempo de Fr. Antón de San Martin lá vivia um Fr. Juan, leigo, português¹⁸¹, e em tempos posteriores, mas, cremos, próximos, lá estava outro, também leigo, Fr. Gonçalo, recordado por Fr. José de Sigüenza¹⁸². São dois exemplos que poderão valer por bons índices dessa contribuição inicial portuguesa a esse grupo eremítico que escolheu refugiar-se nesse *lugar aspero y casi inaccessible que de muy antiguo se llamo los Toros de Guisando...*¹⁸³.

¹⁷⁹ Aceitamos, para não violentar a letra, El Castanar..., mas preferiríamos — diremos? — apontar Guisando... que também fica no *Reino de Toledo*... Aliás, quando Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA (*Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 95) nos informa que Fr. Vasco *en viniendo de Italia hizo su asiento con los demas compañeros, que trahian avisa de la venida dei Espiritu Santo sobre España en la ciudad de Toledo*, estará seguramente, a pensar no Reino de Toledo e não na sua capital.... Porque não Guisando? A ter-se para lá retirado Fr. Vasco explicar-se-ia melhor a ida do grupo a Portugal e o seu regresso ao mesmo lugar...

¹⁸⁰ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 158.

¹⁸¹ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 160.

¹⁸² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., II, pág. 227.

¹⁸³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8; Fr. Pedro de la VEGA, fornece ainda outro dado corroborador deste interesse dos companheiros de Fr. Vasco por Guisando ao afirmar que ao retirar-se o eremita português para Portugal, *partieronse los ermitaños* (seus companheiros) *en tres partes: unos se fueron con el a portugal, otros se retraxeron a las cuevas de Guisando, otros se quedaron en tierra de Toledo...* (*Chronica* fl. xxxviii v.); conf. ainda Fr. José de Sigüenza, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., pág. 97.

Intimamente relacionado com estas personagens e itinerários, temos de considerar um pequeno foco eremítico que durante muitos anos talvez tenha continuado o espírito de Itália: Córdoba. Fr. José de Sigüenza e outras fontes não se lhe referem, apesar do significado espiritual da personagem que o polariza — Fr. Rodrigo, o Lógico — e o seu itinerário obedecer ao mesmo esquema dos anteriores. Com efeito, Fr. Rodrigo terá passado a Itália — logo analisaremos este ponto —, assistido no círculo de Tommasuccio de Foligno e depois em companhia de Fr. Vasco regressado à Península Ibérica. Um pouco mais: em companhia do grande ermitão português, enquanto este se demorou por Castela, terá vivido Fr. Rodrigo...¹⁸⁴ quem, na altura do regresso de Fr. Vasco a Portugal, passou a Córdoba onde, talvez numa lembrança e prolongamento dos seus tempos italianos, se instala numa ermida junto do convento franciscano de Arrizafa...¹⁸⁵. Do ponto de vista do seu itinerário, o percurso de Fr. Rodrigo corresponde, totalmente, ao modelo mais conhecido: regressado de Itália..., demora-se em determinado ponto da Península — neste caso, exemplarmente, Castela — e, depois, fixa-se, definitivamente, num lugar que, directa ou indirectamente, se tornará num mosteiro jerónimo.... Aí, nesse seu eremitério, se lhe reuniram um ou dois companheiros — entenderemos, como noutras ocasiões, poucos — que *le tenian por maestro*...¹⁸⁶. Um desses companheiros foi Martín Gómez..., também futuro donado de Valparaíso, a quem celebra Fr. José de Sigüenza¹⁸⁷. Como parece evidente, junto a Córdoba instalou-se, a partir de um de *los santos hermitaños italianos*, um pequeno foco que Fr. José de Sigüenza não reteve, como assinalámos, ao referir a sua dispersão pela Península Ibérica, mas que, seguramente, foi um dos motivos que considerou Fr. Vasco de Portugal ao decidir-se a fundar em Valparaíso.... Fr. Rodrigo seria, nesse momento, um dos representantes desse espírito inicial que os tinha levado a regressar de Itália e o *companheiro* de Fr. Vasco.... Não o

¹⁸⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 239: *Como este santo varon [Fr. Vasco] se fue a Portugal... nuestro Rodrigo se quedo en Castilla (dizen que era no muy lexos de Cordova)...*

¹⁸⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 239-240.

¹⁸⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 240.

¹⁸⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 241.

sistematiza Sigüenza, mas, através de vários indícios, poderiam estabelecer-se diferenças entre Valparaíso e os restantes mosteiros jerónimos, diferenças que, em alguns casos, foram mitigadas posteriormente em nome de uma certa uniformidade da ordem¹⁸⁸ — um ponto que não foi, como sabemos, fácil de lograr e que algumas preocupações trouxe aos capítulos gerais — outras vezes recebidas por toda a ordem:¹⁸⁹ não as atribuiremos também a esse espírito inicial comum aos dois discípulos de Tommasuccio? — Por algo Fr. Rodrigo aceita, *agora*, ser donado jerónimo..., pôr-se sob a obediência de Fr. Vasco....

E Portugal? — Ainda que tenhamos, sob certos aspectos, que retomar a questão ao tratar de Fr. Vasco e dos seus discípulos, convém ordenadamente referir aqui o caso, fruto dessa mesma diáspora, dos que se teriam dirigido para Portugal.

Partamos duma sequência de informações de Fr. José de Sigüenza que, ao parecer, se tem tomado demasiadamente à letra:

Otros (dos que vieram de Itália, retiraram-se) en Portugal en lugares asperissimos...¹⁹⁰ Fr. Vasco (...) fue a Portugal con algunos...¹⁹¹

Tal sequência informativa sugere que Fr. Vasco, um dos primeiros que veio de Itália — ou dos últimos? — se dirigiu para Portugal directamente.... Não discutamos agora o quando ou mesmo se o fez assim directamente, mesmo que neste «directamente» se aceite, como vimos, alguma demora em Espanha.... Cremos não haver informação precisa sobre estes pontos.... Sabemos apenas que em determinado momento Fr. Vasco se dirige a Portugal.... Por outro lado, conhecemos que, com dependência ou independência de Fr. Vasco, alguns *santos hermitaños italianos* se dirigiram a Portugal...: os do grupo que depois engrossou S. Jerónimo de Guisando,

¹⁸⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 189.

¹⁸⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 187-188.

¹⁹⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 11.

¹⁹¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8.

esse foco que continuou a atrair ermitãos portugueses... As notícias, embora muito vagas, mas seguras, acerca de alguma actividade desses grupos em Portugal dizem respeito a um período posterior a 1355/1356 e, ainda assim, teremos que esperar por 1378 para os ver dar alguns passos positivos em direcção à ordem de S. Jerónimo fundada cinco anos antes.... Passos que julgamos sem sequência..., mas não sabemos se sem consequências. Pensamos que não, embora só por volta de 1389/1390 voltemos a ter sinais concretos.... Talvez a esses sinais e a esses silêncios se possam aplicar as razões que Fr. José de Sigüenza aduz para Fr. Vasco deixar Portugal e se retirar para Valparaíso..., razões que são outras tantas dificuldades de sustentar — ou de fundar? — casas jerónimas sempre demasiadamente pobres, nesse período, em Portugal...¹⁹².

Com estas últimas referências, muito mais imprecisas do que se desejaria, podemos encerrar estes parágrafos dedicados a aproximar um pouco mais a vasta tela de fundo em que se moveram em Itália os ermitãos que dela partiram para um dia fundar *la religion que Dios le avia revelado avia de ser particular morada del Espiritu santo*¹⁹³, bem como algumas, infelizmente demasiado indefinidas, circunstâncias desse regresso...

Podemos, agora, voltar a fixar a personalidade de Fr. Vasco de Portugal.

Já ponderámos algumas fontes que nos fornecem os principais momentos da sua biografia, fontes que se caracterizam pela homegeneidade das suas parcas informações. Este facto, por sua vez, deriva, muito provavelmente, da própria origem: as informações transmitidas pela tradição de Valparaíso, onde viveram os principais «biógrafos» de Fr. Vasco..., esse eremita aquem, com muita admiração e, talvez,

¹⁹² FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 96-137; REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 257, 259-60.

¹⁹³ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

alguma estranheza ¹⁹⁴ Fr. José de Sigüenza diz ter Deus dado uma *vida muy larga, como otro tiempo a aquellos santos Patriarcas, para que ensenassem la verdadera senda de la fe, y del camino del cielo: aquellos a sus hijos naturales: este, la de la religion y penitencia, a los espirituales* ¹⁹⁵.

Sabemos que passou a Itália, mas desconhecemos quando e qual o seu itinerário... Directamente? — Tal questão, neste tempo e dado o modo de viajar, mormente de um ermitão, quase não tem sentido... E só ganha algum se por esse «directamente» entendermos que as demoras por essa Espanha — assim, sem mais — que teve de atravessar e depois pelo resto da Europa foram breves.... Teríamos, no entanto, que admitir alguma demora nessa vaga Espanha se dermos por descontado que Fr. Rodrigo, o Lógico, que, segundo parece, o acompanhou a Itália, não era português..., que seria natural de terra perto de Córdova..., dessa Córdova a que, regressado de Itália, se teria, num segundo tempo, acolhido.... Fr. José de Sigüenza não o afirma... ¹⁹⁶, apenas se limitando, como seguramente outros antes dele, a buscar nessa possível naturalidade cordovesa, uma plausível explicação para o seu aparecimento e fixação junto do convento de S. Francisco de Arrizafa... E se Fr. Rodrigo fosse português?... — O ter sido professor dos filhos dum rei de Espanha em nada impediria tal nacionalidade..., explicaria melhor a companhia de Fr. Vasco à ida e à volta..., embora não explicasse a sua preferência por Córdova, facto que a vaga notícia da tradição que o faz cordovês também não explica verdadeiramente. De todos os modos, alguma demora pelo resto da Península Ibérica é mais que natural que se tenha dado, hipótese que ajuda a confirmar essa corrente de ermitãos em direcção a Itália..., essa Itália que, pelo menos durante alguns desses cerca de trinta anos que Fr. Vasco e, ao parecer, esse antigo professor dos filhos de um rei de Espanha lá passaram, se poderá

¹⁹⁴ O grande historiador jerónimo parece, efectivamente, estranhar que tenha Fr. Vasco vivido tantos anos e tão difíceis de apurar... Tem de admitir alguma vez que viveu mais de 108-110 anos (*Historia de la Orden de San Jerónimo*, ed. cit., I, pág. 9) e depois 112... A própria reiteração das contas ao leitor não será um índice disso mesmo? — O próprio historiador avança, mas partindo de uma condição: *Si esto es verdad...* (I, pág. 198).

¹⁹⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

¹⁹⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 239: *dizen, que no era muy lexos de Cordova...*

identificar principalmente com a região da Umbria e das Marcas franciscanas. A peregrinação a Roma, como razão da sua partida para Itália, talvez não passe dum lembração do século XVIII¹⁹⁷. E a sua estadia em Siena? — Conta esta com alguma tradição jerónima, mas é um problema complexo... Fr. José de Sigüenza, com efeito, afirma que o legado papal Guilherme, quando se encontraram em Toledo, teria reconhecido Fr. Vasco, pois *aviale visto en Siena, tratado y visitado en compañía de Fr. Thomas Sucho, por ser cosa tan celebre en toda Italia...*¹⁹⁸. Não pudemos verificar completamente as datas da biografia dessa personagem da cúria papal, mas, como veremos, sabe-se que esteve em Espanha — Castela e Aragão — em 1355/1358... Mas, será a mesma personagem? — Não encontramos qualquer alusão ao encontro de Tommaso Unzio com qualquer legado nos dias difíceis de Siena à volta de 1370...,¹⁹⁹ mas, anteriormente, em Perugia, nos começos da sua pregação popular quando a cúria procurava pacificar a região... A tal legado — um «abate», segundo uns, um cardeal, segundo outros — criticou Tommasuccio o seu governar e predisse dias amargos...²⁰⁰. Nessas datas — 1355-1358 —, contudo, Fr. Tommasuccio vivia ainda nos montes de Gualdo em companhia de Fr. Pedro e que saibamos só irá a Siena, como pregador, cerca de 1372.... Por estes dias já a ordem de S. Jerónimo estava em

¹⁹⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA não se lhe refere; e D. Rodrigo da CUNHA, também não adianta essa justificação que cremos depender das *Memórias dos Estudos em que se crião os monges de S. Jeronymo...*, «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», VI (1921) pág. 202, informação que aceita o meu estimado Colega Prof. Cândido dos SANTOS, (*Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 6).

¹⁹⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 95.

¹⁹⁹ Mas será sempre de ter em consideração o facto, que talvez será significativo, de que em outras fontes documentais — e de outro género — parece não haver eco dessa pregação de Tommasuccio em Siena, como será possível deduzir das páginas que Viktor Rutenburg dedicou aos *Movimientos Populares em Italia (siglos XIV y XV)*, Akal Universitaria, s.a.n.l. (Madrid, 1983). Com efeito, no cap. III (págs. 77-104) da mencionada obra estudam-se *Las Insurrecciones de Perugia y de Siena (comienzos de los anos setenta del siglo XIV)* e nelas não há qualquer alusão à actividade de Tommasuccio, ainda que nomes e factos ventilados pelos cronistas aí se refiram.

²⁰⁰ IACOBII XI, L., *Vita del beato Tomaso...*, ed. cit., pág. 33 assinala o encontro com o *Abbate Maggiore Bituricense* ou *Abbate di Mamaiore...*; AMONI, L. C., *Il Profeta del Secolo XIV. Il beato Tomaso Unzio...*, ed. cit., pág. 77 reporta-se ao seu encontro com um cardeal legado...

marcha e o próprio Fr. Vasco já deverá estar em Portugal.... Haverá que eventar uma estadia de Fr. Tommasuccio em Siena anterior a esses tempos de pregador ambulante? — Na vida dos eremitas todo o difícil parece possível.... Depois de tudo, porém, o encontro que possa ter havido talvez se realizasse algures que não em Siena ou Perugia.... Fr. Pedro de la Vega ao aludir ao conflito — que considera igualmente desencadeador da decisão de Fr. Vasco de se passar a Portugal — limita-se a dizer que o Cardeal Guilherme e Fr. Vasco se tinham encontrado em Itália ²⁰¹. De todos os modos, será sempre importante notar que os principais discípulos de Tommaso Unzio talvez estejam relacionados com esses tempos toscanos e há mesmo uma tradição, confusa e tardia, que nomeia *Fr. Vascone* entre esses discípulos por essas datas..., mas tal informação deverá derivar, não de fontes franciscanas antigas, mas talvez já das próprias jerónimas ²⁰².

²⁰¹ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. XXXVII, fl. xxxviii r.

²⁰² Quer IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., págs. 40, 46, Ó5, 66, quer AMONI, L. C., *Il Profeta del Secolo XIV. 11 beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., págs. 130-131 permitem esta conclusão; este último autor, no entanto, aceita — ou pelo menos não discute — uma confusa afirmação de IACOBILLI, L., na sua obra *Vite de' Santi dell' Umbria* (Foligno, A. Alterij, 1647-1651), t. I — trabalho que não pudemos consultar —, segundo a qual Fr. Stoppa, o rico padeiro ou forneiro de Siena convertido pela palavra de Tommasuccio, se teria juntado a três discípulos do mestre — Giusto delia Rosa, Enrico Tolomei e Vascone, português — os quais depois de alguns anos num ermo dos Alpes teriam passado a Espanha, onde em 1405 teriam fundado o primeiro mosteiro dos Eremitas de S. Jerónimo.... A confusão deixa transparecer algumas realidades.... A primeira é a presença de Fr. Vasco junto de Tommasuccio...; a segunda é a relação de Fr. Vasco com a fundação dos jerónimos peninsulares...; outra será, como sugerimos, o não ter estado o eremita português sempre junto deste seu mestre e ter pousado em outros ermos...; outra ainda seria a confirmação de que alguns italianos teriam efectivamente vindo para a Península Ibérica na companhia dos espanhóis que regressavam.... De Fr. Stoppa afirma Iacobilli que morreu nesse mosteiro jerónimo..., embora a *Cronica dos Frades Menores* de Fr. Marcos e Lisboa o dê por falecido (1404) sob o hábito franciscano. De qualquer modo, as indicações referidas em nada parecem alterar as nossas sugestões.

Por outro lado, deverá anotar-se que muito possivelmente L. Iacobilli ao elaborar essa obra citada por L. Amoni já poderia ter conhecimento de fontes jerónimas..., pois na *Vita del Beato Tomaso...* de 1625, além de ainda não revelar conhecer o nome do forneiro de Siena (Fr. Stoppa) não refere nunca Fr. Vasco ao aludir à passagem dos discípulos de Tommasuccio para o ermo alpino (*Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., pág. 51).

Como vimos, desconhecemos, igualmente, a idade com que partiram.... Para Fr. Vasco todos parecem estar de acordo em que terá abalado muito novo, oscilando os cálculos entre os 15 e os 20 anos deduzidos desses trinta anos «italianos» por referência a 1355/1356, uma data forte e relativamente fiável da sua biografia²⁰³.

Dir-se-á, igualmente, estarem de acordo todas as fontes e mesmo os estudos mais recentes²⁰⁴ com que Fr. Vasco se colocou sob a orientação espiritual de Fr. Tommasuccio de Foligno.... Já insinuámos as reservas que há que pôr a uma afirmação tão absolutamente exclusiva e devemos explicitá-las agora um pouco melhor.

Se Tommaso Unzio nasceu em 1319 — melhor talvez, cerca de 1319 — como é geralmente admitido, os trinta anos «italianos» de Fr. Vasco não podem ter sido passados exclusivamente sob tal discipulado como insinua Fr. Pedro de la Vega e Fr. José de Sigüenza. Com efeito, se o primeiro aponta que *estuvo este sancto mãcebo vasco espacio de treynta anos en esta vida ermitafia haziendo gran penitẽcia andando descalço, y trayendo siempre cilicio...*, o segundo alarga-nos as perspectivas evocadas ao ponderar *la vida tan estrecha que hizo en el discipulado de Fray Thomas Sucho, espacio de treynta anos, lo que en su compaña le acaecio, pretendiendo imitarle...*²⁰⁵. Em 1320/1325 não há tal possibilidade... Por outro lado, Tommasuccio de Siena, se no seu círculo espiritual viveu vinte e quatro anos²⁰⁶, deve ter-se posto sob a orientação de outro terceiro

²⁰³ Já vimos as oscilações de Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA.... CUNHA, D. Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Lisboa...*, II Parte, cap. LXXXV, pág. 252 propõe 15 ou 16 anos...; a *Memoria dos Estudos em que se criãõ os monges de S. Jeronymo...*, «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», VI (1921), pág. 202 depende neste pormenor de D. Rodrigo da Cunha a quem cita expressamente; SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 6 aceita tais informações.

²⁰⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 6, 7, 9, 95, *et passim...*, o mesmo, naturalmente, ocorrendo com Rodrigo da Cunha..., Fr. Manuel da Esperança..., Cândido dos Santos..., J. Revuelta, embora este último autor (*Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 75, 76) adiante algumas precisões a reter.

²⁰⁵ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden de nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. XXXVII, fl. xxxiii r.; Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

²⁰⁶ AMONI, L. C, *Il Profeta del secolo XIV. Il Beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., págs. 33-40 estuda estes vinte e quatro anos que Tommasuccio passou sob a orientação de Fr. Pedro de Regalí (conf. também págs. 41-45).

franciscano, Fr. Pedro de Gualdo († c. de 1367)²⁰⁷ à volta de 1341/1343..., com 22/24 anos, idade em que poderá ter começado a profetizar, mas que não parece ser exactamente a própria para ser intitulado um mestre espiritual..., mormente vivendo ainda o seu mestre Fr. Pedro.... Sob tal orientação continuará Tommasuccio até à morte do seu mestre, morte que acabou por significar uma mudança no estilo de vida do discípulo²⁰⁸: emparedou-se e, um pouco mais tarde — cerca de dois anos—, até fins de 1373, ano em que se retira para Foligno²⁰⁹, aparece pela Toscana e pelas Marcas e pela Umbria e Liguria como pregador popular²¹⁰, actividade que a julgar por alguns poemas que se lhe atribuem de cerca de 1370²¹¹ prolongava em escritos poéticos de carácter profético...²¹². Entretanto,

²⁰⁷ AMONI, L. C, *Il Profeta del secolo XIV. Il Beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., pág. 45 aponta como ano da morte de Fr. Pedro de Regali, 1367 (29 de Junho) e não 1365 como traz a *Enciclopedia Cattolica*, 12, col. 302 e parece aceitar REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 76; IACOBILLI, L., *Vite de' Santi e Beati di Gualdo e della Regione di Taino nell' Umbria*, Foligno, Apresso Agostinho Altierij, 1638, pág. 69-73 traz a *Vita del Beato F. Pietro da Gualdo Eremita del Terz'Ordine di San Francesco*, obra de estilo e gosto popularizante, onde, brevemente, repete os dados já conhecidos por referência a Tommasuccio.

²⁰⁸ AMONI, L. C, *Il Profeta del secolo XIV. Il Beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., cap. VIII, pág. 46.

²⁰⁹ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., XXI, pág. 94.

²¹⁰ Como já tivemos ocasião de indicar, quer IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., capítulos IV a XX (págs. 31-94) quer AMONI, L. C, *Il Profeta del Secolo XIV. Il Beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., capítulos X a XVI (págs. 59-91) tratam longamente desta actividade de Tommasuccio cerca de dois anos depois da morte de Fr. Pedro, assinalando as diversas «maravilhas» que a acompanhavam. Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jeronimo...*, ed. cit., I, pág. 7, alude, como vimos, ao itinerantismo de Tomás Unzio, mas por outras razões.

²¹¹ REEVES, Marjorie, *The Influence of Prophecy in The Later Middle Ages...*, ed. cit., pág. 218; Fr. MARCOS DE LISBOA, *Tercera Parte de las Cronicas de la Orden de los Frades Menores...*, ed. cit., Livro I, cap. 5, pág. 3v. coloca, como vimos, essa actividade poético-profética em 1373, o que aproxima, confirmando-as de algum modo, ambas as datas e garantindo os factos. Até certo ponto. Convirá, no entanto, deixar novamente recordadas as reticências que MESSINI, Angelo, *Profetismo e Profezie Ritmiche Italiane d'ispirazione Gioachimita-Francescana nei Secoli XIII, XIV e XV*, Roma, «Miscellanea Francescana», 1939 — XVII, págs. 49, 51, 53, 54, faz a tais atribuições.

²¹² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 7, alude a este problema que está longe de solução.

entre Siena e Foligno, teria peregrinado a S. Tiago de Compostela ²¹³ — não será de pôr este dado em relação com os que se conhecem sobre a incidência dos terceiros franciscanos no caminho compostelano? ²¹⁴ — com regresso a Itália por Monserrat... ²¹⁵. E um pouco mais ainda: se aceitarmos que Fr. Vasco entrou para o discipulado de Tommasuccio de Foligno ou de Siena pelos únicos momentos em que se diz ter recebido alguns companheiros — em Siena ²¹⁶ —, isto é, depois de 1369 e cerca de 1372 — a Santiago parece ter peregrinado sozinho ²¹⁷ — os trinta anos de tal discipulado reduzir-se-ão a sete ou oito...

Haverá, portanto, que admitir que o simples confronto de datas evidencia que Tommasuccio não poderá ter sido o único, nem talvez o principal — em sentido de tempo que não de influência — mestre espiritual de Fr. Vasco e de outros companheiros que com ele poderão ter passado a Itália. Deveremos, pois, pensar que esses «trinta» anos — aceitemo-los positivamente enquanto não verificarmos que se trata de um número adjectivo... — em que o dão como tendo estado sob o discipulado de Fr. Tommasuccio foram também passados sob outro ou outros mestres espirituais. Porque não pensar em Fr. Pedro de Regalí como mestre de todos? — Talvez possa ter sido mesmo ele, como já recentemente se lembrou, esse *padre* que, segundo Fr. Antonio de San Martin de Valdeiglesias, *le* (a Tommasuccio) *mandava profe-*

²¹³ IACOBILLI, L., *Vita dei Beato Tomaso...*, ed. cit., cap. X, pág. 58.

²¹⁴ PERARNAU, J., *Dos Tratados «Espirituales» de Arnau de Vilanova*, in «*Anthologica Annua*», 22-23 (1975-1976), págs. 477-630 põe (págs. 502-503) esta questão, e propõe-na como uma das que deverá merecer uma atenção especial a uma futura investigação.

²¹⁵ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., cap. X, pág. 59.

²¹⁶ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., pág. 37 indica que em Arezzo encontrou Tommasuccio a Giusto delia Rosa e em Siena a Fr. Stoppa e a Bartolomeo de Grosseto (ob. cit., págs. 46, 50, 51), ainda que, então, contaria já com alguns companheiros, pois com eles se instalou em casa de uma viúva aretina atacada de uma serpente (ob. cit., pág. 38). Um desses seria, seguramente, Francisco Perugino, seu parente chegado. Não sabemos, porém, quem nem quantos eram os outros, mas pode pensar-se que seriam muito poucos, pois durante muito tempo deles apenas se conhecem Francisco e Bartolomeu (ob. cit., pág. 56). Mais tarde podem encontrar-se alusões a *alcuni altri fiorentini* entre os seus discípulos (ob. cit. págs. 65, 66).

²¹⁷ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., cap. X, págs. 58-59 não alude a qualquer companhia, antes insistindo na solidão que envolveu tal peregrinar.

*tizar al derredor de hun pozo, dávale una letra vocal en que comenzasse todas las profecias...*²¹⁸. Haverá, talvez, que aceitar — provisoriamente, se se preferir — que poderia ser desse círculo espiritual de Pedro de Regalí ou de Gualdo em que Tommaso Unzio era, pela sua vida e profecias, uma figura dominante, que alguns dos *santos hermitaños italianos* regressaram a Espanha e a Portugal.... Talvez o verdadeiro mestre de Fr. Vasco e de algum seu companheiro de regresso, como Fr. Rodrigo, o Lógico, possa ter sido esse Fr. Pedro de Gualdo — ainda vivia à data do regresso de muitos deles —, figura que Tommasuccio de Siena, por via da profecia decisiva, suplantou à face da tradição e, depois, à face da História...

Tal não deve, porém, obrigar a vê-los regressar *todos* dos mesmos círculos espirituais — também não regressaram *todos* no mesmo momento —, já que o mesmo espírito se manifestou em outras zonas conduzindo a soluções que também se reclamavam de S. Jerónimo...²¹⁹.

De qualquer modo, nada impede que se aceite plenamente ter sido Fr. Vasco nas Espanhas do seu tempo um testemunho privilegiado tanto do ambiente espiritual em que se formou como — e é o aspecto em que mais se tem insistido — da santidade, confirmada pela beatificação e fontes não apenas franciscanas²²⁰, de Tommasuccio. Fr. José de Sigüenza insiste em que Fr. Vasco *referia muchas cosas, como testigo de vista, de las maravillas de su maestro..., que el mismo juro por vezes que vio com sus ojos..., que otras mil cosas contava... de las maravillas que su maestro hazia.... Fr. Vasco referia que lo vio muchas vezes assir de los tizones...*²²¹, mas sabemos — e isso é relevante — que algumas dessas *maravilhas* que regista na *Historia de la*

²¹⁸ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 75.

²¹⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Geronimo...*, ed. cit., I, pág. 321-324.

²²⁰ Santo Antonino de Florença é, talvez, uma das mais importantes fontes de Fr. Marcos de Lisboa e de Fr. José de Sigüenza pelo que se refere à difusão das suas profecias e do seu cumprimento. Fr. José de Sigüenza cita com muita precisão o lugar das *Chronicae* do arcebispo de Florença em que se alude, admirativamente, à santidade e ao espírito de profecia de Fr. Tommasuccio vistos no contexto das guerras entre o papado e a república florentina (Conf. *Chronicorum Tertia Pars*, Lugduni, ex Officina Iuntarum, 1587, tit. XXII, cap. I, 6, págs. 385-386).

²²¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 6, 7, 8.

Orden de San Geronimo as recebeu de outras fontes...²²². Este testemunho, diríamos, esta intimidade, poderá valer também para fazer aceitar que Fr. Vasco fosse tido — e mesmo se tivesse ele próprio — por discípulo directo do beato Tommasuccio de Foligno..., já que alguns anos com ele viveu, tal como, e há que acentuá-lo, Fr. Rodrigo, o Lógico.

Apesar destas precisões, não haverá, pois, porque redimensionar a influência dos círculos franciscanos espirituais, representados por esses terceiros franciscanos, sobre Fr. Vasco de Portugal, Fr. Rodrigo e outros companheiros, porque, de todos os modos, é do seu ambiente espiritual que regressam e aonde, em Castela, regressam.... Tal ambiente privilegiava, entre outras coisas, a vida eremítica..., um traço que, com algumas metamorfoses e variantes, continuará em alguns ramos reformados da vasta família franciscana. E, curiosamente, como veremos, alguma outra família eremítica reclamará para si a personalidade de Fr. Vasco e a sua vocação do ermo...

Quando regressou à Península Ibérica? — De novo — caberá outra solução que não seja repetir? — o único referente é a profecia de Tommasuccio sobre a vinda do Espírito Santo sobre Espanha a evidenciar-se nessa religião que seria a particular morada do mesmo Espírito. Inclinar-nos-emos, como já sugerimos, para a datar de cerca de 1350..., do período em que Tommasuccio vivia sob a orientação de Fr. Pedro de Gualdo.... Isto supõe aceitar com Fr. Pedro de la Vega e Fr. José de Sigüenza que Fr. Vasco foi *uno de los primeros hermitaños que vinieron de Italia...*²²³, embora pense tam-

²²² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 6: Também aqui parece ser Santo Antonino de Florença a sua principal fonte.

²²³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 137. Fr. Pedro de la Vega não declara explicitamente que Fr. Vasco foi um dos primeiros a regressar a Espanha tal como não indica que tenha sido dos últimos. Para o primeiro cronista jerónimo regressaram todos depois da profecia do mestre e depois da morte deste. Acontecimentos próximos para Fr. Pedro de la Vega? — Não sabemos, mas para o cronista Fr. Vasco foi um dos que, então, regressou e é o único desses *ermitanos varones muy sanctos* que escapa ao anonimato. (Conf. *Chronica de los Frayles de la Orden de Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. VII, fl. ix v. e cap. XXXVII, fl. xxxvii r.); para José de Sigüenza a profecia é pouco anterior à morte de Tommaso (*Historia de la Orden de San Jerónimo...*; ed. cit., I, pág. 6), o que não parece possível, pois, segundo o mesmo cronista (I, pág. 7) é «ordenada» pelo seu *mestre*....

bém que *se vino a España despues de la vida de su maestro...*²²⁴. Lembremos que o último cronista, discutindo as afirmações de Pedro de la Vega, data a vinda dos eremitas «italianos» dos fins do reinado de Afonso XI ou dos começos do de Pedro I de Castela... e que Tommasuccio morre em 1377. Esta dupla datação de Sigüenza — e de Fr. Pedro de la Vega — para que não resulte uma simples impossibilidade pressupõe a resolução de alguns problemas que já ficaram, em parte, enunciados.

Com efeito, se imaginarmos — é o termo exacto dado o silêncio das fontes — que Fr. Vasco também poderá ter estado, como propusemos, durante esses trinta anos italianos sob o discipulado de Fr. Pedro de Gualdo, podemos, facilmente, adequar essa dupla datação, vendo o regresso enquadrado no giro que Tommasuccio deu à sua vida depois da morte de Fr. Pedro.... Isto significaria, porém, que ou teríamos de atrasar a vinda dos *hermitaños italianos* ou decidir que Fr. Vasco não foi um dos primeiros. Mais ainda: significaria igualmente pôr de lado, sem qualquer razão válida, uma informação que, paradoxalmente, não se costuma discutir mesmo quando se aceita colocar o seu regresso depois de 1377²²⁵: o conflito com o arcebispo de Toledo por causa da ermida que o legado papal, conhecido de Fr. Vasco desde os seus dos italianos — Fr. José de Sigüenza refere-se concretamente a Siena, mas já discutimos as dificuldades que encerra tal datação — lhe tinha concedido para si e para os seus companheiros. O grande historiador jerónimo talvez tenha recebido as precisões de tal informação de Valparaíso²²⁸, pois Fr. Pedro de la Vega, ao registar o assunto, é muito mais vago. Há, contudo, que notar a favor de tal notícia que equivale a uma data, e importante, na existência de Fr. Vasco, que o legado papal e a sua missão em

²²⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

²²⁵ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 75 pensa que *fray Vasco de Sousa permaneció en Italia hasta esa fecha [1377] ya que el testimonio más antiguo de su actividad fundadora es de 1387...*, embora, um tanto paradoxalmente, registre e não discuta que *tanto Sigüenza como Barbosa [Pinho Leal] coinciden en senalar el año 1355 como el del inicio de su actividad eremítica en Portugal...*, (pág. 257). Cremos esta última posição a mais defensável pelo que expomos. Cândido dos Santos não se ocupou deste pormenor.

²²⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 95, 96.

Espanha tiveram realidade: Guilherme de La Jugie, na sequência de anteriores iniciativas da diplomacia papal, levou a cabo, em nome de Inocêncio IV, a sua embaixada conciliadora dos desavindos esposos reais de Castela, Pedro e Branca, em Dezembro de 1355 ou Janeiro de 1356, onde se manteve até Julho desse mesmo ano ²²⁷. Depois marchou a Aragão a completar a sua missão. E o mais curioso é que entre as várias graças e benefícios por ele concedidos a diferentes dioceses não parece haver algum relativo a Toledo ²²⁸, o que será um modo de confirmar não só o atrito que nos ocupa, mas também as dificuldades do legado de Inocêncio IV em conceder graças numa diocese em que o arcebispo — D. Blas Fernández de Toledo — era na altura partidário de D. Pedro I ²²⁹. Tal datação para o conflito com o arcebispo de Toledo e a consequente decisão de passar-se a Portugal tem, pois, por si toda a verosimilhança e não parece prudente trocar-se uma informação datada por outras sem data mesmo aproximativa... Se pelo *mestre* entendermos, porém, Tommasuccio de Foligno, desaparecido em 1377, dificilmente poderemos aceitar ver regressar Fr. Vasco depois dessa data, ainda que alguns silêncios sobre a sua existência se explicassem melhor por esse regresso tão tardio..., posterior mesmo à «confirmação» da ordem de S. Jerónimo... Mas, por outro lado, se Fr. Vasco tivesse regressado depois de 1377..., cerca de cinco anos depois da ordem fundada..., seria natural que, apesar da auréola de ter passado tantos anos junto de uma personalidade como Tommasuccio, dele fizesse desde sempre a historiografia jerónima um dos seus patriarcas e o considerássemos *una de las fuentes de la espiritualidad inicial?* ²³⁰.

²²⁷ ZUNZUNEGUI ARAMBURU, J., *La Legislación del Cardenal Guillermo de la Jugie a Castilla y Aragón (1355-1356)*, in «Anthologica Annu», 12 (1964), págs. 129-156. Para um enquadramento mais geral da questão poderá ver-se FERNÁNDEZ SUÁREZ, L., *Historia de España Antigua y Media*, Madrid, Rialp, s. a., págs. 95, 96.

²²⁸ ZUNZUNEGUI ARAMBURU, J., *La Legislación del Cardenal Guillermo de la Jugie a Castilla y Aragón (1355-1356)*, in «Anthologica Annu», 12 (1964), págs. 129-156 apresenta (págs. 155-156) o elenco das graças e benefícios concedidos pelo legado de Inocencio IV.

²²⁹ RIVERA RECIO, J. F., *Los Arzobispos de Toledo en la Baja Edad Media (siglo XII-XIV)*, Toledo, Publicaciones del Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos, 1969, págs. 91-92. Note-se que D. Blas Fernández de Toledo acabou por ser desterrado para Portugal tendo fixado residência em Coimbra onde faleceu a 7-III-1362.

²³⁰ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 213. Deve notar-se que se aceitar o seu regresso depois de 1377, os 30 anos que Fr. Vasco

Um pouco mais ainda: a aceitar-se tal data, teríamos de renunciar, entre outras coisas, a continuar a contar entre os seus filhos espirituais alguns que desde sempre foram tidos por tais e como tal agiram, entre eles, por exemplo e em primeiro lugar, a Fr. Lourenço Eanes.... Está, como sabemos, intimamente relacionado com o grupo que funda S. Jerónimo de Guisando (anterior, portanto, a 1373 e sem dúvida um dos mais antigos núcleos eremíticos «jerónimos») e em 1378 surge como protagonista de uma fundação em Portugal (Frielas). Se Fr. Vasco tivesse regressado depois de 1377 poderíamos contá-lo entre *aquellos hijos que avia creado*?²³¹. A não ser que tivesse igualmente regressado de Itália... É uma possibilidade que, como discutiremos, não parece ter maior viabilidade nem peso que a do seu encontro com Fr. Vasco em Espanha....

Como já ficou sugerido depois de 1355/1356 no prolongar de El Castañar e de outros ermos Fr. Vasco continua — assim nos parece —, como todos os seus companheiros dispersos pela Península Ibérica, a vida eremítica de sempre... Em Portugal. Os silêncios sobre a sua actividade — fundadora? — datável, com segurança, apenas de 1390 poderão ter outra explicação...²³².

E aquele *despues de la vida de su maestro*? — Talvez haja que pôr de lado tal informação pelo que a Fr. Vasco se refere.... Fr. Pedro de la Vega e Fr. José de Sigüenza concebem sempre Fr. Vasco como um dos primeiros a ter regressado.... Também por causa das cronologias...: cerca de 1367 para a morte de Fr. Pedro de Gualdo..., 1377 para a de Tommas Unzio são momentos tão tardios como quase impossíveis... E mais ainda: na hora da morte o grande penitente e grande penitente umbro só tinha a seu lado Fr. Francesco Perugino, seu sobrinho, ermitão como ele e *il quale unico era rimasto in sua*

teria passado com Tommasuccio de Siena levam-nos a cerca de 1347..., época em que é já possível pensar no seu regresso.... Tal, porém, significaria que os 20-22 anos entre a sua chegada e a «confirmação» da ordem teriam sido passados em Itália... e, logo, Fr. Vasco seria cerca de 20 anos mais jovem do que é costume considerá-lo... Apesar da sedução destas deduções, preferimos aceitar, como marco fiável, o episódio de Toledo entre 1355-1356.

²³¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Geronimo...*, ed. cit., I, pág. 137.

²³² O meu colega Prof. Cândido dos Santos, na sua imprescindível obra sobre a Ordem de S. Jerónimo em Portugal, parece aceitar que do facto de Fr. Vasco não aparecer como fundador em 1378 se deve deduzir que cerca dessa data ainda não estaria em Portugal... Cremos que tal dedução não se impõe, como tentaremos aclarar.

compagnia, pois os outros, *Giusto delia Rosa, Enrico Tolomei, e il Fornaro Senese* [Fr. Stoppa] *andarono con la sua beneditione, e licenza a far penitenza in un'aspro deserto; e Bartolomeo da Grosseto, pochi mesi prima si parti dal la sua compagnia in Foligno e andò a Roma...*²³³. A Fr. Vasco não há, neste momento, qualquer referência.... Mas poderia aceitar-se que a morte de Fr. Pedro de Gualdo — não cremos que em qualquer caso o *despues de la vida de su maestro* se reporte a Tommasuccio²³⁴ — tenha sido um marco para outros *hermitaños italianos* se dirigirem a Espanha.... Fr. Pedro Román poderia, como já sugerimos, ser, a este nível, quase um símbolo e um excelente indício.... O ser italiano (talvez) e o ter regressado mais tarde (depois de 1367) qualificá-lo-iam, efectivamente, para acompanhar a Fr. Fernández Pecha à cúria papal avinhonesa e depois a Florença...²³⁵.

Confrontados, deste modo, os dados actualmente disponíveis — a data, geralmente indiscutida, da morte de Tommasuccio..., a verosimilhança cronológica e diplomática do conflito entre o arcebispo

²³³ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., pág. 103 (conf. ainda pág. 51). Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA (*Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 7) conhece a existência de esse sobrinho de Tommasuccio, dado interessante, pois, além de confirmar a razoabilidade das suas informações, nos põe a urgência de determinar com precisão as suas fontes e de calibrar, conseqüentemente, como as utilizou. Terá, porventura, conhecido o grande cronista a *prima vita* de Tommasuccio, isto é, essa biografia que *Giusto delia Rosa, primo scrittore delia vita, profetie e miracoli del nostro B. Tomaso, che leggõsi con rozzo stile stampate piu di cento anni sono in Vicenza per Maestro Rigo di Sant' Urso*» (IACOBILLI, L., *Vita de Beato Tomaso...*, ed. cit., pág. 41) e de que hoje apenas parecem existir referências indirectas? — SCHUTTE, Anne-Jacobson, *Printed Italian Vernacular Religious Books 1465-1550: a Finding List*, Genève, Droz, 1983, pág. 366 permite aceitar a informação de L. Iacobilli e datar essa edição de 1510.

²³⁴ Naturalmente, poderá sempre imaginar-se que o *mestre* aludido por Pedro de la Vega e Sigüenza não foi nem Pedro de Gualdo nem Tommasuccio, mas um outro (ou outros) não identificado e que Fr. Vasco e alguns companheiros teriam conhecido a profecia por outras vias.... Depois ter-se-ia dado o regresso a Espanha.... Neste caso teríamos de continuar a imaginar que a tradição tinha fundido informações diferentes de diferente proveniência, com fundindo, depois, o *mestre* com Tommasuccio.... Mas seria um exercício de pura e inútil imaginação....

²³⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 34 afirma claramente que Fr. Pedro Fernández Pecha e Fr. Pedro

de Toledo e o legado papal por causa da ermida por este concedida a Fr. Vasco..., o alcance do significado de *discípulo e filho espiritual* com que vem definido algum ermitão por relação a Fr. Vasco..., o que sabemos de mais seguro sobre Fr. Pedro de Gualdo e Tommasuccio de Foligno..., sobre os últimos tempos da existência do beato italiano e dos seus principais companheiros..., o silêncio das mais antigas fontes não jerónimas sobre o fundador de Valparaíso... —tudo parece indicar que Fr. Vasco deverá ter regressado às Espanhas antes da morte de Tommasuccio. E se o mestre que ordenava a Tommaso Unzio que profetizasse tomando uma letra do alfabeto foi Fr. Pedro de Gualdo — tudo parece indicá-lo, pois, além do mais, não se lhe conhece outro — teremos de colocar o regresso antes de 1367... Aliás, o declarar Tommasuccio não lhe ter sido revelado quanto tempo demorará em Espanha o Espírito Santo que sobre ela vê descer pode mesmo ser interpretado como um sinal de uma certa urgência... Por essa data ainda Tommasuccio, como vimos, não teria discípulos e a biografia de Fr. Pedro de Gualdo está, tanto quanto sabemos, muito longe de nos garantir que o mestre não tivesse outros companheiros e filhos espirituais...

Convirá, apesar de tudo, examinar um pouco mais detidamente a questão dos testemunhos de Fr. Vasco sobre Tomás Unzio e que já evocávamos como garantia de uma certa intimidade que não poderá também discutir-se. Poderão essas *muchas cosas que referia como testigo de vista de las maravillas de su maestro* ajudar a precisar alguma data..., a determinar uma época de regresso?

Passemos os testemunhos sobre a humildade..., a constante oração..., a confiança inabalável em Deus sempre reveladas por Tomás. Notemos os factos concretos. Quais são? — Das *mil cosas* que contava Fr. Vasco de *las maravillas* desse seu mestre e que — lastimemo-lo com o cronista — os *antigos* se esqueceram de registar, chegaram a Fr. José de Sigüenza duas:

— o juramento que terá feito (várias vezes?) *que vió con sus ojos [...] que condolido Fray Thomas Senes de las lagrimas de*

Román se dirigiram de Avignon ao mosteiro de St.^a Maria do S. Sepulcro de Florença. Não sabemos, contudo, as razões que levaram REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 133, a interrogar-se, sem, contudo, ter em conta essa informação, sobre a visita dos dois jerónimos ao mosteiro florentino. (Conf. ainda pág. 136).

*una pobre biuda, le resucito un solo hijo que tenia, y se le havia muerto...*²³⁶;

— o ter visto Tommasuccio *muchas vezes assir de los tizonos por la parte que estavan ardiendo, y los bolvia por la otra, para que se gastasen por ygual, y que maravillado el como no se abrasava las manos: le respondio que el fuego no quemaba a los siervos de Dios, sino a los que teniam poca fe...*²³⁷.

São estas as duas *maravillas* que Sigüenza aponta. Onde as tomou? Também desse importante *quaderno antiguo* que vindo de Valparaíso se guardava em S. Bartolomé de Lupiana²³⁸? É possível; porém, de seguro só parece poder afirmar-se que outras que conta não as tomou o cronista desse *quaderno antiguo*, mas de outras fontes, muito principalmente de Santo Antonino de Florença. Deste recebeu o que narra sobre a condenação de Tommasuccio à fogueira por ordem de Trincio de Trincis de Foligno e a profecia acerca e Conrado de Trincis...²³⁹. Verificou ainda que o arcebispo de Florença registou também a fenómeno dos tições²⁴⁰. Não pudemos, contudo, localizar nem determinar a origem da anterior condenação de Tommasuccio a ser queimado vivo por parte dos ministros do papa

²³⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 7.

²³⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8.

²³⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 7. Este *quaderno antiguo* não deve ser a relação de Fr. Antón de San Martin de Valdeiglesias e que referimos logo de início; note-se, porém, que Sigüenza não afirma que tais factos venham registados nesse «caderno»; de lá retirou o relato que faz a seguir do modo de profetizar de Tomás Unzio.

²³⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 7-8. Com estas personagens também se enfrentou St.^a Catarina de Sena que lhes escreveu em 14-IX-1377 (*Epistolario de Santa Catarina de Siena. Espiritu y Doctrina*, Salamanca, Editorial San Esteban, 1982, carta 253 (I, pág. 881). Será Alfonso de Guadalajara (Vadaterra, segundo corruptela italianizante que se mantém na citada trad. espanhola do *Epistolario* de Catarina Benicasa?), correspondente e visita de Catarina que estará, de algum modo, na raiz informações que depois deram origem a estas confusões? Perguntámo-lo, porque talvez seja *el venerable español* (*Epistolario...*, ed. cit. carta 139) a raiz de alguma informação sobre as revelações de Santa Brígida acerca dos jerónimos que confirmariam as profecias de Tomás Unzio.

²⁴⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8.

referida por Fr. José de Sigüenza ²⁴¹. Tem algum lance de solução semelhante a outro da condenação decretada por Trincio de Trincis. A própria resposta de Tommasuccio aos inquisidores é parcialmente semelhante à que deu aos ministros de Foligno ²⁴². Será uma *amplificatio* das acusações que de Tomás Unzio se fizeram junto dos inquisidores — frades menores, segundo Iacobilli — de Siena e, depois, em Florença?²⁴³. Ambas tiveram lugar depois de 1370... Curiosamente não parece que em Valparaíso se guardasse memória destes factos.

Quanto aos dois factos de que Fr. José de Sigüenza invoca o testemunho de Fr. Vasco para garantir a santidade de Tommasuccio teremos igualmente que os ponderar. Começemos pelo segundo que é o menos datável. Com esses gestos, tal como o fará um dia diante de Trincio de Trincis como prova da sua inocência, procurou o mestre de Fr. Vasco provar aos seus companheiros a rectidão do seu espírito e a sua imensa fé demonstrando, tições na mão, que *el juego no quemaba a los siervos de Dios, sino a los que tenian poca fe...* Apesar da sequência textual em que Fr. José de Sigüenza narra o fenómeno, nada há que obrigue a relacioná-lo directa e exclusivamente com esses momentos em que Tommasuccio se enfrentou com Trincio... O próprio facto de Fr. Vasco o ter visto *muchas vezes* como no-lo garante. E não sabemos, aliás, que um dia, em Siena, se passeou com cera ardendo na boca? ²⁴⁴. — Nada impede, portanto,

²⁴¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 6-7. Trata-se de uma acusação envolvendo *gravísimos falsos testimonios...*, sobre *crimines tan atroces y tan feos...* que não encontramos referida nem por L. Iacobilli nem por L. Amoni, o que põe, uma vez mais, a necessidade de algum dia se estudarem as fontes de Fr. José de Sigüenza.

²⁴² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 7-8.

²⁴³ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit, págs. 33 e 60-61, respectivamente.

²⁴⁴ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso...*, ed. cit., pág. 48: *Un'altra meraviglia medesimamente nel fuoco, operò il Beato nelle Città medesima Siena. E questa fu, che andato egli ad una spetiaria, si fece dare una libra di picciole candele, le quali tutte accese, le si mise in bocca, portandole sempre cosi ardenti per i luoghi piu cospicui e abitati di Siena, senza mais farse, ne pur minima scottatura, ò lesione in quella parte tenera, e gentilissima delle fauci...* Antes tinha descrito o milagre que esteve na base da conversão do forneiro de Siena (Fr. Stoppa).

que Fr. Vasco tenha assistido a uma dessas «provas de fogo» anteriormente a 1350....

O segundo caso já não é tão simples. Tal como o traz a *Historia de la Orden de San Jerónimo* não é possível datá-lo nem localizá-lo... Mas haverá que confessar que a evocação do milagre que faz Sigüenza parece poder assimilar-se a um milagre operado por intercessão de Tommasuccio em Perugia na pessoa de um filho de seis anos de uma sua *sorella cugina*...²⁴⁵. A criança ressuscitada, oferecida pela mãe gratíssima ao beato, foi, desde então e por consentimento seu, companheiro e discípulo fiel até à morte: é Fr. Francisco Perugino²⁴⁶. Se efectivamente é este o milagre a que Fr. Vasco jurava ter assistido, a sua data, mesmo imprecisa, levar-nos-ia a vê-lo em Itália ainda cerca de 1370/1373.

Deve, porém, notar-se que Francesco Perugino parece ter sido o primeiro discípulo de Tommasuccio.... Com segurança, é, de todos os modos, o primeiro de que se regista o nome.... Como conciliar? — Apesar das inegáveis semelhanças, talvez seja mais prudente renunciar à identificação e pensar — provisoriamente, se se preferir — que entre as *mil cosas* e *maravillas* testemunhadas por Fr. Vasco também poderá ter havido outra ou outras ressurreições anteriores ao seu regresso.... Difícil?—Posteriores houve...²⁴⁷, demonstrando que Tommasuccio estava próximo pela santidade aos apóstolos e profetas antigos...²⁴⁸. E, ao parecer, Fr. Vasco não as terá conhecido..., pois aquele *y resucitara ciento si se los pidiera a Dios*... que se lhe atribui e com que se diria comentar o caso do filho dessa viúva assim se poderá interpretar.... Aliás, se em 1350, vivo ainda Fr. Pedro de Gualdo, não se poderá falar *precisamente* de Tommasuccio como mestre de Fr. Vasco, porque não pensar que a tradição, ao fixar-se, confundiu as fontes, os casos, as pessoas e as circunstâncias?

Por tudo isto, preferimos aceitar a primeira datação indicada por Fr. José de Sigüenza que nos dá Fr. Vasco como *uno de los primeros hermitaños que vinieron de Italia*..., circunstância que fez

²⁴⁵ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso*..., ed. cit., pág. 31.²⁴⁶

IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso*..., ed. cit., pág. 32.

²⁴⁷ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso*..., ed. cit., pág. 57. Trata-se da ressurreição dum sapateiro de Luca operada diante de Fr. Francesco Perugino e de Bartolomeo da Grosseto.

²⁴⁸ IACOBILLI, L., *Vita del Beato Tomaso*..., ed. cit., pág. 57.

dele naturalmente *uno de los primeros fundamentos de la restauracion desta santa orden dos Jerónimos...*²⁴⁹ a partir de cerca de 1350. O por onde e o para onde regressou desde Itália já ficou, por diversas vezes, aludido... Aceitemos, por razões de letra, que Fr. Vasco *en viniendo de Itália hizo su assiento con los demas compañeros, que trahian el aviso de la venida del Espiritu santo sobre España en la ciudad de Toledo...*²⁵⁰. O lugar dessa *ciudad de Toledo* que haverá, como se verifica em outras passagens²⁵¹ que tomar por reino de Toledo, não é, contudo tão fácil de determinar. E se nada impede, como dissemos, que interpretando uma falha de memória de Fr. Antón de San Marin de Valdeiglesias, o localizemos em El Castanar ou em alguma outra das ermidas referidas pela mesma «relação» do antigo jerónimo, também não deixa de ser estranho, como igualmente já aludimos, o silêncio sobre Fr. Vasco nesse momento fundacional. Não interpretemos esse silêncio..., mas digamos que El Castanar, situado em *los montes de Toledo*²⁵², não parece ter sido a ermida concedida pelo legado papal a Fr. Vasco *donde estuviesse con sus compañeros junto a la ciudad...*²⁵³. *En los montes de Toledo* será o mesmo que *junto a la ciudad*? — Não o diríamos e, por isso, preferimos pensar que independentemente de El Castañar Fr. Vasco terá estado, antes de partir para Portugal, noutros ermos. Porque não pensar, como dissemos em Guisando? — A volta desde Portugal a Guisando de alguns dum primeiro grupo que aí se teria recolhido, tal como outros que à raiz da partida de Fr. Vasco para Portugal para lá se retiraram²⁵⁴, poderiam ser pistas bem razoáveis para o indiciar... De todos os modos, essa ermida concedida pelo

²⁴⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 6.

²⁵⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 95.

²⁵¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 58-59.

²⁵² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 8.

²⁵³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 95.

²⁵⁴ Já tivemos ocasião de chamar a atenção para esta importante informação que traz Fr. Pedro de la Vega (Conf. *Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. XXXVII, fl. xxxviii r.

legado de Inocêncio IV e logo questionada pelo arcebispo de Toledo terá sido, e ao parecer foi, o último lugar em que Fr. Vasco se demorou, brevemente (?), antes desse regresso, juntamente com alguns companheiros, *algunos de aquellos que se avian venido con el de Italia, y otros algunos que aca se le avian allegado...*²⁵⁵.

A ser assim, a sua vinda a Portugal deverá colocar-se durante ou logo depois de 1356...²⁵⁶, e isso significará que com Fr. Vasco vieram alguns *hermitaños italianos...*, alguns peninsulares..., como já antes terão vindo outros cuja figura principal seria Lourenço Eanes.

Intrigantemente, porém, começa agora a fase mais silenciosa de Fr. Vasco.... Não há sinais seus.... Também é certo que os não há dos outros... e que só cerca de 1365/1366 alguns elementos entrados por esses dias no movimento eremítico lhe imprimirão uma orientação destinada a organizá-lo, segundo anseios velhos, em *ordem...* É desde então que os silêncios são menores, sobretudo em Espanha. É daqui que parte esse movimento organizativo e transformador... Quanto a Fr. Vasco e seus companheiros as fontes jerónimas, mesmo as portuguesas, guardam um profundo silêncio... No entanto, Fr. Manuel de S. Caetano Damasio, na *Thebaida Portuguesa: Compendio Historico Da Congregação dos Monges Pobres de Jesu Christo da Serra de Ossa...* (Lisboa, 1783), obra que ficou incompleta, pretende, um tanto confusamente, conciliando dados e datas dispersas, reivindicar para o seu instituto não só a figura de Fr. Vasco, mas ainda a origem do primeiro mosteiro jerónimo português — Penhalonga. Quanto a Fr. Vasco, dado que a obra ficou, como dissemos, inconcluída, não pôde cumprir a promessa de abordar explicitamente a sua figura, mas refere-se-lhe sempre como o *nosso veneravel Fr. Vasco...*²⁵⁷, chegando mesmo a dizê-lo *nosso eremita da Serra de Ossa...*²⁵⁸. Lastimemos que Fr. Manuel de S. Caetano não tenha podido completar a sua obra e, como diz, provar as suas afirmações..., mas adiantemos que os dados que fornece nas suas

²⁵⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

²⁵⁶ Escrevemos assim, pois não conseguimos apurar a data em que se retirou o legado papal que poderia fornecer outro elemento para ajudar a precisar a data do regresso de Fr. Vasco.

²⁵⁷ Fr. MANUEL DE S. CAETANO DAMÁSIO, *Thebaida Portuguesa...*, ed. cit., II, págs. 255, 429.

²⁵⁸ Fr. MANUEL DE S. CAETANO DAMÁSIO, *Thebaida Portuguesa...*, ed. cit., II, págs. 388-389.

alusões a Fr. Vasco são muito dispersos e tirados de Jorge Cardoso (*Agiológio Lusitano*) e de Fr. José de Sigüenza. Pelo que respeita à reivindicação de Penhalonga ter sido lugar dos Eremitas de Serra de Ossa que depois, como aconteceu em outros casos ²⁵⁹, passou para os jerónimos nada haveria de fundamental a obstar.... O ter sido, porém, fundado em 1355 e depois ter sido reedificado por Fr. Vasco, onde, com seus companheiros, teria vivido até 1389 ²⁶⁰, ano *em que passou a ser solar e a primeira casa da Illustre Congregação de S. Jeronymo neste Reino, cujo instituto professarão também os nossos monges...* ²⁶¹ bem como as conclusões que estabelece, como probatórias, entre a coincidência de quer Fr. Vasco quer os seus companheiros se intitularem, como os eremitas da Serra de Ossa, *ermitãos pobres...*, *pobres ermitãos...*, para não falar já da impossibilidade de alguma notícia complementar que fornece acerca da passagem de Penhalonga para os jerónimos ²⁶², levam a ver nessa reivindicação, tão interessante, aliás, de Fr. Manuel de S. Caetano, pouco mais do que

²⁵⁹ FR. MANUEL DE S. CAETANO DAMÁSIO, *Thebaída Portuguesa...*, ed. cit., II, págs. 48-62 insiste na tese de que não só muitos religiosos da sua congregação se passavam a outras ordens, mas também que algumas vezes, voluntaria ou involuntariamente, outras ordens se apossavam dos seus mosteiros.... E como prova, entre outras, apresenta já a sentença pela qual *por autoridade Real forão os Religiosíssimos Monges da Ordem de S. Jeronymo obrigados a largar a posse que tomáráo com autoridade do Prelado Eborensis do nosso Mosteiro Principal da Serra de Ossa...*, já o caso da passagem de Fr. Vasco e de alguns companheiros de Penhalonga à mesma ordem de S. Jerónimo...

²⁶⁰ Tal data deve tê-la recebido Fr. Manuel de S. Caetano de Fr. José de Sigüenza. Este, contudo, se uma vez escreve 1389, mais tarde, mais prudentemente, escreveu *cerca de 1389* (conf. *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 96 e 394 respectivamente).

²⁶¹ FR. MANUEL DE S. CAETANO DAMÁSIO, *Thebaída Portuguesa...*, ed. cit., II, pág. 255.

²⁶² FR. MANUEL DE S. CAETANO DAMÁSIO, *Thebaída Portuguesa...*, ed. cit., II, págs. 62-63 afirma (se interpretarmos correctamente) que na fundação de Penhalonga como mosteiro jerónimo *teve huma grande parte o nosso Regedor da Serra de Ossa, Fernão Eanes, que depois foi Grão Mestre da Ordem de Avis*. Deve notar-se que este Fernão Eanes, falecido em 1219 (Fr. Francisco BRANDÃO, *Crónica de D. Afonso II*, Porto, Livraria Civilização, s.a., pág. 220) não pode ter ajudado Fr. Vasco.... Fr. Manuel de S. Caetano deve confundir-lo, tal como Jorge Cardoso, com Fernando João que na bula fundacional dos jerónimos portugueses (*Piis votis fidelium* de 1-IV-1400) aparece como fundador. Cardoso traduziu *Fernandus Ioanis* por Fernão Eanes... e não por Fernando ou *Fernão João*... Agradeço ao meu amigo e Colega Prof. Luís Fonseca a gentileza de me ter identificado este mestre de Avis.

o desejo de assimilar, através de alguns indícios, todos os eremitãos aos do seu Instituto.... Por estas razões, e apesar de alguma justeza no manejar da documentação por parte de Fr. Manuel de S. Caetano, julgamos preferível continuar a ver Fr. Vasco relacionado com um eremitismo de tipo franciscano antes e depois da sua estadia em Itália..., como, aliás, na hora das suas reivindicações, o fizeram os frades menores ²⁶³. Tal não impede, porém, que Penhalonga possa ter sido, algum dia, um lugar dos Pobres de Jesus Cristo da Serra de Ossa... em que coexistiram eremitas de origem diversa.... Não diz Fr. José de Sigüenza, referindo-se a Penhalonga, que o que lhes davam ou obtinham do fruto dos seus trabalhos *aun repartian con otros pobres?*²⁶⁴. Será demasiado violento pensar que esses *otros pobres* poderiam ser outros eremitas que não propriamente os seus companheiros ou os pobres em geral? — Tais circunstâncias deixariam entrever a possibilidade de Fr. Vasco para aí se ter retirado (também) e aí permanecido algum tempo.... Alguns anos? — De todas as maneiras interessa-se especialmente pelo lugar em 1390 e podemos aceitar, ainda que suspeitemos que o relato está principalmente baseado nos costumes de Valparaíso, que *juntaronse luego alli otros companeros, multiplicaronse las Ermitas, o celdillas, començaron a hazer vida muy alta, debaxo de la disciplina de tan buen maestro... Salian a pedir lymosna por los lugares, contentavanse con poco, y travajavan con sus manos, y con lo uno y con lo otro se sustentavan, y aun repartian con los otros pobres...*²⁶⁵.

Entretanto, em data imprecisa, já tinha surgido outro eremitério, raiz de futuro mosteiro jerónimo: o Mato, cerca de Alenquer... A fiarmo-nos em Jorge Cardoso, que assegura ter visto os documentos, em 1389 D. João I de Portugal edificou de novo a casa..., casa que já o reconhecia por fundador ²⁶⁶. Talvez, portanto, se possa inferir

²⁶³ Fr. MANUEL DA ESPERANÇA, *Historia Seraphica... Segunda Parte...*, ed. cit., cap. II, pág. 351 di-lo *filho também do Patriarca Serafico... Ficou na sua escola [de Tommasuccio], professou a mesma ordê Terceira...*, AMONI, L., // *Profeta del seculo XIV. Il beato Tommaso Unzio...*, ed. cit., pág. 131, traz a mesma sugestão; e SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos...*, ed. cit., pág. 175 aponta à mesma orientação.

²⁶⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

²⁶⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

²⁶⁶ CARDOSO, J., *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 389.

que já antes desse ano existia algo do que depois, em 1400, foi levantado em mosteiro..., algo esse que haverá que atribuir a Fr. Vasco e a Fernando João²⁶⁷.

Curiosamente, porém, entre 1356 e 1390 há uma data a relevar e a que não tem sido atribuída a importância que deverá merecer: 1378. Nesse ano, como de início dissemos, para fazer mercê a *Lourenço Eanes ermitão, homem de boa vida*, o rei D. Fernando de Portugal, em Santarém, a 1 de Julho, deu à *Ordem de sam Geronymo que ora novamente foe edificada pollo papa gregorio XI*, os seus paços de Frielas com a condição de que o dito Lourenço Eanes nele edificasse um mosteiro da dita ordem...²⁶⁸. Este documento muito interessante foi conhecido e copiado, com leves variantes, por Jorge Cardoso, no seu *Agiolôgio Lusitano* a propósito da comemoração litúrgica de Fr. Lourenço em 9 de Fevereiro em S. Jerónimo do Mato²⁶⁹. Por ele se vê que cinco anos depois da «confirmação» da ordem há uma tentativa de fundar em Portugal, tentativa amparada, também aqui, pelo rei que faz a doação das casas e talvez das terras, com a condição de algumas orações pelos seus avós, pais e por si próprio. O que importa sublinhar é que em tal data ainda não é Fr. Vasco-que dá os passos (aparentes) em direcção à fundação..., à ordem de S. Jerónimo..., mas sim um discípulo seu, Lourenço Eanes.... Tal significa, como já se sugeriu, que, por essas datas Fr. Vasco ainda não teria regressado a Portugal? — Já respondemos e não há porque repeti-lo aqui. O que, porém, sem grandes dúvidas, significará é que por esses anos Fr. Vasco se resistiria ainda a entrar numa ordem..., e, por outro lado, que alguns dos seus discípulos e dos mais principais, a começar por Lourenço Eanes, se orientariam pelo que ia do outro lado da fronteira.... E a bula de Gregório XI dirigida em 1375 aos abades de Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra e S. Vicente

²⁶⁷ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 394.

²⁶⁸ Este paço de Frielas era, ao parecer, já em tempos de D. Dinis um lugar onde os reis portugueses gostavam de se retirar e aí teria fundado o rei Lavrador uma capelinha de Santa Catarina. Desse retiro escreverá também a rainha D. Isabel, sua mulher, algumas cartas. (RODRIGUES, Sebastião Antunes, *Rainha Santa, Cartas Inéditas e Outros Documentos*, Coimbra, Editora, Limitada, 1958, págs. 152-153). Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno...*, ed. cit., v. III, pág. 238.

²⁶⁹ J. CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 389.

de Lisboa comunicando-lhes a criação da ordem de S. Jerónimo e a faculdade concedida a Fr. Pedro de Guadalajara para fundar dois mosteiros em Portugal, ao mesmo tempo que solicitava dos destinatários a sua protecção para essas fundações talvez não revele apenas uma intenção de Fr. Pedro Fernández Pecha ²⁷⁰, mas um passo anterior a esses que conduziam a 1378.... Frustradamente. E durante mais de uma década não há, que saibamos, tentativas de fundação.... E quando em 1389/1390 encontramos Fr. Vasco e dois companheiros seus interessados, com o apoio real novamente ²⁷¹, na compra de Penhalonga poderemos perguntar se ainda nessa data se trataria de uma tentativa de fundação.... Fr. José de Sigüenza orienta-se nesse sentido... ²⁷². Não seria, então, Fr. Vasco a dar um passo que pusesse esse erro seu conhecido na mesma situação em que se encontrava o Mato, que tinha uma casa recentemente, pelas mesmas datas, reedificada pelo rei? — Porém, apesar do que sabemos sobre o Mato, só dez anos depois teremos os passos mais precisos em direcção às primeiras fundações: em 1400, Bonifácio IX, pela bula *Piis Votis Fidelium*, autoriza a fundação de dois mosteiros: Penhalonga e o Mato. São passos que pressupõem outros passos..., congregação de vontades..., viagens..., contactos materiais, etc. que tiveram que começar algum tempo antes — um ano..., dois anos.... De novo, contudo, Fr. Vasco e Fr. Lourenço Eanes desaparecem do primeiro plano.... As explicações da diferente obediência papal... ²⁷³, o aparecimento de novos discípulos que, momentaneamente, suplantem os mais antigos podem ajudar a perceber dificuldades e atrasos..., mas não explicam, cabalmente, o fenómeno de só cerca de dezassete anos mais tarde, apesar de em Portugal viver uma figura como a de Fr. Vasco — e porque não Lourenço Eanes? —, se terem concretizado as primeiras fundações jerónimas. O exemplo de Castela e de Aragão

²⁷⁰ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 258.

²⁷¹ D. João I de Portugal interessou-se, como se depreende da escritura, pela compra de Penhalonga e Cândido dos SANTOS, que publicou o documento, chamou a atenção para o facto (*Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., págs. 7-8).

²⁷² FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

²⁷³ SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 9 adianta esta explicação que pode, como sublinharemos, ajudar a perceber os atrasos e hesitações, mas deve notar-se, como já, sugerimos, que o próprio Fr. Pedro Fernández Pecha teria igualmente recorrido a Roma....

(Valência) em que tanto insiste Fr. José de Sigüenza ²⁷⁴, não foi ou não pôde ser durante esse tempo eficaz. Porquê?

Tentemos uma resposta aproximativa e, naturalmente, provisória para estes silêncios..., para essas, porque não dizê-lo?, hesitações. E talvez se deva a José de Sigüenza fundamentalmente a base dessa resposta. Retornemos a 1355. Desde este ano — já vimos que 1356 é preferível — em que se passou a Portugal até ao de 1389 — sabemos que Fr. José de Sigüenza o indica aproximativamente — leva vida eremítica..., essa vida que quer continuar, de alguma maneira, em Valparaíso..., e só nesse ano *se determino el siervo de Dios Fray Vasco de mudar de estado* ²⁷⁵. O cronista jerónimo parece ter percebido uma certa resistência — a que já aludimos — de Fr. Vasco a mudar de estado..., isto é, de eremita passar a cenobita..., o que efectivamente significava mudar, quase no fim da sua longa vida, o que tinha sido durante tantos e tantos anos... Tinha juntado discípulos— Fr. Humberto..., Antonino... Fr. Fernando João..., Lourenço Eanes..., Fr. Rodrigo, o Velho...—, tinha visto que *algunos de sus hijos se avian apartado de su compania, buelto la cabeza atras como obreros pereçosos espantados covardemente del rigor de la penitencia, despues de avellos criado muchos años y trabajado con ellos esperando coger algun fruto de la virtud de sus almas...* ²⁷⁶. Sigüenza pensa que esta última circunstância foi uma das razões que o levaram a seguir o exemplo de Castela e de Valencia..., e não o negaremos. Preferimos, contudo, ver em todas estas circunstâncias um desejo de persistência nessa vida eremítica que em Itália..., Espanha... tinha sido a sua vocação primeira. Talvez seja nessa resistência ou ou nessa insistência que se possa encontrar um filão de explicações possíveis para o silêncio que depois de 1373..., depois de 1378..., continua a envolver Fr. Vasco e, em certa medida, Fr. Lourenço Eanes. E, como sugerimos, não há porque negar que o que nos revela insistência num «estado» — para o dizer com a palavra de José de Sigüenza — não possa também ter sido o que o decidiu, muito mais tarde, a *mudar de estado* e, tomado *su acuerdo con los compañeros*,

²⁷⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 96, 394.

²⁷⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

²⁷⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

*e hijos, que le quedaron, sobre si harían lo que avían hecho en Castilla y Valencia los demás hermitaños, resolvieronse en que si, y sin mas aguardar senalo luego dos dellos, para que fuessen a Roma, y pidiessen al Papa la concession que se avia hecho por otros pontífices de la religion de S. Geronimo, de los hermitaños de Castilla con la regia de San Agustin, o otra que el Papa le pareciesse...*²⁷⁷. Aliás, Fr. Vasco, que seria leigo²⁷⁸, tinha, como também já sugerimos, do outro lado da fronteira, um exemplo de resistêcia idêntico ao seu: Fr. Rodrigo, o Lógico continuava, por essas datas, e continuaria ainda alguns anos mais, vivendo como ermitão à sombra do convento de S. Francisco de Arrizafa, junto a Córdoba, e só *muda*, de certo modo, *de estado*, quando Fr. Vasco funda Valparaíso.... Donado, sem nunca ter recebido o hábito branco e pardo, vincula-se por esse «grau» mínimo com a ordem de S. Jerónimo..., diríamos que em aras da velha amizade ao seu companheiro português. E o que resume na *Historia de la Orden de San Jerónimo...* sobre as dúvidas e resistências de alguns eremitas dos núcleos valencianos que estiveram na origem dos mosteiros jerónimos de Plana de Jávea e Murta de Valencia, a organizarem-se cenobiticamente pode confirmar-se-nos como outro exemplo — mais amplo, aliás, e mais significativo ainda, talvez — do mesmo espírito e da mesma vocação²⁷⁹.

Sobre a fundação de Penhalonga, favorecido este por visitas de reis e príncipes²⁸⁰, e de S. Jerónimo do Mato já ficou aludido o suficiente, e alguns pormenores fundacionais estão preciosamente tratados nas duas obras que deram origem a estas notas. Mas vale a pena atentar um pouco nas razões que terão pesado para levar

²⁷⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

²⁷⁸ Cremos, provisoriamente, que Fr. Vasco foi e ficou sempre leigo... Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA nunca afirma que tenha sido presbítero..., nunca se refere à sua celebração da missa e a reverência com que tratava Fernando João, por ser presbítero(*Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96) pode bem ser um sinal dessa «diferença» que lhe teria conferido um segundo lugar aquando da fundação da Ordem Jerónima em Portugal...

²⁷⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 238; 68; 119. Note-se que também Fr. Pedro Barreda, o principal dos eremitas que deram origem ao Mosteiro de Murta de Valencia, *queria*, opondo-se aos outros dez, *quedar en aquella primera manera de vida...*

²⁸⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 98.

Fr. Vasco, mudando uma vez mais de lugar, a decidir-se a ir fundar junto a Córdoba.

Devemos dizer imediatamente que as conhecemos tal como as traz Fr. José de Sigüenza que aqui, uma vez mais deve resumir — e interpretar — informações directa ou indirectamente recebidas de Valparaíso.... Talvez a decisão de Fr. Vasco, essa decisão que lhe levou um ano inteiro de reflexão e oração²⁸¹, tenha uma sedimentação larga...: 1378 pode revelar ainda algo mais do que a sua insistência num estado de vida..., uma vocação profundamente eremítica..., e significar também dificuldades e hesitações.... O que sabemos sobre alguns discípulos que desertaram da sua companhia... fugindo *espantados covardamente del rigor de la penitencia* em que os tinha criado²⁸², é de molde a insinuar uma zona de dificuldades e dúvidas..., já que, então, como depois, o favor real, não parece ter faltado...

O aparecimento em cena de Fernando João presbítero e homem de letras, reverenciado por Fr. Vasco — um aparecimento que tem algo de não preparado e teria tido, segundo uma tradição na ordem, um mau desfecho²⁸³ — e a polémica que entre os eremitãos levantou a sua nomeação como fundador dos primeiros mosteiros jerónimos portugueses²⁸⁴ — polémica que se traduziu em negar-lhes alguns a obediência dando-a a Fr. Vasco²⁸⁵, como verdadeiro fundador — são circunstâncias e factos que podem, sem sair da zona semântica referida, representar outros aspectos dessas dificuldades.... Por outro lado, às cartas de favor de D. João I de Portugal interessando-se pelas fundações jerónimas portuguesas²⁸⁶, à protecção que lhes dispensou aquando da compra de Penhalonga..., seguiu-se, ao reafirmar-se uma política oposta

²⁸¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 98.

²⁸² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

²⁸³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 97.

²⁸⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 97.

²⁸⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 97.

²⁸⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 98; Conf. SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 8.

ao desenvolvimento dos bens eclesiásticos²⁸⁷, uma situação desfavorável, em geral, à economia das ordens religiosas..., que atingiu os novéis mosteiros hieronimitas que em Portugal, um pouco contrariamente à regra geral que se verificava em Espanha, se diria não terem abundado, pelo menos em seus começos, em disponibilidades de sustentação. O que Sigüenza constata como cronista²⁸⁸, poderá, talvez, confirmar-se com o facto de que a generosidade dos reis portugueses para com Penhalonga, Mato, Espinheiro, e S. Marcos só ser realmente visível a partir de D. Afonso V...²⁸⁹. Sigüenza, talvez interpretando factos, assinala, em íntima relação com tudo isto, as dificuldades de recrutamento de vocações que sentiram Fr. Vasco e Fernando João.... Os portugueses, «explica» Fr. José de Sigüenza, estimavam *en mucho la santidad de los nuevos Geronimos, y les hacia admiracion el grande recogimiento y compostura, mas atrevianse a imitaria pocos, porque conocian el gran trabajo que padecian en sustentarse, y juntarse mal recogimiento interior, y necesidad de acudir a los intereses de fuera*²⁹⁰. A solução possível, a mendicância, tão praticada pelos núcleos iniciais de ermitãos «jerónimos»²⁹¹, tinha-se revelado um perigo e fora posta, salvo casos de força maior em casas pobres, como Guisando²⁹², ou Zamora, nos seus começos²⁹³ totalmente de parte pelos jerónimos. Radical²⁹⁴, Fr. Vasco nem parece ter aceitado, provisoriamente sequer, nos mosteiros portugueses essa solução, pois

²⁸⁷ BARROS, H. da, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, s.a. (2.^a ed. dirigida por T. de Sousa Soares), II, págs. 274-280 dá alguns elementos que permitem enquadrar as alusões de Fr. José de Sigüenza, sem, contudo, precisar tal lei e ano.

²⁸⁸ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 394.

²⁸⁹ SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 57.

²⁹⁰ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 98.

²⁹¹ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 10, 19.

²⁹² FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 60.

²⁹³ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., págs. 147, 149.

²⁹⁴ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 173: (*cosa [mendigar] que llevaba mal por las razones que avia experimentado...*); REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 261-262 cita um texto corroborador.

além de saber por *experiencia el gran peligro desto — mancebo..., le persiguió el demónio con grandes tentaciones de la carne, despertava en alma castíssima pensamientos feos, en los sentidos movimientos torpes*²⁹⁵ — saberia também, como depois recordará Fr. Juan Serrano ao papa e a Fr. Lope de Olmedo, que S. Jerónimo não foi mendicante...²⁹⁶. Sempre diríamos que, no plano do imediato, foi a constatação da *poca comodidad que avia en su tierra, para que la orden de S. Geronimo que avia fundado se extendiesse alli, con la quietud de vida que deseava, sin tener necesidad de mendigar, cosa que llevaba muy a mal por las razones que avia experimentado*²⁹⁷ o que decidiu Fr. Vasco a passar-se a Córdova..., mas as razões, anteriores que podem como que constituir um avolumar dum contexto desfavorável teriam, seguramente, um peso a ser considerado.... Aí, em Córdova, poderiam viver mais encerrados os seus monges...²⁹⁸. No entanto, estas razões se explicam porque se decide a voltar a Castela — assim se expressa sempre Fr. José de Sigüenza²⁹⁹ — não explicam cabalmente porque *puso los ojos el siervo de Dios en aquella parte que se llama Betica y Turdelana de los antiguos... Agora se llama Andaluzia...*³⁰⁰. Simplesmente porque nessa região não havia ainda fundações jerónimas? — Assim o sugere Fr. José de Sigüenza...³⁰¹, e assim se tem interpretado...³⁰². No entanto, a estas razões caberá, muito possivelmente, juntar uma outra que não deverá ter sido nem de menos consultas nem de menos peso à hora de decidir: em Córdova, junto ao convento de S. Francisco de Arrizafa estava *el santo hermitaño* Fr. Rodrigo, o Lógico e um pequeno grupo

²⁹⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 98.

²⁹⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 317.

²⁹⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 137.

²⁹⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 98.

²⁹⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 137.

³⁰⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 137.

³⁰¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 137.

³⁰² REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 259.

de discípulos seus... que, como seu mestre, se fizeram donados³⁰³ isto é, conservaram o seu estado de eremitas, obedecendo de algum modo a Fr. Vasco, acudindo ao mosteiro pelos sacramentos, ajudando à missa, fazendo *todo lo que se les mandava...*³⁰⁴. E algum, como Fr. Martin Gómez, chegou até, depois da morte de Fr. Rodrigo, a viver no mosteiro sem, contudo, nele plenamente se integrar...³⁰⁵. Temos que esta santa amizade, uma amizade tal que decidiu que fossem enterrados na mesma sepultura³⁰⁶, foi algo de muito importante na vida de Fr. Vasco de Portugal. Fundar em 1405/1408³⁰⁷ Valparaíso representaria remontar, até certo ponto, a um passado italiano..., próximo dessa esperança e dessa espera do Espírito Santo, a um estilo próprio de viver essa esperança e a uma certa maneira de a conceber ao materializar-se na *nova ordem...* Os traços que distinguiriam Valparaíso das outras casas jerónimas derivam, em grande parte, como já foi dito, dessa persistência de Fr. Vasco em salvaguardar esse espírito que o trouxe — a ele e aos outros *hermitaños italianos* — à Península Ibérica.... O encontro — e a aproximação — com Fr. Rodrigo haverá, pois, que vê-lo nesse contexto.... A possibilidade de opção que se deu aos monges de Penhalonga e de o Mato na hora da partida para Córdova — acompanhar Fr. Vasco ou ficar com Fernando João — pode representar, até certo ponto, uma opção por um estilo de ser monge de S. Jerónimo..., de uma *ordem nova* continuando ermitãos.... Um ideal que, embora tenha orientado, em linhas gerais, a transformação dos vários focos eremiticos em centros jerónimos, parece ter estado especialmente presente na vontade explícita de alguns—como Yuste³⁰⁸—ou na prática de vida e na espiritualidade

³⁰³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 241.

³⁰⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 241.

³⁰⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 241.

³⁰⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 241.

³⁰⁷ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 260.

³⁰⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 140: *ninguna religion les venia mas a cuento que la de S. Geronimo, pues con ella se quedavan en el mismo puesto, proposito y manera de vida...*

que a emforma, como em Guisando...³⁰⁹ e em Valparaíso³¹⁰, dois centros, estes últimos, que curiosamente nos reenviam para esses grupos fortemente marcados, pelo menos à raiz da vinda de Itália, por ermitãos portugueses. Um pouco mais ainda: se um, Guisando, continuou, como se disse, a atrair eremitas portugueses, o outro, Valparaíso, além de abrigar, desde o início, monges lusitanos, será regido durante mais de vinte e cinco anos depois a morte de Fr. Vasco por priores dessa mesma nacionalidade — Lourenço Eanes e Fr. Gomes³¹¹. E isto quer dizer também que esses grupos foram marcados, em larga medida, por Fr. Vasco de Portugal. E também por Fr. Rodrigo, o Lógico? — Talvez também por esse outro discípulo de Tommasuccio de Siena.

Resta-nos, dentro destas notas aproximativas à personalidade e acção de Fr. Vasco, alinhar algumas observações atinentes a um ou outro dos seus discípulos, tentando, uma vez mais, contribuir para juntar fios um pouco abandonados. Os discípulos são sempre, em certa medida, um prolongamento do mestre..., e, muitas vezes, não só lhe prolongam as doutrinas e os gestos, mas também percorrem, a seu modo, os mesmos ou idênticos caminhos.... Recolher alguns dados dispersos..., acentuar, mesmo a ponteado, alguns dos seus itinerários..., serão meios possíveis para sublinhar melhor algum itinerário já aludido... e para ponderar mais aproximadamente a participação dos portugueses na formação de alguns desses grupos eremíticos.

Mas, antes, devemos voltar a um caso à parte — Fr. Rodrigo, o Lógico.

Como dados seguros temos, em primeiro lugar, que acabou, de certo modo, sob a obediência de Fr. Vasco...—*fue subdito y estuvo en su obediencia como Donado...*³¹². Já aludimos ao que tal

³⁰⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 64: *acostumbravan al principio, aunque ya estaban reducidos a convento, campana y comunidad, retraerse algunos en aquellas cuevas donde avian vivido en sus primeros años, para gozar de la soledad amiga, y no perder el curso de sus penitencias y asperezas...*

³¹⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 139.

³¹¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 467-468.

³¹² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 238.

conclusão de vida poderá ter significado tanto para Fr. Rodrigo como para Fr. Vasco: um persistir na vocação eremítica em que juntos se teriam criado...³¹³, persistência que, tanto quanto é possível suspeitá-lo sem violentar os textos, pode ter sido uma das razões da eleição de Valparaíso por parte de Fr. Vasco. Consequentemente, segura também será a sua estadia em Itália junto de Tommasuccio ou de outro mestre espiritual contemporaneamente à estadia de Fr. Vasco...³¹⁴. Se pudesse afirmar-se — o que não é possível com segurança — que tinham viajado os dois..., que ambos tinham passado cerca de trinta anos nessa Itália franciscana, a naturalidade portuguesa de Fr. Rodrigo, se não demonstrável, seria uma possibilidade.... Efectivamente, não sabemos — Fr. José de Sigüenza deixa transparecer uma certa incerteza sobre a sua origem cordovesa³¹⁵ — a sua real naturalidade, a não ser que era «espanhol» como Fr. Vasco, igualmente *natural de España* ainda que *portugues de nacion*...³¹⁶. De qualquer modo, nada deverá alterar a informação do autor da *Historia de la Orden de San Jeronimo* sobre o regresso na mesma data dos dois espanhóis à Península Ibérica³¹⁷ e a companhia em que continuaram até Fr. Vasco, durante 1356, ter regressado a Portugal. Se fosse português não teria o antigo mestre de lógica acompanhado Fr. Vasco no regresso à pátria? — Sabemos de alguns que vieram de Itália e que não passaram imediatamente a Portugal...³¹⁸. O próprio Fr. Vasco também não o fez..., antes se demorando nos montes de Toledo.... Talvez até, a não se ter dado o conflito com o arcebispo de Toledo se tivesse demorado para sempre ou, pelo menos, um pouco mais.... Fr. Rodrigo é, pois, um companheiro de Fr. Vasco e não propriamente um discípulo, representando, a partir

³¹³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo*..., ed. cit., I, pág. 238.

³¹⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo*..., ed. cit., I, pág. 239.

³¹⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo*..., ed. cit., I, pág. 239.

³¹⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo*..., ed. cit., I, pág. 6.

³¹⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo*..., ed. cit., I, pág. 239.

³¹⁸ É o que parece, como já assinalámos, deduzir-se da informação de Fr. Antón de San Martin de Valdeiglesias que cita REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos*..., ed. cit., págs. 76-77.

de certo momento, juntamente com o eremita português, esse espírito eremítico de matiz italiana... de matiz «espiritual»..., matizes que esses leigos, de idade aproximadamente igual — ambos teriam atingido o século, se não se tratar de um número adjectivo — teriam afirmado à volta de 1405/1408 na fundação de Valparaíso.... A sua própria espiritualidade, tanto quanto as alusões de Sigüenza no-la permitem captar, revela traços coincidentes com a de Fr. Vasco e a eles teremos, portanto, de voltar.

Os discípulos propriamente ditos de Vasco de Portugal cujos nomes conhecemos representam duas nacionalidades ibéricas: são portugueses, Lourenço Eanes, Fr. Rodrigo, o velho..., Fr. Gomes..., Fr. «Auberto»...; são espanhóis, Fr. Diego de Palma..., Diego, o velho..., Fr. Juan de Toledo... Há um outro ainda: Fr. António de Vaena. Ou de Viana? — Fr. José de Sigüenza que o traz como um dos informadores da vida de Fr. Vasco, não lhe assinala a naturalidade..., mas no século XVII, não conseguimos apurar sobre que documentação, reivindicam-no para Portugal³¹⁹ e como um dos portugueses que acompanharam Fr. Vasco para Valparaíso.... Segundo alguma historiografia jerónima lusitana, português seria igualmente, apesar do silêncio de Sigüenza sobre este ponto, Fr. Afonso de Palma...³²⁰.

Não interessa repetir os dados que a crónica de Sigüenza nos transmite e, por isso, reteremos apenas os nomes de Lourenço Eanes..., de Fr. «Auberto» e de Fr. Afonso de Palma.

Sobre Lourenço Eanes o autor da *Historia de la Orden de San Jerónimo* foi muito parco em informações, mas considera-o desde sempre como um discípulo, um *de aquellos hijos que avia criado*³²¹, e fecundo colaborador de Fr. Vasco de Portugal.... É não só um dos dois monges por ele enviados a Córdoba, mas é ele a quem vemos dar *in loco* os passos mais importantes conducentes à nova fundação: acompanha o bispo junto da doadora, D. Ynes Ponte-

³¹⁹ CUNHA, D. Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Lisboa...*, ed. cit., II Parte, Cap. LXXXXV, pág. 253R.

³²⁰ *Memorias dos Estudos em que se criaram os monges de S. Jerónimo...*, «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», VI (1921), pág. 209.

³²¹ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 137.

vedra³²², e escolhe o lugar da fundação³²³. Nesta eleição Fr. José de Sigüenza louva não só a discrição humana, mas também a discrição espiritual de Lourenço Eanes. Com efeito, ao preferir o jerónimo português a herdade mais pobre das que se lhe ofereciam e também a mais áspera, mais afastada da cidade e a menos fértil..., fazia prova de desinteresse humano e da espiritualidade que o guiava...³²⁴ As fontes portuguesas repetem os dados de José de Sigüenza, sublinhando o seu vicariato cordovês durante a vida de Fr. Vasco, a sua eleição como segundo prior de Valparaíso, o seu regresso à pátria, acrescentando algum dado apurado pelo autor do *Agiológico Lusitano* para depois do seu regresso definitivo a Portugal. Com efeito, além de ter sido o autor de uma biografia do seu mestre — biografia que, apesar de mandada destruir pelo próprio biografado, lhe deu direito a ser catalogado entre os autores portugueses...³²⁵ — parece ter sido, ao regressar, confessor da rainha D. Leonor de Aragão, mulher do rei D. Duarte. A sua morte, acompanhada de alguns fenómenos maravilhosos, terá ocorrido em Penhalonga para onde se pensa que voltou ao deixar Valparaíso? — Se assim foi, porque seria celebrada a sua festa litúrgica a 9 de Fevereiro em S. Jerónimo do Mato? — Não será este, como já sugerimos, um indício de que poderá ter falecido ali, ele que tinha sido um dos seus fundadores? — O seu enterro no Mato e transladação posterior para a igreja do mosteiro entretanto construída parecem confirmá-lo³²⁶.

³²² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 137.

³²³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 138.

³²⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 138.

³²⁵ *Memórias dos Estudos em que se criarão os monges de J. Jeronymo...* «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», VI, 1921, pág. 208; MACHADO, D. Barbosa, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., III, págs. 22-23.

³²⁶ CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, págs. 383-384 diz que Fr. Lourenço Eanes foi confessor, de D. Leonor, mulher de D. João II, o que é impossível, como compreendeu o autor anónimo das *Memórias dos Estudos em que se criarão os monges de S. Jeronymo...*, «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, VI, (1921), pág. 209 que identifica essa D. Leonor com a rainha Leonor de Aragão, mulher de D. Duarte. A mesma rainha teria ajudado a levar o esquife aquando da transladação do corpo de Fr. Lourenço Eanes para a sepultura definitiva na Igreja do Mato (CARDOSO, Jorge, *Agiólogo Lusitano...*, ed. cit., I.c).

Sempre caberá perguntar, retomando sugestões que já fizemos, quando se terá encontrado Lourenço Eanes com Fr. Vasco.... Em Itália? Em Espanha? Em Portugal? — Não é fácil apontar com alguma segurança uma resposta ³²⁷. Antes de mais deverá anotar-se que Fr. José de Sigüenza não alude, sequer indirectamente, à possibilidade de Lourenço Eanes ter sido um dos *santos hermitaños italianos...* e Valparaíso, se fosse possível contá-lo nesse número, não teria muito provavelmente deixado de assinalar essa «origem» do seu segundo prior.... Para Sigüenza, Fr. Lourenço é sempre, como dissemos, um discípulo de Fr. Vasco de Portugal. Há, porém, por outro lado, os dados que a memória de Fr. Antón de San Martin guardou sobre os primeiros tempos de Guisando e que Sigüenza — há também que o ter presente — conheceu. Segundo o antigo monge de Guisando, Fr. Lourenço Eanes seria o principal de um grupo de ermitãos, o que é já dizer alguma coisa..., pois silencia, pelo menos, a Fr. Vasco. Desse grupo de ermitãos, alguns teriam, como vimos, ficado em Castela, outros passado a Portugal e daqui teriam alguns regressado novamente a Castela, mais concretamente a Guisando.... Poderá, contudo, deduzir-se da confusa redacção da informação de Fr. Antón que Lourenço Eanes também veio de Itália? — É possível e, a ser assim, teríamos de admitir que ou Fr. Vasco nessa data ainda não tinha alcançado a fama de que depois gozou ou que regressou independentemente de Lourenço Eanes — noutra grupo ou noutra ocasião, ainda que, de qualquer modo, nos pareça que já em 1355-1356 estaria cerca de Toledo. Mas a ter vindo de Itália poderíamos contá-lo entre os filhos que tinha criado ou deveríamos tê-lo na conta de companheiro? — A Fr. Rodrigo, o Lógico, nunca se lhe chama discípulo... Não nos decidamos..., aceitemos, provisoriamente, que, apesar destas distinções e subtilezas, Fr. Lourenço Eanes poderá ter estado em Itália... É, talvez, a hipótese mais remota.... Aceitemos, provisoriamente também, que nada nas palavras de Fr. Antón de San Martin se diria impedir que tenha entrado na órbita de Fr. Vasco em Espanha... ou que tenha sido o principal desses *algunos buenos ombres* que se tinham juntado ao grupo que de Guisando passou a Portugal... De todas as maneiras,

³²⁷ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., 77, confessando não poder identificar a personagem — ainda que tenha apontado à pista certa — *parece* inclinar-se aí pelo regresso de Itália..., já que também nessa mesma página aceita o regresso tardio de Fr. Vasco. Mas tal não parece possível nem o mesmo autor sustenta mais tarde, como assinalámos, a essa opinião.

era tido, nesse círculo de Guisando que recordava o antigo jerónimo, como o *principal...*, o mais significativo. É esta importância que pode explicar que em 1378 seja ele quem aparece a dar os primeiros passos para a fundação do que poderia ter sido o primeiro mosteiro jerónimo português.... É a ele, como vimos, que o rei D. Fernando doa os paços de Frielas para aí se edificar esse mosteiro da ordem nova.... E o facto de Fr. Vasco não aparecer nos documentos em tal ocasião — tal silêncio — não deverá significar uma ausência³²⁸, mas, sim, como já insinuámos, o seu desejo de se não passar ainda à vida cenobítica... Efectivamente, como dissemos, não cremos seja legítimo deduzir de uma decisão posterior a necessidade de uma decisão anterior orientada no mesmo sentido..., isto é, o facto de Fr. Vasco ter sido um celebrado fundador de três (?) mosteiros depois de 1390/1400 não implica necessariamente que o quisesse ser à volta de 1378.... Também em 1390 Fr. Lourenço Eanes não aparece junto de Fr. Vasco... e com isto nunca se pretendeu que por esses dias não estivesse em Portugal ou que tivesse abandonado a ideia de vir a ser jerónimo... Alguma polémica..., algumas dificuldades... e, sobretudo, uma insistência na vida eremítica poderão explicar muito mais plausivelmente essas oscilações e esses silêncios... O que parece certo é que cerca de 1390, na altura da compra de Penhalonga, Lourenço Eanes não viveria junto de Fr. Vasco.... Estaria em o Mato? Será ele o *nosso bom irmão Lourenço* de quem Fr. Vasco numa das suas cartas diz qu estava não em Penhalonga, mas no lugar da *Matta da guerra*?³²⁹ — Não façamos hipóteses..., e conten-temos em vê-lo partir em 1405 para Córdova a dar os primeiros passos para a fundação de outro mosteiro..., em vê-lo escrever a biografia do seu mestre espiritual..., em ser o seu auxiliar em Valparaíso..., em prolongar o seu espírito após a sua morte..., a fixar-se de novo em Portugal onde representaria, de certo modo, o regresso do espírito «primitivo» de Fr. Vasco... O *importunado de los religiosos que avia en aquel reyno* com que Fr. José de Sigüenza

³²⁸ Assim, como apontámos, o crê o nosso estimado colega Prof. Cândido dos SANTOS, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 6.

³²⁹ Tal se poderia pensar, já que Fr. Vasco, escrevendo a Fr. Lourenço, o Bacharel, monge alcobacense lhe diz: *e maravilhome muito por non virdes aver o vosso pobre lugar e seus moradores, quá bem o creio, que vos praseria mais, que o outro lugar da Matta da Guerra, onde veríades nosso bom irmão Fr. Lourenço...* (CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 390).

traduz as razões da fixação definitiva de Fr. Lourenço Eanes em Portugal³³⁰, pode ter também este sentido.... E o que as fontes portuguesas já referidas acrescentam poderia confirmá-lo...

Teria sido Fr. Afonso de Palma português? — Fr. José de Sigüenza, como dissemos, não se refere a esse pormenor..., apenas assinalando, além de algumas linhas da sua espiritualidade e da sua bibliografia em que avulta um santoral traduzido do latim que talvez seria o mesmo que a tradução de um *Flos Sanctorum* que, sob os cuidados de Fr. Pedro de la Vega, se imprimiu em 1521 (Zaragoza), a sua eleição como vigário de Valparaíso e, dado importante, o ter entrado religioso já sacerdote³³¹. No século XVII, porém, como dissemos, D. Rodrigo da Cunha reivindica-o para Portugal..., confundindo-lhe, como confunde, como vimos e veremos, alguns outros dados, o nome (Diogo por Afonso), sem que saibamos em quem se apoia...³³². Foi esta reivindicação, igual à que faz a propósito de Fr. António de Vaena ou de Viana, que permitiu acolher Fr. Afonso de Palma nos repertórios bibliográficos portugueses e que no século XVIII o autor das *Memórias dos Estudos em que se criaram os monges de S. Jerónimo* igualmente o incluisse entre os professos de Penhalonga em 1407...³³³. Se tal data fosse segura, Fr. Afonso de Palma teria entrado para a companhia de Fr. Vasco relativamente pouco antes da sua marcha a Valparaíso e serviria para nos acercar melhor o momento de chegada de Fr. Vasco e dos mais jerónimos ao mosteiro cordovês — entre 1407/1408³³⁴. Aqui fiam estes fios para o que possam valer num futuro...

Quanto a Fr. «Auberto» de quem se ocupa Fr. José de Sigüenza lembrando-o como um dos mais eminentes e mais queridos discípulos que a Fr. Vasco se juntaram em Portugal³³⁵, cremos tratar-se de

³³⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 467.

³³¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 470.

³³² CUNHA, D. Rodrigo da, *Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Lisboa...*, ed. cit., II Parte, cap. LXXXVI, págs. 259-259v.

³³³ *Memórias dos Estudos em que se criaram os monges de S. Jerónimo...*, «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra», VI (1921), pág. 209; MACHADO, D. Barbosa, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., I, pág. 46.

³³⁴ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 260.

³³⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 194.

esse ermitão Humberto que, juntamente com o mestre e Antonino, compra em 1390 Penhalonga.... Se assim é, neste ponto D. Rodrigo da Cunha tinha razão em aplicar a este Fr. Humberto o que Sigüenza copia como sendo de Fr. «Auberto» que pensaríamos ser algum Fr. «Alberto»..., ainda que o arcebispo de Lisboa, autor de tantas reivindicações, tenha lido apressadamente o relato do monge siguntino.... Efectivamente, Fr. Humberto não seguiu Fr. Vasco para Córdoba, pois morreu nos braços do mestre em Portugal... e só mais tarde, um antigo discípulo do fundador dos jerónimos portugueses, saudoso, visitando o *santo patriarca* no seu mosteiro de Córdoba, lhe leva, como relíquia duplamente preciosa — pela santidade e pela amizade — a cabeça de Fr. Humberto...³³⁶. É este, se for certa a nossa interpretação, um pequeno pormenor, mas que tem o interesse de nos identificar esse ermitão que em 1390 estava junto a Fr. Vasco e de nos perfilar esse pequeno grupo de três eremitas em direcção à fundação da ordem jerónima em Portugal...

Antes de passar a olhar algumas linhas da espiritualidade de Fr. Vasco devemos abordar, para completar algo do que já ficou sugerido, o que impropriamente poderíamos chamar, mesmo sob pena de sabermos que incorreríamos na reprovação do ermitão português, na sua obra «literária»... Como dissemos, de tal obra restam-nos duas cartas e três poemas..., representando, como suspeitamos para a correspondência e sabemos com certeza para os poemas, um espólio mais vasto... Fr. José de Sigüenza ainda pôde ver mais de oitenta poemas³³⁷.

Convém, porém, declarar desde já que a obra de Fr. Vasco se reduz verdadeiramente às duas cartas, já que, como é notório, os poemas são algo que Fr. Vasco estimava..., tinha aprendido e copiado em Itália..., distribuía entre os seus discípulos com o pedido de que os prendessem de memória..., mas que não eram, propria-

³³⁶ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 195.

³³⁷ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

mente falando, obra sua ³³⁸, ainda que algo de seu pudesse andar de mistura.

Comecemos, pois, por examinar as suas cartas quanto ao destinatário e sua datação..., para depois as virmos a aproveitar como documentos da espiritualidade de Fr. Vasco. Nunca foram, aliás, que saibamos, tidas em consideração.

As duas epístolas chegaram-nos, como tivemos ocasião de apontar, em cópias algo deficientes impressas no século XVII...³³⁹ nesse *corpus* tão importante para a cultura portuguesa — e até peninsular — que é o *Agiológio Lusitano*, cujo autor declara, a propósito da primeira, ter visto o *original* no cartório do mosteiro de Alcobaça, a que pertencia também a outra. Mesmo que possamos interrogar-nos sobre o alcance desse *original*, podemos igualmente perguntar se da segunda terá J. Cardoso visto também o original. Não sabemos, mas, ao que pudemos apurar tais cartas não se encontram entre os códices alcobacenses conservados³⁴⁰, embora nos tenha chegado alguma obra do destinatário dessas cartas que foi monge de Alcobaça e monge de grande santidade: é a propósito da sua festa litúrgica, celebrada a 6 de Março no mosteiro em que morreu, que o autor do *Agiológio Lusitano* remete para a cópia das duas cartas de Fr. Vasco de Portugal³⁴¹.

Quem era, então, o destinatário desse elogio da vida monástica que são, notoriamente a primeira, essas duas cartas que nos restam do grande ermitão português? — Vão dirigidas em termos profundamente significativos de amizade espiritual e de reverência à mistura com conselhos de espiritualidade monástica, a Fr. Lourenço, dito o bacharel por o ser em cânones...³⁴², eleito abade de Bouro e *grande*

³³⁸ SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., págs. 10-14 não parece ter tido em conta este aspecto. Sugestionado pela análise que Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA (*Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 198-204) fez dos mesmos poemas que copia?

³³⁹ Em cópias algo deficientes..., pois há palavras mal lidas ou incompletamente transcritas; apesar disso são dois documentos-reliquia muito importantes e que publicaremos em apêndice a este trabalho.

³⁴⁰ Conf. *Inventário dos Códices Alcobacense* da Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, 1930 (5 vols.) mais um VI, Índices (Lisboa, 1978).

³⁴¹ CARDOSO, J., *Agiológio Lusitano...*, ed. cit., II (Lisboa, 1657) pág. 61; MACHADO, D. Barbosa, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., III, pág. 23.

³⁴² O próprio Fr. Vasco não só se lhe dirige como *bacharel*, mas também o diz, no corpo da primeira carta, *bacharel nas leis* (conf. CARDOSO, J., *Agiológio Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28).

theologo especulativo como o demonstraria *hum gravíssimo tratado que já naquelle tempo compos da Cõceição da Senhora...*³⁴³. Atribuíveis lhe poderão ser uns *Sermões da Domingas e Festas do anno* que chegarão até nós³⁴⁴. Donde era natural e os limites da sua vida não nos informa Jorge Cardoso, apenas adiantando que *floreceo reinando em Portugal D. Afonso V...*³⁴⁵, isto é, depois de 1438... Algum autor (D. Barbosa Machado) que diríamos apoiado em J. Cardoso, dá-o como falecido em 6 de Março de 1481. Tal data deve¹ estar manifestamente equivocada, pois para Fr. Vasco se lhe dirigir desde Penhalonga teríamos de fazer dele outro patriarca em anos... Por outro lado, ao tempo em que abandonou Fr. Vasco Penhalonga ainda não reinava D. Afonso V.... Aceitemos, porém, esse *floreceo reinando... D. Afonso V* como indicação orientadora de que o período mais fecundo da sua existência decorreu por esses dias..., ainda que nascido muito antes de 1438... Ao dizer do autor do *Agiológio Lusitano* outras cartas de Fr. Vasco se conservariam no mosteiro de Alcobaça dirigidas a Fr. Lourenço e só há que lastimar que, tal como Sigüenza para os poemas, não as tenha copiado e salvado³⁴⁶. Fr. Vasco assina-se *pobre morador em Penhalonga...* na primeira dessas cartas e *Vasco pobre* na segunda em que, juntamente com *outros irmãos em Jesu Christo*, se recomenda à oração de Fr. Lourenço..., indicações que, como dissemos, nos remetem para os tempos de Penhalonga e, logo, para antes de 1408.... Poderiam, no entanto, ser mesmo anteriores a 1400..., e na primeira poderia até encontrar-se algum indício a favor dessa hipótese. Com efeito, se as orações que Fr. Vasco pede ao monge alcobacense por um *Fernando, nosso irmão* se entenderem aplicadas a Fernando João, então, a justificação desse pedido — *ca bem confio en sa* (de Deus) *graça que lhe dá o bom princípio lhe dará o acabamento*³⁴⁷ — talvez nos revele não só as esperanças que o mestre punha no discípulo,

³⁴³ MACHADO, D. Barbosa, *Bibliotheca Lusitana...*, ed. cit., III, pág. 23 sob informação de Jorge Cardoso.

³⁴⁴ Biblioteca Nacional de Lisboa, *Inventário dos Códices Alcobacenses...*, ed. cit., pág. 57.

³⁴⁵ CARDOSO, J., *Agiológio Lusitano...*, ed. cit., II, págs. 68-69.

³⁴⁶ CARDOSO, J., *Agiológio Lusitano...*, ed. cit., II, págs. 68-69.

³⁴⁷ FR. VASCO DE PORTUGAL, *Carta (1.^a) a Fr. Lourenço dito o Bacharel...* in CARDOSO, *Agiológio Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28. A segunda carta é talvez escrita pelo *entrudo*, já que nela há referências a essa época e se dão conselhos para viver santa e monasticamente a quaresma que entrava.

como também que Fernando João estava há relativamente pouco tempo em sua companhia. Ora, já em 1400 Fernando João alcança em Roma a bula fundacional dos jerónimos portugueses...

Na segunda carta, como vimos já, surge-nos uma alusão a um *nosso bom irmão Lourenço* que estava na *Matta da Guerra* (um ermo?... O Mato?) e que poderá ser, com bastante probabilidade, Fr. Lourenço Eanes. Se assim fosse, veríamos confirmada a sugestão de que nem sempre quer em Castela quer em Portugal o discípulo esteve à beira do mestre...

É tudo quanto podemos adiantar acerca do destinatário e data dessas cartas, cartas em que, entre referências pessoais difíceis de seguir — dir-se-ia que há alusão a uma ida de Fr. Vasco e Fernando João a Alcobaça..., a uma viagem do monge alcobacense a Lisboa sem ter visitado o Mato (talvez...) e Penhalonga... — ou entre reflexões espirituais, há alusões expressas a empréstimos recíprocos de obras.... Se Fr. Vasco emprestava um livro a Fr. Lourenço alcobacense e lhe recordava a sua devolução — talvez até pelo portador da carta —, em Penhalonga, por sua vez, copiava-se, com um atraso que impedia de cumprir as condições do empréstimo, um livro de Alcobaça..., intercâmbio que deixa antecipar uma faceta da personalidade de Fr. Vasco, ao mesmo tempo que nos mostra não só a diligência posta em dotar os seus mosteiros de livros — do ofício à espiritualidade — como o veremos em Valparaíso³⁴⁸, mas também Alcobaça a recorrer aos pobres eremitas para as suas leituras e, talvez, para apetrechar a sua grande biblioteca.... São laços estes dos primeiros jerónimos com os cistercienses de Alcobaça que se vêem sublinhados pelas saudações que Fr. Vasco envia para outros monges do grande mosteiro, o que poderia confirmar a suspeita de que em algum momento por lá esteve...

E os poemas que copiou Fr. José de Sigüenza como amostra duma actividade e orientação espiritual do fundador dos jerónimos portugueses? — Pensamos que convirá, antes de quaisquer conclusões, reler, para o analisar, o texto em que Fr. José de Sigüenza os apresenta, já que foi quem teve *gana de ver estas Laudes, o Hymnos de Iacobo, entendiendo que una cosa que estimava en tanto varon tan*

³⁴⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit, I, pág. 189.

*espiritual, no dexaria de ser muy buena...*³⁴⁹. E foi assim que, deslocando-se a Valparaíso, o grande cronista nos salvou esses três hinos.... Começemos por transcrever o texto em causa, pois a sua importância bem justifica que assim se proceda:

Quando estuvo em Italia, avia deprendido unas oraciones, que llaman los santos iaculatorias, porque son como unas flechas amorosas, arrojadas del alma, para herir el pecho divino, e inclinarle a que nos mire con rostro de clemencia: llamavanlas entre los hermitaños de Italia, Laudes de Iacobo, por ser compuestas de un gran siervo de Dios que se llamava ansi. Estas laudes dava fray Vasco escritas a sus hijos, y les rogava las deprendiessen de coro, y las rezassem muchas vezes, porque tuviessen siempre la lengua y la memoria ocupadas en las alabranças divinas. Hasta agora se conservan en quel convento y las traen entre manos los religiosos, por la memoria del santo padre fray Vasco, y porque el dezia, que le movian el afecto mucho, aunque los santos qualquiera ocasion los despierta. Dezia el santo, que son de gran devocion estas oraciones, breves y frequentes: porque antes que se resfrie la devocion y atencion del alma, se rematan felizmente, y no se da lugar al enemigo para entrar en juego, poner tedio, frialdad, o distracciones del pensamiento: como vee se endereçan contra el, procura quitarles la fuerça, o rebolviendo las fantasmas de nuestra imaginacion, o meneando los humores del cuerpo, y tras esto se pierda la quietud, y la atencion del alma: y lo principal, porque con esta frequente oracion nos allegamos mas vezes a nuestro bien, y al centro de nuestro amor. Tuve gana de ver estas Laudes, o Hynnos de Iacobo, entendiendo que una cosa que estimava en tanto varon tan espiritual, no dexaria de ser muy buena. Fuy a nuestro convento de Cordova, y halle en la libreria un libro en

³⁴⁹ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187. Fr. Pedro de la Vega também alude que Fr. Vasco ensinava a los frayles unas maneras de cõtêplacion q erã llamadas las laudes de jacob, las quales el avia aprêdido en ytalia quando era mãcebo y tenialas en la memoria, y hizolas escribir segun parece en un libro pequeno que oy esta en el monasterio. (*Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. XXXVIII, fl. xxxv r.). Deve anotar-se que também Fr. Pedro de la Vega não parece revelar saber exactamente o que eram essas *laudes de iacobo*.

*que estavam escritas esta Laudes, que son ochenta Hymnos y mas. La letra y el papel muestran antigüedad de mas de dozientos anos: la poesia es Italiana, y la lengua mal limada y corrompida con palabras Portuguesas: el sentido y los pensamientos admirables, que muestran bien quan alto sentimiento tenia de Dios y de los mysterios de nuestra Fe, el autor que los compuso*³⁵⁰.

Em primeiro lugar, como algumas vezes — nem sempre³⁵¹ — se tem dito, foi em Itália que Fr. Vasco aprendeu essas *unas oraciones...* Estamos, portanto, logo de início, diante de textos e práticas de oração... que recebem imediatamente uma classificação: *jaculatórias*. A definição em que se baseia tal classificação é bem tradicional, pois são como *unas flechas amorosas arrojadas del alma, para herir al pecho divino e inclinarle a que nos mire con rostro de clemencia...* Dir-se-ia que Fr. José de Sigüenza, interessado como o seu tempo, em tal caminho de oração, é aqui um discípulo de J. J. Lanspérgio.... Com efeito, estamos perante uma prática e um estilo de oração muito afectivo, de base franciscana³⁵², que foi altamente apreciada nos caminhos da espiritualidade dos séculos XV e XVI europeus, incluindo, naturalmente e com particular nota, o século XVI ibérico³⁵³. Os próprios louvores de Fr. Vasco a esse *modus orandi*, transmitidos pelos seus discípulos — *le movian el afecto mucho..., son de gran devocion estas oraciones*. .. — vão precisamente nesse sentido. Mas, curiosamente, Fr. José de Sigüenza aceita ou, pelo menos não contradiz nem discute, a designação que os *hermitaños de Italia* — entendamos, seguramente, os que tinham vindo de Itália para a Península Ibérica a fundar a *nova ordem* — davam a tais orações: *Laudes de lacobo...* Mais ainda: deviam o ser assim designadas a terem sido *compuestas por un gran*

³⁵⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 186-187.

³⁵¹ SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., pág. 10, talvez devido à confusa exposição de Fr. José de Sigüenza, pensou que os hinos teriam sido compostos por Fr. Vasco em Valparaíso... Poderão, quando muito, ter sido copiados..., como divulgados foram.

³⁵² JANSSEN, *L'Oraison Aspirative chez Herp et chez ses prédécesseurs*, in «Carmelus», III (1956), págs. 19-48.

³⁵³ Permitimo-nos remeter para o nosso trabalho, *Gertrudes de Helfta e Espanha*, Porto, Centro de Literatura da Universidade do Porto, 1981, onde referimos, em diversos momentos, o assunto (conf. nomeadamente págs. 125-128, 417-419); M. BATAILLON, *Erasmus y España*, F.C.E., 2.^a ed., págs. 576, 591.

siervo de Dios que se llamava ansi... Se a designação não oferece qualquer dificuldade de identificação — as *Laude* de Jacopone da Todi — a identificação desse *modus orandi* — as jaculatórias — com os poemas do célebre franciscano espiritual já não é tão evidente..., pois nem em conjunto nem individualmente os poemas de Fr. Iacopone são *oraciones breves* que se possam *rezar muchas vezes...* E isto, naturalmente, sem discutir se muitas das poesias do beato Jacopone em que faz a crítica de costumes, de judeus e instituições³⁵⁴ e que lhe valeram a perseguição e a prisão, se podem ter como *flechas amorosas...* Aliás, os três exemplos das *laudes de Iacobo* que Fr. Vasco ensinava, distribuindo-as escritas, aos seus filhos espirituais, não reflectem qualquer brevidade, antes, pelo contrário, são três longos poemas.... Como explicar, então, estes factos e estas despistadas identificações? — Em primeiro lugar Fr. José de Sigüenza apoiou-se na tradição de Valparaíso... que assim lhe transmitiria os factos... e, depois, não parece ter sido capaz ou, muito menos provavelmente, não lhe interessou identificar cabalmente os textos e o seu autor..., confundindo, estaríamos em dizê-lo, *jaculatórias* com *laudes...*³⁵⁵. Há, porém, que confessar que essa tradição poderia encontrar algum apoio na própria obra jacoponeana, pois algumas das *laude* partem e desenvolvem algo que poderíamos aceitar tomar por próximo da jaculatória — *Amor, divino amor/Amor, che non èi amato...*³⁵⁶, *Amor, Amor-Iesu, so 'iont' apporto/Amor, Amor-Iesu tu m'ai menato*³⁵⁷ — aproximação que, por vezes, ainda é mais visível na tradução de algumas *Laude* (mesmo que não pertençam ao *frate*) que nos deu Fr. Marcos de Lisboa no século XVI — *Se tu buscando teu deleyte vas/busca Jesu, contente seraas...*³⁵⁸. Por outro lado, nada impede que quem se interessou pelas *Laude* de J. Benedetti,

³⁵⁴ GETTO, G., *Il Realismo di Iacopone da Todi* in *Letteratura Religiosa dal Due al Novecento*, Firenze, Sansoni Editore, s.a. (1967) — págs. 84-142 oferece uma magnífica introdução à poesia jacoponeana e à sua espiritualidade.

³⁵⁵ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 262-264 não ponderou a importância da distinção e da «confusão», tal como o não fez SANTOS, Cândido dos, *Os Jerónimos em Portugal...*, ed. cit., págs. 9-10.

³⁵⁶ IACOPONE DA TODI, *Laude* (a cura di Franco Mancini), Gius. Laterza e Figli, 1974, pág. 107.

³⁵⁷ IACOPONE DA TODI, *Laude...*, ed. cit., pág. 288.

³⁵⁸ FR. MARCOS DE LISBOA, *Parte Segunda das Chronicas da Ordem dos frades Menores...*, Lisboa (1562). Liv. X, fl. CCLIII-CCLXXXVI (-fl. CCLVII).

se possa ter interessado por jaculatórias suas ou correndo em seu nome extraídas ou não dos seus poemas...

De todos os modos, de acordo com Fr. José de Sigüenza, na livraria de Córdoba guardava-se *un libro en que esívan escritas estas laudes*, laudes que agora já não são jaculatórias, orações breves, mas sim *hinos...*, isto é, poemas de carácter religioso..., de origem italiana, em *lengua mal limada y corrompida con palabras portuguesas...*, como demonstram, precisamente, esses dois exemplos que Sigüenza copiou. E que copiou o grande historiador?—Os dois poemas copiados, o que começa *O bon Iesu, poiche me ai enamorado/del ultimo stato me dona certanza* e o que se inicia por *Vita de Iesu Christo/Specchio immaculato...*, remetem-nos para a obra de Jacopone, para o seu estilo, para a sua maneira, para a sua espiritualidade, mas não houve modo de os localizarmos quer entre os autênticos quer entre esses muitos que lhe foram sendo atribuídos.... Para o segundo seria possível encontrar um «parecido» recolhido na tradução que em 1576 (Lisboa) dos *Canticos Morales, Spirituales e Contemplativos* de Jacopone de Todí nos deu um franciscano (português?) por sugestão de Fr. Marcos de Lisboa, quem, ele próprio, já tinha cometido, como dissemos, a tarefa de traduzir e divulgar alguns na sua *Crónica dos Frades Menores* (Lisboa, 1562)³⁵⁹. Quanto ao terceiro exemplo que traz Sigüenza em tradução sua — *El tiempo pierde todo, quien no te ama/Sobre todo amor, Iesu amoroso* — é o único que encontramos recolhido quer na tradução de Fr. Marcos quer na do franciscano anónimo em 1576...³⁶⁰, mas, curiosamente, dir-se-ia não pertencer a J. Benedetti.... Pelo menos a edição mais apurada das *Laude* também não o recolhe...³⁶¹. Tudo, deste modo, pode indicar que esse antigo

³⁵⁹ Fr. MARCOS DE LISBOA, na *Parte Segunda das Chronicas da Ordem dos Frades Menores...*, ed. cit., (1562) editou, traduzidas, 52 cânticos de ou atribuídos a Jacopone da Todí, e não apenas 11 como, por equívoco, traz SILVA DIAS, J. S. da, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960, pág. 273 n. Foi Fr. Luís dos Anjos, o continuador e «aperfeiçoador» de Fr. Marcos, quem apenas publicou 11 por considerar que a edição completa que das obras do *frate* italiano, então (1615), circulava o dispensava de repetir o texto de 1562.

³⁶⁰ Fr. MARCOS DE LISBOA, *Parte Segunda das Chronicas dos Frades Menores...*, ed. cit., (1562), fl. CCLXIV.; *Cantos Morales, Spirituales e Contemplativos* de J. de Todí..., ed. cit., Classe Tercera, Canto III, págs. 146v-151v.

³⁶¹ Referimo-nos a edição de Franco Mancini, já citada, modelo de edição e comentário.

caderno dos *Hymnos de Jacobo escritos por el santo fray Vasco*³⁶² conteria um conjunto de poemas (*laude*) formando o que poderia chamar-se um *laudário* em que andariam alguns de Jacopone de Todi ou a ele atribuídos e de outros autores que em Itália e em diferentes épocas cultivaram tal género poético...³⁶³. Só uma investigação mais profunda, impossível de levar a cabo neste momento, poderia esclarecer um pouco melhor a autoria dos escolhidos por Fr. José de Sigüenza. Talvez, contudo, possa aceitar-se que os oitenta e tal *hymnos de Iacobo* foram escritos, isto é, copiados que não compostos por Fr. Vasco ou alguns dos seus discípulos...³⁶⁴, o que poderia muito bem ter permitido que o «autor» (ou «autores») lhes fosse introduzindo algo de seu... Ao nível da língua tal aconteceu, pois se a *lengua mal limada* pode ser característica derivada dos próprios cânones do género, o estar *corrompida con palavras portuguesas* pode derivar dos erros ou da arte do «autor» que copiava³⁶⁵. O *antiguo caderno* representaria

³⁶² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 198.

³⁶³ MANCINI, Franco, notas 1-11 (págs. 345-440) à sua edição das *Laude* já referida; MARTINS, M., *Raízes Comuns entre o Laudário de Mestre André Dias e o Laudário de Pisa*, in «Didaskalia, XI (1981) pág. 281-305.

³⁶⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 186, 187, 199 indica claramente este sentido e chega a afirmar que se trata de *las Laudes de Iacobo que* [Fr. Vasco] *ensenava a sus discípulos...* (pág. 199).

³⁶⁵ A obra de Fr. Iacopone de Todi conheceu desde os fins do século XV alguma divulgação impressa. Foi editada em Florença (1490), Brescia (1495), Veneza (1514), Roma (1558) — Conf. *Short-Title Catalogue of Books Printed in Italy and of Italian Books Printed in other Countries from 1465 to 1600 now in the British Museum*, London, Trustees of the British Museum, 1958, pág. 92 e SHUTTE, Anne Jacobson, *Printed Italian Vernacular Religious Books (1465-1150): a finding list*, Genève, Droz, 1983, pág. 209. Conheceu ainda, em tradução, as edições portuguesas devidas aos cuidados e incitamentos de Fr. Marcos de Lisboa. Não terá Fr. José de Sigüenza conhecido sequer essas edições de 1562 e 1576? (Sobre estas e a seu autor as notas de SOUSA VITERBO, *A Literatura Espanhola em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, págs. 408-411 são ainda de atender). Algum interesse, pelas indicações de outras citações de *Fra* Jacopone e de algumas relações culturais afirmadas, tem o trabalho de Giacomo V. Sabatelli, *La Prima Traduzione Spagnola di Laudi Iacoponiche*, «Studi Francescani», LV (1958), págs. 3-34. A pág. 199 (I) da sua *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ao comentar a *laude* que traduz, Sigüenza diz que *este canto canto el siervo de Dios Iacobo quando ya se vio en un estado alto, a que llaman los santos de perfeccion...*, observação que poderia reflectir a divisão que a edição de 1576 estabelece para ordenar os poemas «jacoponeanos». Ou um ponto de vista tradicional?

sempre um *corpus* de poesia jacoponeana ou próxima que seria extremamente interessante conhecer, pois pelas suas origens..., pelo seu trajecto (Itália..., Castela..., Portugal..., Córdova) informar-nos-ia um pouco mais sobre Fr. Vasco... e, ao mesmo tempo, sobre a divulgação da poesia franciscana de cariz jacoponeano na Península Ibérica³⁶⁶.

De qualquer modo, o que primordialmente importaria conhecer seria que Fr. Vasco não confundia, como parece deixar perceber a tradição ou a interpretação que dela dá Fr. José de Sigüenza, jaculatórias, *oraciones breves y frequentes*, com as *Laude* jacoponeanas, ainda que pudesse ter recolhido de umas e outras nesse caderno que se conservava em Valparaíso... Aceitaremos que tais escritos, a seu modo, contribuiriam para prolongar no seu mosteiro um espiritualidade afectiva, de nítidas e próximas raízes franciscanas ainda que vasada sem moldes monásticos, moldes que em Valparaíso assumiriam até traços peculiarmente distintivos em relação a outros mosteiros da mesma ordem....

Abordemos, finalmente, em algumas linhas, o que se pode chamar a espiritualidade de Fr. Vasco Martins, ele que já foi considerado *una las fuentes de la espiritualidad inicial* jerónima....

³⁶⁶ MARTINS, M., *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, Lisboa, Ramos, Afonso e Moita, 1951, págs. 21-25, 27, 63, 69, 107, 196, 199, 202 *et passim* refere e estuda a influência de J. da Todí sobre Mestre André Dias e alude, algumas vezes, à sua repercussão na poesia peninsular; SCRUDIERI, Jole M. Ruggieri, *Primi Contatti Letterari fra Italia e Portogallo fino a Sá de Miranda* in *Relazioni Storiche fra Vltalia e il Portogallo*, Roma, 1940 refere, sob as informações de Fr. José de Sigüenza, que Fr. Vasco trouxe para Portugal as *laude* jacopónicas... e afirma que aqui se difundiram... *in un testo sempre più corrotto*... Haverá outros caso de assimilação das *laude* ou mais testemunhos da sua divulgação? (Agradeço penhoradamente ao meu querido Amigo Dr. José Costa Miranda o favor de me ter facilitado o acesso a este estudo que, apesar dos anos, ainda contém sugestões a desenvolver); JIMÉNEZ DUQUE, Baldomero, *Fuentes de la Espiritualidad Jerónima*, in *Studia Hieronymiana*, ed. cit., pág. 110, apesar de não ter podido proceder a uma comparação dos três poemas que traz Fr. José de Sigüenza com as *Laude* de Jacopone, «atreve-se» a assegurar que pertencem ao poeta italiano; não são, mas estão na linha do seu estilo, como tantos outros.

com tudo o que tal expressão — *espiritualidade inicial* jerónima — pode ter de ambíguo. Talvez fosse melhor falar, neste caso, de espiritualidade dos primeiros jerónimos..., pois nestes começos, como talvez durante muito tempo, não parece ser possível referir uma espiritualidade jerónima, nem talvez mesmo uma espiritualidade inicial dos jerónimos... O momento a partir do qual se poderá falar, mesmo que com alguns matizes, de espiritualidade jerónima está ainda por determinar, bem como estão ainda por precisar os traços mais específicos que a definam.... Não basta, como se sabe, ligar os primeiros jerónimos ou alguns dos primeiros jerónimos ou alguns jerónimos dos séculos XV ou XVI a alguns temas e gestos da *Devotio Moderna* — qual delas? — para começar a definir a espiritualidade jerónima, mas será necessário analisar obras, estabelecer fontes, sistematizar orientações e gestos..., o que, infelizmente, apesar dos contributos que as obras que suscitaram estas notas carregaram para o assunto e alguma que outra³⁶⁷, está muito longe de começar a ser claro. Aqui queremos apenas, sistematizando os apontamentos de Fr. José de Sigüenza, em que é tão difícil distinguir o facto do seu comentário, com o apoio de alguns elementos das cartas e remetendo, com cuidado, para os hinos jacoponeanos que sabemos ter seleccionado e distribuído pelos seus discípulos, apontar algumas linhas de espiritualidade de um dos mais importantes — ou, pelo menos assim considerado pelos cronistas até Sigüenza — dos jerónimos do período inicial, isto é, esse largo período que vai de c. 1350 a c. 1415, período em que, regressado de uma Itália especial, patriarcalmente viveu o santo eremita português. Convirá, no entanto, chamar a atenção para que Fr. Vasco foi um eremitão que escolheu depois, tardiamente, a vida cenobítica e que, naturalmente, uma abordagem da sua espiritualidade deveria atender a essa evolução, o que, como se compreenderá, dado o não datado e o não datável, não é ainda possível. Mas aceitando, como algumas reservas, que as duas cartas possam ter sido escritas de uma Penhalonga já ou a caminho de ser mosteiro jerónimo, faremos delas um ponto de chegada que, com as suas reflexões e elogio da vida monástica, permite integrar, em certa medida,

³⁶⁷ O trabalho geral mais importante sobre o assunto continua a ser o já citado de JIMÉNEZ DUQUE, B., *Fuentes de la Espiritualidad Jerónima...*; Fr. IGNACIO DE MADRID, O.S.H., *Teoría y Práctica de la lectura Espiritual en Orden de San Jerónimo, Studia Hieronymiana*, ed. cit., I, págs. 140-161, fornece, dentro da perspectiva do seu estudo, achegas e pistas muito importantes.

outros dados que se reportam a Valparaíso. Contudo, a consciência da dificuldade de tal itinerário — que não é artificial — deverá evitar cair no artificialismo de apresentar algo continuamente coeso.... Baste que não seja incoerente e que seja capaz de deixar flutando ideias, temas e posições só completamente explicáveis ao dispor-se de outras fontes.... O próprio ermitão também mudou de opinião algumas vezes — v.g. sobre a mendicância e a pobreza — ou teve de aceitar moderar alguns dos seus rigores ascéticos... tanto em aras da «humanidade» como da unidade...

Antes de mais poderíamos dar por assente um ponto importante: Fr. Vasco, mesmo que não tenha sido — e não o sabemos — *de facto* um terceiro franciscano como o reivindicarão, com alguma justiça, os cronistas franciscanos portugueses, esteve relacionado, com eles nos círculos espirituais de, com alguma probabilidade, Pedro de Gualdo e, logo, com certeza, de Tommasuccio de Siena.... É desses meios e desse clima espirituais que regressa à Península Ibérica e, se o mudar de terra não muda o coração, temos de o continuar a ver, e por muito tempo, sob esse ângulo.... Algo dos ideais do franciscanismo «espiritual» deverá, convém sempre acentuá-lo, mesmo que matizado e adaptado, ter permanecido seu.... Não nos interessa agora filiar tal ou tal traço carregado pelas nossas fontes essas origens — seria não só vão como temerário dado o relativamente vago dos nossos documentos—, mas há que contar com elas... O seu eremitismo começa aí...

Deixemos, lembrando-os apenas, os ermos para onde se retirou... Não foram somente lugares ásperos como os dos montes de Toledo ou espesos de *robles y otras maletas*, como o Mato, os que lhe serviram de refúgio do mundo...³⁶⁸, mas também um lugar *apacible*, em *la llanura de un valle*, como Penhalonga³⁶⁹. A fuga do mundo não implicava, como se poderia gostar de imaginar e às vezes o sugere o cronista, nomeadamente ao referir o enquadramento de Valparaíso — uma preferência exclusiva pelo rude..., pela natureza agreste... É algo vago, mas que convém, quando há que juntar todos os elementos, ter em consideração ao falar-se de alguém que, como sublinharemos, apreciava contemplar o campo, a noite e as estrelas...

³⁶⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 390,

³⁶⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 95.

As alusões à sua vida penitente..., à sua ascése são múltiplas...³⁷⁰, desde o fazer *vida muy alta*³⁷¹ até ao seu sustento, com os seus companheiros, de *vellotas y otras frutas silvestres* como sinal de *suma pobreza* nessa existência³⁷². Não eram traços característicos de Fr. Vasco e dos seus, mas comuns a todo o eremitismo e à descrição, mais ou menos literária, que sempre dele se faz.... A mendicância seria, igualmente, um traço comum que tiveram de cultivar — de continuar a cultivar —, tal como o trabalho manual...³⁷³ e teremos ocasião de ver como estes dados eremíticos se prolongam e metamorfoseiam nos seus mosteiros..., tal como a descalcez que acompanhava, como era de esperar, esse «franciscano», sem que isso implique, necessariamente, que só os eremitas de matiz franciscano fossem, então, descalços. No entanto, o seu espírito de penitente e de orientador de penitentes, parece poder, nesta perspectiva, conservar algo desse espírito..., mesmo quando já jerónimo em Valparaíso.... *Pobrementemente vestido..., remendado, roto, poco menos descalço...*, descreve-o, juntamente com um seu discípulo, Fr. José de Sigüenza que aponta, precisamente, para *la larga costumbre que en Italia tuvo de andar descalço, en el discipulado de fray Thomas Sucho...*³⁷⁴. O mesmo se poderá dizer de algumas provações que impõe a algum discípulo, como aqueles cabos de alhos que obriga a levar, ao pescoço, a um noviço nobre de Córdova através da praça para *de todo punto desarraygar de las entrarias la poçoña de la vanidad que el demonio lança embuelta en esta nobleza de sangre...*³⁷⁵, ou a que impõe a Fr. António de Vaena (ou de Viana) — rapado o cabelo em cruz, vestido de saco, exposto à admiração dos que o conheciam...³⁷⁶. É algo que nos traz à memória gestos —

³⁷⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

³⁷¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

³⁷² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 394.

³⁷³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 96.

³⁷⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 196.

³⁷⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 196.

³⁷⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 196.

logo, orientações — com que o próprio S. Francisco experimentava alguns dos que acorriam à sua sombra. De todas as maneiras, traduzem o modo e o grau do seu desapego do mundo..., da sua fuga do mundo e solidificação, por muito que seja um ideal da hagiografia medieval, o seu *pecho religioso y libre, que solo tenia respecto a hazer y dezir lo que fuesse servicio de Dios...*³⁷⁷.

Estas notas sobre o espírito penitente, asceta, de Fr. Vasco podem ser completadas com algo, ao parecer, de mais característico seu e em que, diríamos, insistiriam os documentos em que se baseou, prolongando essa insistência e, naturalmente, os seus comentários, F. José de Sigüenza: a sua espiritualidade afectiva, traço que seria igualmente reconhecível entre os seus discípulos, pois, sob este aspecto, como em tudo, *todos corriam valerosamente al exemplo de su pastor...*³⁷⁸.

Dentro desta perspectiva vale a pena aludir à recomendação da atenção ao fio da vida quotidiana e a que *cada noche, antes de tomar el sueño, cada religioso tuviese capítulo consigo*³⁷⁹. Estes conselhos de atenção ao coração e ao conseqüente exame de consciência lembram-nos vivamente o que se exigia também em Guisando... e com expressões idênticas...³⁸⁰, o que, depois de uma crítica de fontes, talvez pudesse ser um dado mais a insinuar um pouco melhor o que dissemos sobre as relações de Fr. Vasco com esse foco eremítico que esteve na origem desse mosteiro...

³⁷⁷ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 188; MURRAY, A., *Razón y Sociedad en la Edad Media...*, ed. cit., págs. 424-429 mostrou como para a mentalidade medieval *el poder decir las verdades a los grandes dei mundo era, pues, una gratificación de la santidad* e, daí, que fosse *comunmente exhibida por los santos ascetas de la Edad Media*.

³⁷⁸ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

³⁷⁹ VEGA, Fr. Pedro de la, *Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. L, fl. xlv v.-xlv r.; REVUELTA, Josemaria, *Los Jerónimos...*, ed. cit. pág. 265. Deverá, porém, notar-se, que nessa página tão importante da sua *Chronica*, Pedro de la Vega não se refere declaradamente a Fr. Vasco, mas sim *á manera que tenían los padres primeros de la orden en enseñar la observacia de la religion a los novicios*. Só porque nos parece legítimo contar Fr. Vasco entre os «primeiros padres» é que aceitamos fazer nossas as sugestões de Josemaria Revuelta.

³⁸⁰ REVUELTA, Josemaria, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 162.

As lágrimas e os *suspiros encendidos* eram uma demonstração do seu amor a Jesus Cristo... e constituíam uma manifestação abundante do estado do seu coração não só quando meditava ou simplesmente falava de Cristo³⁸¹, mas até quando, inflamado pelo espírito de Caridade³⁸², acolhia, regressados ao mosteiro, os seus discípulos³⁸³. A própria direcção espiritual — tomemo-lo assim — podia ser causa de lágrimas...³⁸⁴. Este clima afectivo parece ter mesmo chegado a culminâncias insuspeitas durante a celebração do sacrifício de Cristo — a missa — e, como gesto a reter, conduzir como que à institucionalização da necessidade de colocar lenços junto do altar para enxugar as lágrimas do celebrante...³⁸⁵. Fr. José de Sigüenza aponta o discípulo que teria motivado tal necessidade e, depois, tal costume necessário: Fr. Rodrigo, o velho, um português radicado em Valparaíso³⁸⁶. Foi depois, como sugerimos, costume divulgado e aceite pela ordem, o que indicava como que, desde este prisma, a institucionalização desse traço revelador do modo como nela se apreciava e procurava viver a celebração dos mistérios de Cristo. O historiador maior da Ordem de S. Jerónimo, comentando tal costume e a sua pervivência ainda em seus dias, como que lastima que, então, apesar da diferença entre *los naturales*, já não houvesse tanta necessidade de lenços, pois *el sacerdote que no tiene necesidad de paniçuelo, no parece que lleva mucho sentimiento de lo que va a hazer...*³⁸⁷. Servirão — interrogamos — também estas indicações para indiciar como a missa, a oração litúrgica por excelência, estava situada no centro das *alabanzas divinas* que eram, desde a raiz, a finalidade

³⁸¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

³⁸² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

³⁸³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 189-190.

³⁸⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 191.

³⁸⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

³⁸⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 469.

³⁸⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 188.

específica da ordem jerónima³⁸⁸ e, Fr. José de Sigüenza, seguro intérprete, *el mas importante exercicio del monge y religioso?*³⁸⁹. — Não parece, efectivamente, abusivo defendê-lo.

E não vemos, nesta mesma linha, que em Valparaíso — e talvez em Penhalonga e em S. Jerónimo do Mato — *los dias que comulgavan, añadian, allende destas tres disciplinas, la quarta, porque fuessen juntas, oracion, lagrymas y sangre, y se cogiesse luego el fruto de aquel grano que cayo en tierra, y alli muerto se multiplico en tantos?*³⁹⁰. — Era uma maneira, a *sua* maneira, de sublinhar o culto e devoção à Eucaristia... E a devoção que punham igualmente os jerónimos no ajudar à missa? — como Fr. Diego de Palma, que *devotissimo del santo Sacramento del altar, servia a las Missas contanto temor y reverencia, como si viera al mismo Senor sin las especies en que alli se encubre...*³⁹¹, ou Fr. Rodrigo, o Lógico, que à elevação das espécies sagradas, *rompia el ímpeto del espíritu con todos los respetos humanos: porque aunque estuviessse en publico, las lagrymas y los solloços eran sin rienda: la consideracion del amor inmenso de Dios para con el hombre, le sacava de juyzio* e o manifestava em lágrimas e soluços?³⁹². Seria, por isso, bem interessante, através de outros autores e épocas, buscar a confirmação destes indícios que, talvez, pudessem, antes que quaisquer outros, fundamentar o núcleo de uma espiritualidade própria da ordem.

Em íntima relação com as lágrimas e suspiros devemos colocar a prática, vivamente aconselhada e divulgada por Fr. Vasco, das jaculatórias, modo e método de oração de antiquíssimas (evangélicas mesmo)³⁹³ raízes, que está, como se sabe, precisamente relacionada com esses *suspiros encendidos* — *suspiria ignita*, na terminologia de

³⁸⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 36-37, 316, 317.

³⁸⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 40.

³⁹⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 189.

³⁹¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 471.

³⁹² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 240.

³⁹³ JASSEN, C, *VOraison Aspirative chez Herp et chez ses prédécesseurs...*, «Carmelus», III (1956), págs. 19-48 (pág. 20).

Hugo de Balma³⁹⁴. E, curiosamente, é o próprio Fr. José da Sigüenza, possivelmente apoiado nessas informações de S. Jerónimo de Córdoba, quem relaciona os *suspiros encendidos...*, as lágrimas... e as jaculatórias, sublinhando o afectivo da espiritualidade do fundador de Penhalonga, do Mato e de Valparaíso. E mesmo que até certo ponto, as confundissem, como parece, com as *Laude* de Jacopone da Todí é importante que os seus discípulos anotassem a insistência com que Fr. Vasco as divulgava, recomendando que *las deprendiessen de coro y las rezassen muchas vezes, porque tuviessen siempre la lengua y la memoria ocupadas en las alabanzas divinas*³⁹⁵. Não só moveriam ao afecto, contribuindo à união com Deus — sempre foram, em qualquer caso, recomendadas como um método unitivo—, mas também, consequentemente, como se deixa entender na recomendação que delas fazia Fr. Vasco, um modo de andar continuamente na presença de Deus e, naturalmente, de continuamente o louvar. Com efeito, não só combatem a distração interior, mas ainda com esta *frecuente oracion nos allegamos mas vezes a nuestro bien, y ai centro de nuestro amor...*³⁹⁶. E notemos, através da própria sequência da exposição do autor da *Historia de la Orden de S. Jeronimo*, que tais jaculatórias parecem ter por alvo e centro não só Deus, mas, mais concretamente, Jesus Cristo, *su amorosissimo Jesus*, expressão que não nos remete apenas para o carácter desse grande representante dos *santos hermitaños italianos* que foi Fr. Vasco, mas igualmente e, talvez, principalmente, para o Jesus — Amor que constrói tantos hinos jacopónicos... Fr. Vasco era um desses *finos enamorados* que permaneciam pela noite despertos, atentos ao despertar do Esposo³⁹⁷, cujas *platicas... todas eran de sus amores...*³⁹⁸. E se tal linguagem não engana, apontando, certaíra, o seu carácter eminentemente afectivo, também não nos enganaremos ao colocar o amor como fio

³⁹⁴ JASSEN, C, *VOraison Aspirative chez Herp et chez ses prédécesseurs...*, «Carmelus», III (1956), págs. 19-48 (pág. 25).

³⁹⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186.

³⁹⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, cit., I, pág. 187.

³⁹⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

³⁹⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 188.

condutor da espiritualidade de *un santo y enamorado portugues...*³⁹⁹. É o amor — já vimos como o cronista o exalta como virtude em que se mostrou mais excelente, a Caridade — quem determina esse desejo e esforço de permanente louvor divino em Fr. Vasco, esforço e desejo de louvor que, em certos momentos, se transforma num coro quando cada monge — pensamos que já antes em cada eremita — responde *Por siempre* ao *Loado sea Jesu Christo* que entoava quem se recolhia ao mosteiro (ou ao ermo)...⁴⁰⁰.

É este mesmo desejo de permanente louvor que vemos enformar o seu gosto pela natureza..., pelo campo no silêncio da noite. Tal situação — que antes de o ser é um gesto significativo que nos poderia insinuar, novamente, outro matiz «franciscano» — causava-lhe *en sus sentidos una quietud particular...*, clima em que *el resplendor de las estreitas, y aquel curso sossegado, le levantavan el alma en contemplacion de su criador...*⁴⁰¹. Será uma violência tentar sugerir que algum dos trabalhos manuais em que empenhava os seus discípulos como o *plantar arboles y frutales de muchas diferencias: muchos naranjos, y cidros, de que ve agora hermoreada aquella huerta*⁴⁰² pode entrar na mesma zona semântica de admiração por uma natureza em que resplandece o Criador? — Fr. Gomes, também português e seu sucessor, continuou, talvez, pelas mesmas sendas...⁴⁰³.

Monge e reitor de monges, Fr. Vasco de Portugal deixou aos seus discípulos algumas linhas de espiritualidade para enformar a vida monástica..., linhas que Fr. José de Sigüenza recolheu e comentou.

Destaquemos, antes de mais, a pobreza, essa pobreza que não envolvia, agora, a prática da medicância... As fontes do grande historiador jerónimo parece insistiam sobre este ponto.... E não deixa, desde este ponto de vista, de ser instructivo notar que as primeiras referências aos perigos da mendicância para o monge tenham, talvez, surgido precisamente a propósito da primeira das

³⁹⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

⁴⁰⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

⁴⁰¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 187.

⁴⁰² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 189.

⁴⁰³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 468.

fundações de Fr. Vasco — Penhalonga ⁴⁰⁴, em que se resumem e justificam os pontos de vista do fundador e a sua decisão de abandonar Portugal, pois aí *la religion podria medrar poco... sino era mendigando...* ⁴⁰⁵. A ordem, aliás, ciente de que a sua vocação são a meditação e o louvor divino ⁴⁰⁶, regia-se pela mesma orientação — *ni permitian que convento alguno anduviesse mendigando...* ⁴⁰⁷ — e vemo-la duvidar em aceitar casas com pouca renda..., como, paradigmaticamente, Yuste ⁴⁰⁸ e abandonar algumas já recebidas..., questão a que Fr. José de Sigüenza dedica todo um capítulo ⁴⁰⁹. À parte este aspecto, desde o hábito à mesa e à *camilla pobre* ⁴¹⁰, a pobreza foi timbre de Valparaíso, ainda que as páginas da *Historia de la Orden de San Jeronimo* estejam repletas de exemplos de outras casas que vão no mesmo sentido ... ⁴¹¹. No entanto, quase estaríamos em afirmar que Valparaíso foi neste ponto exemplar, já que é a propósito desse mosteiro e dum sucessor de Fr. Vasco — Fr. Gomes — que o historiador volta a tecer comentários sobre o espírito de pobreza dos jerónimos do seu tempo em confronto com os *daquel siglo dorado* dos primeiros tempos da ordem em que *contentavanse los unos y los otros con pobre ropa, pobre mesa, todo sabia a una y igual pobreza, trahian competencias santas en aventejarse en ofícios humildes, y en señalarse en silencio y encerramiento, buscavan como preciosas margaritas las ocasiones de merecer...* ⁴¹². E esse artista que foi Sigüenza que comenta tantas vezes a rudeza..., a pequenez..., o

⁴⁰⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 98.

⁴⁰⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 186, conf. pág. 137.

⁴⁰⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 143.

⁴⁰⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 143, 346.

⁴⁰⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 143, 346.

⁴⁰⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 155.

⁴¹⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 191.

⁴¹¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 478.

⁴¹² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 468; conf. ainda I, pág. 39.

deselegante de muitas construções jerónimas, justificando-o com o que se usava naqueles tempos...⁴¹³, também não deixou de assinalar que a casa de Valparaíso foi traçada não tanto de acordo com os desejos, mais esplendorosos, dos fundadores *sino como lo traçava el santo varon Fr. Vasco, sin traça, ni ingenio, y con esto santo, y devoto, pequeno y pobre...*⁴¹⁴, perspectivas que confirma depois *perante una Iglesia harto pequena, el dormitorio, y refitorio de la misma calidad...*⁴¹⁵. E era este mesmo princípio de pobreza que o levava a combater contra *alguno de sus hijos algo codicioso de de las cosas temporales, que se fatigava por el aumento de la hacienda, heredades, rentas, o alhagas, desseoso que la casa creciesse, se mejorassen los edificios...*⁴¹⁶. As palavras, comentários, do próprio Fr. Vasco que recolhe (e, seguramente, retoca) José de Sigüenza, não fazem mais do que explicitar e justificar as suas orientações ascéticas⁴¹⁷. Haverá que suspeitar sob esta firme orientação sobre a pobreza de casa e templos umas ainda como que relíquias do seu franciscanismo?⁴¹⁸.

Não insistamos no louvor divino dos jerónimos e, naturalmente, *principal cuydado* de Vasco de Portugal⁴¹⁹, mas aludamos a esse

⁴¹³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 91 *et passim*.

⁴¹⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 139.

⁴¹⁵ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 190.

⁴¹⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 190.

⁴¹⁷ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 190.

⁴¹⁸ Sabemos bem quanto Fr. José de Sigüenza insiste no amor à pobreza nos primeiros jerónimos... Conf., por exemplo, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 47. Não se cansa de sublinhar a pobreza das celas..., e das pessoas (conf. ob. cit., I, págs. 463, 468, 478, *et passim*; II, págs. 257, 272), de criticar os monges que tinham nas celas cadeiras francesas, bufetes e outras curiosidades (ob. cit., I, pág. 451) e de estabelecer comparações entre esses tempos dourados e os mais próximos dos seus... Mesmo sabendo que escreve pedagogicamente para todos os piedosos (ob. cit., I, págs. 78, 180) e, dentre eles e antes de mais, para os monges jerónimos (ob. cit., I, págs. 284, 505), não poderá pensar-se que, efectivamente, e para além destes procurados efeitos pedagógicos, havia uma valorização da pobreza nos começos da ordem jerónima? — Assim o cremos e a própria origem espiritual de muitos dos primeiros jerónimos — o franciscanismo — orienta-nos no mesmo sentido.

⁴¹⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 189.

princípio seu de fazer seguir as *alabanzas divinas* de trabalho manual ⁴²⁰ num esforço não só de evitar a ociosidade — como asceticamente comenta Sigüenza⁴²¹ — mas também, como Fr. Rodrigo, o Lógico, de juntar trabalho e oração ⁴²². O trabalho manual, tal como nos informa a *Historia de la Orden de S. Jeronimo*, com os olhos postos, alguma vez, nas recomendações do seu próprio patrono, S. Jeronimo ⁴²³, não parece ter sido limitado, como os ermos, a tecer cestos de verga e de esparto ou a fazer esteiras ⁴²⁴, mas depender e adaptar-se a circunstâncias e necessidades do momento ou dos monges... — desde a construção de casas e do plantar árvores e hortas até ao copiar livros...⁴²⁵.

Esta última actividade — a cópia — permite sugerir a leitura como exercício que Fr. Vasco parece ter valorizado, dentro de limites que nos são desconhecidos e que não vale, por agora, a pena supôr, dada a variedade de concepções sobre o lugar da leitura na vida dum monge, com base em grandes regras gerais.... O que nos interessa é sublinhar que aos menos robustos dos seus discípulos *mandavales escribir libros, para el coro, y para las celdas, y para que tuviessen en que leer los otros hermanos*⁴²⁶, o que representa um indício

⁴²⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 189.

⁴²¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., pág. 189; conf. REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 262.

⁴²² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 240.

⁴²³ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 447.

⁴²⁴ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 238.

⁴²⁵ ESSER, K., *La Orden Franciscana. Orígenes e ideales*, Aranzazu, 1976, págs. 202, 228, 329, 331, 335, interpretando o matizado e complexo sentir de S. Francisco, aponta a importância de que se revestiu para as primeiras gerações dos Menores a compreensão deste aparente confronto da mendicância e do trabalho manual. Fr. Vasco poderia, assim, fazer confluir na sua *ordem nova* a tradição em que se formara e a que tentava implantar. Para um enquadramento mais vasto destas questões pode ver-se, com algum cuidado, o interessante trabalho de LrrrLE, Lester, *Pobreza Voluntária y Economía de beneficio en la Europa Medieval*, Madrid, Taurus, s.a. (1983), especialmente a terceira parte — *El Confrontamiento de la Crisis: Canónigos, laicos y jraides*.

⁴²⁶ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 189.

seguro da importância que Vasco de Portugal atribuía, como vimos sugerindo, à leitura na vida do mosteiro...

Alguns dos aspectos referidos foram considerados traços especialmente característicos de S. Jerónimo de Córdoba... e como tal se assinalaram.... Característico ainda esse radical apartamento do mundo expresso na proibição da entrada de mulheres — mesmo rainhas — na clausura do mosteiro ⁴²⁷, perspectiva que teremos de vir a comentar.... Mais significativo ainda e que tem íntima relação com a espiritualidade afectiva de Fr. Vasco de Portugal, essa sua preocupação pelas *diferencias de posturas y maneras de estar en la oracion...* ⁴²⁸, matéria que dá lugar a interessantes comentários do historiador jerónimo com os olhos postos, talvez, em tantos que, reformados ou reformadores, pelos seus dias discutiam estas «cerimónias...» ⁴²⁹. Se a oração é o pão quotidiano da vida interior tem necessidade, tal o pão do corpo, de «acompanhamentos», isto é, *diversas salsas* para que *el alma coma de buena gana su pan...* ⁴³⁰. Aceitemos que estaremos a reproduzir o fundador de Valparaíso e não expressões e comentários de Fr. José de Sigüenza..., e fixemos que, para tal, *unas vezes orava en pie, como quien caminava a sua patria..., otras de rodillas..., muchas postrado y tendido el cuerpo en tierra..., a vezes estava abiertos los braços puestos en cruz..., y a ponía la*

⁴²⁷ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 139.

⁴²⁸ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 188; Fr. Pedro de la Vega só muito resumidamente alude a tal assunto — *ordeno y enseño este sancto varõ a los frayles muchas maneras de meditaciones y usava de diversas inclinaciones corporales quãdo estava orãdo y contemplando (Chronica de los Frayles de la Orden del Bienaventurado nuestro Padre Sant Hieronymo...*, cap. XXXVIII, fl. xxxv r.).

⁴²⁹ Escreve Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA: *no son vanas estas diferencias...* (*Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 188), comentário proporcional, e no mesmo sentido, àqueles com que critica os *poco pios* que censuram certas penitências impostas aos monges..., censores *perigosos* que há que apontar [em nota: *Erasmus*], e que não compreendem que *desde el tiempo que hubo religion christiana hubo diferencias de estados, y religiosos con votos esenciales, y castigo para quien quebrantasse tan santas leyes...* (ob. cit., I, pág. 42).

⁴³⁰ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 188.

*cabeia junto a la tierra, corvado todo el cuerpo...*⁴³¹, posições e gestos que, para além do significado que Fr. José de Sigüenza lhes vai assinalando, haverá que reter como sublinhantes e facilitantes da oração tanto pelo seu significado — que poderia muito bem não ser o que no século XVI lhes descobre o cronista —, como pela sua variedade despertadora da atenção e do afecto...

Onde filiar estes aspectos do *modus orandi* de alguém que foi um, e dos principais, *santos hermitaños italianos*? — De qualquer modo, tudo isto diz directamente respeito à espiritualidade e piedade individual, mesmo que praticado, como largamente aconselhava Fr. Vasco, por uma comunidade monástica...

Do que nos transmitiram as fontes aproveitadas por Fr. José de Sigüenza e das cartas de Fr. Vasco poderão, contudo, avivar-se um pouco mais algumas das linhas indiciadoras da concepção que Fr. Vasco se fazia da vida monástica..., pois não basta, sob a impressão de algumas sugestões, afirmar, apesar de verdadeiro, o forte acento monástico que caracterizava a sua espiritualidade... vista desde Valparaíso...⁴³².

Apesar do seu espírito de oração, da sua alta capacidade de congregar vontades, Fr. Vasco sabia que em qualquer congregação há sempre as *marteladas...*, *as pedradas das adversidades...* E no ermo — ou, se preferirmos, nos começos da sua vida congregada em Portugal — o fundador de Penhalonga soube de disenções, desvios e polémicas... E é precisamente lembrando essas *marteladas...*, essas *pedradas das adversidades da congregação...* que Fr. Vasco inicia a primeira carta enviada a Fr. Lourenço, o bacharel, monge alcobacense... Como aludimos, é esse um texto fundamental para tentar compreender, na sua globalidade, as perspectivas do seu autor sobre a vida monástica congregada.... Escrito, em parte, de circunstância, contém, como dissemos, alusões que nos escapam a par de uma ou outra — devolução de um livro..., possível encontro com o destinatário em dias anteriores...—acidental ou apresentada como tal... Não discorramos, por isso, a quê ou a quem se refere ao falar dessas *marteladas...*, dessas *adversidades...*, ainda que pudessemos suspeitar que ia aludindo a acontecimentos da vida do seu corres-

⁴³¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 188.

⁴³² REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 261.

pondente...⁴³³. Podia, porém, não fazer mais que referir polémicas à sua volta ou simplesmente ideias e princípios sem dependência imediata de qualquer circunstância...

A esse monge começa o agora — aceitemo-lo — monge jerónimo de Penhalonga por desejar a *paz do repouso quiete mental* — respeitamos a leitura do século XVII —, fórmula velha que traduz o estado de alma que deseja ver igualmente realizado em si mesmo e nos do seu mosteiro⁴³⁴. É a primeira condição da vida monástica, o seu fundamento, que há que perseguir mesmo no meio das *marteladas...*, das *pedradas das adversidades* da vida quotidiana da congregação..., ideal que Fr. José de Sigüenza nos afirma — é importante esta confirmação, porque, além do mais, nos oferece uma garantia complementar das suas fontes — ser um dos de Fr. Vasco — *amava mucho... el reposo del espíritu, como quien conocia el valor de tan preciosa margarita...*⁴³⁵. Efectivamente, explícita Fr. Vasco ao seu destinatário, essas *adversidades* são para o monge o meio purificador do coração..., de o *despegar* — como diz Sigüenza—, o que apenas se consegue se o coração acolher o fogo do Espírito Santo que *queima e destruye...*, o que é o mesmo que *desareigar as más raízes da prava terra, salvo para plantar as plantas das virtudes*⁴³⁶. Fr. Vasco voltará à mesma ideia na segunda carta dirigida ao mesmo monge alcobacense. É desta purificação que há-de brotar a humildade, essa humildade que Cristo ensinou ao nascer na *stala pobrememente...*, na *humildade do presepe entre animalias...*⁴³⁷. S. Bernardo, o *nosso padre S. Bernardo*, não ensina mais do que seguir a Cristo na humildade — e Fr. Vasco que cita com justeza textos bíblicos, parece agora revelar algum conhecimento preciso do reformador cisterciense — até o alcançar na cruz — S. Bernardo diz que não achou Cristo

⁴³³ FR. VASCO DE PORTUGAL, *Carta (1.^a) a Fr. Lourenço, dito o Bacharel*, in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28.

⁴³⁴ FR. VASCO DE PORTUGAL, *Carta (1.^a) a Fr. Lourenço, dito o Bacharel*, in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28; conf. *Carta (2.^a) a Fr. Lourenço*, in I. Cardoso, *ob. cit.*, I, pág. 390.

⁴³⁵ FR. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 190.

⁴³⁶ FR. VASCO DE PORTUGAL, *Carta (1.^a) a Fr. Lourenço, dito o Bacharel...*, in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28.

⁴³⁷ FR. VASCO DE PORTUGAL, *Carta (1.^a) a Fr. Lourenço, dito o Bacharel...*, in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28.

senão na cruz... — e na transfiguração do Monte Tabor...⁴³⁸. A vida monástica consiste, portanto, interpretando S. Bernardo e seguindo-o, em acompanhar — e imitar — a Jesus Cristo desde o presépio até à cruz...⁴³⁹. Estes seriam, se bem compreendemos esses parágrafos da carta de Fr. Vasco de Portugal, os próprios fundamentos da «regra», isto é, dessas afirmações de S. Bernardo..., melhor, talvez, como o sabia o fundador de Penhalonga, os fundamentos da vida monástica. Por isso, reiterando e sintetizando, Fr. Vasco escreve que o bom monge — neste caso um cisterciense...—deve seguir *o seu bom padre e doctor, trilhando desde la pequenice do grão Senhor, para merecer de ver a Transfiguração do Monte Thabor, seguindo sempre a ministraçon da limpeza da vida, até a persecuçon do monte Calvario, onde foi fixada a Cruz, exaltada a verdade*⁴⁴⁰. Por outro lado, a vida monástica, sob qualquer forma, implica separação do mundo.... Fr. José de Sigüenza aponta com insistência — e já o analisámos — ao rigor do encerramento que essa separação do mundo supunha nos primeiros jerónimos e que desde sempre constituiu, mesmo se com o rodar dos séculos se poderá ter mitigado⁴⁴¹, um ideal da ordem. Fr. Vasco que extremava a sua anti-mendicância sobre os perigos das saídas do mosteiro..., que, pela mesma razão, proibia, radicalmente, às mulheres, mesmo se principais e rainhas, a entrada na clausura..., que acolhia com júbilos e lágrimas os que, por necessidade, se tinham, ausentado — tudo manifestações que relevam desse mesmo *amor claustris* — não só passava longo tempo encerrado nesse *castillo fuerte*⁴⁴² que é a cela (a ponto de para o verem terem de espreitar pelas frestas das portas), mas também explicava ao monge alcobacense que *o verdadeiro monge tem necessidade de sarrarse na casa com as portas trancadas, com humil*

⁴³⁸ p, VASCO DE PORTUGAL, *Carta (1.^a) a Fr. Lourenço, dito o Bacharel...*, in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28.

⁴³⁹ p, VASCO DE PORTUGAL, *Carta (1.^a) a Fr. Lourenço, dito o Bacharel...*, in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28.

⁴⁴⁰ Fr. VASCO DE PORTUGAL, *Carta (1.^a) a Fr. Lourenço, dito o Bacharel...*, in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28.

⁴⁴¹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 111: *No salian entonces aquellos renovadores de la perfeccion de los monasterios, ni aun de las celdas sin gran necesidad, o por la obediencia, ni contavan por triennios, o septenarios su encerramiento, como nuestra tibieza los cuenta agora.*

⁴⁴² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 249; conf. ainda pág. 252.

*silencio*⁴⁴³. Qualquer que seja o sentido desse *sarrar-se em casa* — no mosteiro..., na cela..., no seu coração...⁴⁴⁴ — ficará sempre o princípio da imperiosidade da radical separação do mundo.... Só assim se poderá esperar a *fortaleza do ardor* do Espírito Santo, cujo fogo só arde no silêncio do coração... E Fr. Vasco, acenando a toda uma tradição, não se esquece de lembrar que aos verdadeiros monges *não será demandado, como revolvemos as muitas terras, mais como fizemos as sãs obras*⁴⁴⁵, reflexão em que pode haver tanto uma alusão à «peregrinação» como aos trabalhos agrícolas.... Só esse monge, purificado, humilde, encerrado, poderá *alumiar* com o seu exemplo — o exemplo que tem de ser —, isto é, um *nobre cavaleiro, que mereça dever o paleo do mui nobre vitoria da cavalaria monástica*..., expressões em que se diriam ecoar as leituras que Fr. Vasco poderá ter feito das páginas que S. Bernardo aos cavaleiros do Templo.... Em si mesmo, independentemente das suas origens, traduzem a concepção que o morador de Penhalonga se fazia da espiritualidade monástica... Uma concepção fortemente ascética? — Talvez, mas não nos deixemos arrastar pelas imagens e pelas palavras.... As alusões ao encontro com Cristo no Monte Tabor podem bem equilibrar essa impressão..., tal como a rigorosa ascese se equilibrava com o seu encendido afecto...

É esta, porém, outra dimensão da personalidade e da espiritualidade de Fr. Vasco, naturalmente menos — diremos? — «franciscana»... e mais reveladoramente monástica. Não só o vocabulário..., as imagens..., os seus conselhos e ideais relevam dessa tradição..., mas também deixam perceber uma leitura — não afirmemos nada sobre a sua extensão e profundidade — de textos monásticos.... Pelo que alega de S. Bernardo, em primeiro lugar, o que se poderia explicar, se tal fosse necessário, pelos seus contactos com Alcobaça.... Aliás, como já sabemos, a leitura foi considerada por Fr. Vasco como um elemento (importante?) da vida do monge. E seria, pelo que acabámos de ver e pelo que já sugerimos, muito interessante, mesmo que através de simples indícios, poder um dia vir a ter uma ideia da orientação «literária» desse apreciador de poesia franciscana e,

⁴⁴³ Fr. VASCO DE PORTUGAL, *Carta* (1.^a) a *Fr. Lourenço, dito o Bacharel*..., in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano*..., ed. cit., I, pág. 28.

⁴⁴⁴ Fr. VASCO DE PORTUGAL, *Carta* (1.^a) a *Fr. Lourenço, dito o Bacharel*..., in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano*..., ed. cit., I, pág. 28.

⁴⁴⁵ Fr. VASCO DE PORTUGAL, *Carta* (1.^a) a *Fr. Lourenço, dito o Bacharel*..., in CARDOSO, J., *Agiológico Lusitano*..., ed. cit., I, pág. 28.

ao parecer, de S. Bernardo. E nesta ordem de coisas será legítimo suspeitar que, pelo menos nestes começos, as livrarias dos mosteiros de fundação e orientação do antigo eremita Vasco de Portugal não dariam grande lugar a livros de direito, como veremos, pelas mesmas datas, verificar-se em alguns mosteiros jerónimos⁴⁴⁶. Por outro lado, estes elementos insinuaram-nos, de novo, um caminho percorrido..., esse longo caminho que levando à Itália franciscana o trouxe de

⁴⁴⁶ Tal parece ser o caso de Montamarta. REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., págs. 255-256, publicou uma preciosa lista dos livros que os «rebeldes» fundadores de Montamarta levaram desde Guadalupe como constava do inventário de bens e livros feito em 25-V-1406 (REVUELTA, Josemaría, *ob. cit.*, pág. 250). Talvez valha a pena tentar precisar alguma das identificações propostas pelo autor e completar outras:

Speculum juris — Talvez se trate do *Speculum Iudiciale* de Guilherme Durand (PEREIRA, Isaiás da R., *Livros de Direito na Idade Média*, «Lusitania Sacra», VII (1964-1966), págs. 7-60 (págs. 40, 55), com copiosa bibliografia. *Inocencio...* — Deverá ser o *Apparatus in quinque libros decretalium* (C. 1251) de Inocencio IV (PEREIRA, Isaiás da R., *art. cit.*, págs. 18, 20, 28, 29, 46).

Arcano sobre el Sexto... — Poderá identificar-se com o «*Livro Sexto das Decretais*» que recebeu comentários do *Archidiaconus* de Bolonha, Guido de Baysio (t 1313), (PEREIRA, Isaiás da R., *art. cit.*, págs. 21, 48).

Summa de Raimundo... — Josemaría Revuelta indica que se trata duma obra de Raimundo Lúlio, autor que sabemos ter sido divulgado entre os terceiros franciscanos e ainda merecer as honras dos jerónimos de Valparaíso que em 1417 mandavam copiar 3 *livros de Remon* (PERARNAU ESFELT, J., *Cuatro Manuscritos Medievales del Lulismo Galaico-Portugués* in «*Anthologica Annua*», 28-29 (1981-1982), págs. 532-552 (pág. 533); no entanto, a menos que tal indicação proceda do próprio inventário — o que não pudemos verificar —, pensamos que não se tratará da *Summa de Poenitencia*, mas sim, da *Summa dos Casos de Consciencia* de Raimundo de Peñafort, obra muito divulgada na Idade Média e mesmo depois (—conf., por exemplo, *Inventário dos Códices Alcobacenses*, ed. cit., págs. 38, 160, 241).

Novella sobre el Sexto — Devem ser os *Commentaria novella in Sextum* de João André de cerca 1339, divulgadíssimos e que eram geralmente conhecidos por *Novella* (PEREIRA, Isaiás da R., *art. cit.*, págs. 56, 57).

Liber Indiciorum — O título, tal como o transcreve Josemaría Revuelta, tem algum sentido; mas não se tratará do *Liber Iudiciorum* que vigorou em todo o reino de Leão? (PEREIRA, Isaiás da Rosa, *art. cit.*, pág. 46).

Instituto Monachorum — O *De Institutis Coenobiorum* de J. Cassiano?

Libro de Barlán — Trata-se, como se sabe, do *Libro de Barlaam Josafat* que quase todas as bibliotecas medievais possuíam. Em Alcobaca havia também uma edição latina — *Liber Gestorum Barlaam et Josphat* (Inventário dos *Códices Alcobacenses*, ed. cit., pág. 138) e outra em vulgar, hoje na T.T. (Cod. Alcob. CCLXVI). E em S. Vicente de Fora de Lisboa e em Santa Cruz

regresso, lentamente, à Península Ibérica monástica..., do ermo penitente e profetizante — poderá aceitar-se a generalização? — a esse *craraval das virtudes* — a expressão é de Fr. Vasco⁴⁴⁷ — que deve ser o mosteiro....

Fr. Vasco não foi o único a percorrer tal caminho, mas foi um dos que, com Rodrigo, o Lógico, o percorreram mais largamente,

de Coimbra guardavam-se essas obras (PEREIRA, Isaiás da R., *Livros de Direito na Idade Media* — II, in «Lusitania Sacra», VIII (1967-1969), págs. 81-96; conf. pág. 88). Será sempre de consultar a introdução de Olga T. Impey e John E. Keller à edição crítica preparada por este último de *Barlaam e Josafat*, Madrid, C.S.I.C., 1979.

Um doctrinal — Possivelmente o *Doctrinale* de Alexandre Villa Dei.

Dos Auroras... — Talvez uma parte do ofício de ritmo moçárabe *ad Auroram dicendam?* (Agradeço vivamente ao P. Mário Martins a gentileza com que me propôs esta identificação num momento em que esta obra resistia a todas as minhas pesquisas). Ou, como estará, talvez, mais de acordo com as linhas gerais dos livros que os jerónimos fundadores de Montamarta levaram de Guadalupe, a *Aurora*, livro de jurisprudência notarial de Pedro de Unzola, muito divulgado no século XV, como se poderá comprovar no trabalho de BATTLE, Carmen, *Las Bibliotecas de los Ciudadanos de Barcelona en el Siglo XV*, in *Livre et Lecture en Espagne et en France sous l'Ancien Régime* (Colloque de la Casa de Velásquez), Paris, Editions A.D.P.E., 1981, págs. 15-34 (pág. 26)?

Um librete... de *Distinciones y otras cosas de Derecho* — Tudo parece indicar que se trata de uma obra de direito como as outras com que esse «*Distinciones*» iam juntas. Talvez pudessemos ler *Institutiones* [ou *Instituto*], manual de direito romano. Ou referir-se-ão as *Tabula Distinctionum Super Libro I* [ou IV] *Decretalium* de Henricus Bohic, obras muito divulgadas? No entanto, poderíamos perguntar se não se tratará antes das *Distinciones* de Fr. Maurício («Dicionário moral e predicável apoiado em textos da Escritura» segundo o *Inventário dos Códices Alcobacenses...*, ed. cit., págs. 16, 30).

Sermones sobre el Cantar de los Cantares — De S. Bernardo ou a *Expositio super Cantica Canticorum Salomonis* de S. Gregório?

Metafísica de Algazel — Talvez as *Intenções dos Filósofos* de Al Gazali († 1111); GILSON, E., *La Philosophia au Moyen Age*, Paris, Payot, 3.^a ed., 1947, págs. 356-357).

Un Alexandre — Possivelmente os *Decreta et Consultationes Alexandre papae tercii* (*Inventário dos Códices Alcobacenses*, ed. cit., pág. 116).

Não cremos possível identificar *Un Libro de San Jerónimo...*; as *Meditaciones de S. Bernardo...* O *Cur Deus Homo* de Santo Anselmo e a *Epistola ad Frates Monte Dei* não oferecem qualquer dificuldade, tal como o *Ovidio Viejo*. Das identificações propostas parece resultar que os fundadores de Montamarta foram bem fornecidos, sobretudo, de livros de direito. Suporemos idêntica orientação em Guadalupe donde procedem as obras?

⁴⁴⁷ Fr. VASCO DE PORTUGAL, *Carta* (1.^a) *a Fr. Lourenço, dito o Bacharel...*, in CARDOSO, J., *Agiolégio Lusitano...*, ed. cit., I, pág. 28.

a ponto, se é verdade o que ficou várias vezes sugerido, esta última etapa, a cenobítica, coincidir com os extremos da sua longuíssima vida. Desde este ponto de vista, a figura de Fr. Vasco, para a fixação e confluência, nesses anos do último quartel do século XIV e da primeira década do seguinte, das raízes franciscanas dos *santos heremitas italianos* com a decisão — que não terão assumido imediatamente alguns deles — de se transformarem em ordem monástica em que o *estrecho encerramiento* fosse de par e a razão de *continuas alabanzas divinas*⁴⁴⁸, deverá ter sido, mesmo se um pouco tardiamente, fundamental. E por isso, seria muito interessante estudar, aproveitando as sugestões de Fr. José de Sigüenza e de outras fontes, como essa confluência se foi desenvolvendo e assimilando... Há outros grupos de terceiros franciscanos que se passam aos jerónimos, como, por exemplo, os de la Mejorada...⁴⁴⁹, mas poderiam até encontrar-se provas noutra direcção analisando a devoção dos jerónimos a S. Francisco..., a sua atracção pelo espírito de pobreza e humildade..., ou as tentações ou a decisão de alguns jerónimos se descobrirem mais vocacionados para a ordem franciscana — Os casos de Fr. Pedro de Alzina...⁴⁵⁰, do beato Amadeu da Silva — que parece ter estado uma década em Guadalupe: porque o esquecerá Fr. José de Sigüenza e o recordam as crónicas franciscanas?⁴⁵¹ — ou de Fr. Juan de la Puebla⁴⁵² poderiam ilustrar este filão.... Talvez mereça a pena segui-lo algum dia..., precisando, inclusivamente, os termos da presença de Fr. Pedro Fernández Pecha junto de Fr. Pedro de Villacreces...⁴⁵³.

⁴⁴⁸ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 114.

⁴⁴⁹ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, págs. 112-115.

⁴⁵⁰ Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 509.

⁴⁵¹ Fr. MARCOS DE LISBOA, *Tercera Parte de las Chronicas de la Orden de los Fray les Menores...*, ed. cit. (1615) liv. 6, cap. XXX, pág. 178v.; Fr. FERNANDO DA SOLEDADE, *Historia Seráfica Cronologica da Ordem de S. Francisco na Província de Portugal*. Tomo III, Lisboa, Manuel Joseph Lopes Ferreira, 1705, cap. VI, págs. 398-400.

⁴⁵² Fr. JOSÉ DE SIGÜENZA, *Historia de la Orden de San Jerónimo...*, ed. cit., I, pág. 213.

⁴⁵³ REVUELTA, Josemaría, *Los Jerónimos...*, ed. cit., pág. 148; pensa o mesmo autor que *la espiritualidad de fray Pedro* [de Guadalupe] *puede*

Por outro lado, Fr. Vasco torna-se, como tinham também afirmado os seus discípulos, um alto exemplo não só dos rumos e dos ritmos por que os *hermitaños de Italia* se transformaram (se foram transformando) em jerónimos, mas também das fontes e dos caminhos da espiritualidade jerónima..., essa espiritualidade que há que continuar a tentar precisar se quisermos conhecer mais profundamente a espiritualidade ibérica dos séculos XIV a XVI. Doutro modo, continuaremos apenas a olhar — glosando um título de Américo Castro que polemicamente pressentiu, como assinalámos de início, a relevância dessa *ordem nova* peninsular — para a Península Ibérica que ainda não conhecemos.... Foi o que quisemos fazer com estas notas suscitadas por essas duas importantes obras dedicadas, dum e doutro lado da fronteira, à Ordem de S. Jerónimo das Espanhas...

José Adriano de F. Carvalho

conocerse bastante bien, a parte de todo lo que llevamos dicho sobre él, a través de los «Solilóquios» que compuso... (ob. cit. pág. 206), com o que, em linhas gerais, estamos de acordo, discordando, porém, que os *Solilóquios* sejam, *una fuente insustituible para conocer la espiritualidad jerónima inicial* (ob. cit. pág. 207)... Preferimos, quando muito, pensar que nos dão a conhecer um dos filões duma espiritualidade inicial muito diversificada, dada a diferente formação e diferentes momentos de filiação dos diversos eremitas (algumas vezes, eram pequenos grupos com a sua própria espiritualidade) e de outros elementos que se lhes foram juntando. Não esqueçamos que Fr. Pedro Pecha aparece entre os eremitas cerca de 16 anos depois da chegada destes a Espanha... Aliás, Josemaría Revuelta (ob. cit., pág. 206) como que reconhece os factos ao dizer que os *Solilóquios* revelam uma espiritualidade mais agustiniana do que jerónima..., o que parece confirmar que, como insinuámos, será mais prudente falar na espiritualidade (ou espiritualidades) dos primeiros jerónimos do que na *espiritualidade jeronima inicial*... A mesma coisa? — Não cremos...

Por outro lado, os *Solilóquios*, mesmo que reveladores duma presença de Santo Agostinho, estão constituídos por lugares bem comuns a toda a espiritualidade dos fins do século XIV... e, nesse sentido, são um documento muito importante. Parece-nos, contudo, muito mais interessante a base salmódica de muitas das meditações dos *Solilóquios* — algumas são autênticas glosas de Salmos... e outras estão construídas como se o fossem... O próprio exame de consciência nos *Solilóquios* está mais próximo do exame e confissão do Salmista que do exercício ascético que se desenvolverá, sobretudo, desde os fins da Idade Média e de que Guisando fazia, como sublinhou muito bem REVUELTA, Josemaría (ob. cit., pág. 162), um ponto importante da vida interior dos seus membros.

APÉNDICE

DOAÇÃO POR D. FERNANDO DO PAÇO DE FRIELAS A LOURENÇO EANES DA ORDEM DE S. JERÓNIMO

Dom Fernando pella graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber que nos em sembra com a Rainha dona Lionor nossa molher e de consentimento e outorgamento da inffante dona Biatríz nossa filha e herdeira querendo fazer graça e merece a Lourenço Eanes, hermitam, porque he home de boa vida e avemos del certa enformaçam de grande tempo acaaeo que husou e husa de servir a Deos conthinuamente e porque a nos pertence de oolhar por aquelles que a Deos servem e boos som pera averem daver lugar em que possa viver e morar e fazerem e edificarem moesteyro pera serviço de Deos pera se fazer em elle o santo sacrificio. Porem de nosso poder absoluto e certa e livre vontade e poderio e scientia fazemos livre e pura doaçam antre vivos com entençom e proposito de em nenhũ tempo a revogar aa ordem de sam Geronymo que ora novamente foe edificada pollo papa Gregorio XI^o dos nossos paaços de Friellas assy como stam com todo seu cercuyto e com capeella e capas e orta assy e pella guisa que os nos avemos e de direito devemos daver. Porem mandamos e outorgamos que a dita ordem e em seu nome o dicto Lourenço Anes aja os ditos paaços como os el melhor e mais cumpridamente deve e poder aver, com entendimento que o dicto Lourenço Anes edifique e faça edificar nos ditos paaços hum moesteiro da dita ordem de sam Geronymo; edificandoo, seiam esses paaços desse moesteiro da dicta ordem e daquelles que dessa ordem forem pera sempre per bem desta doaçam que desses paaços lhe fizemos pera rogarem a Deos polias almas de nossos padres e de nossas madres e de todolos outros per que somos theudos de rogar a Deus e polias almas de nos outros quando formos deste mundo com condiçam que elles comecem de fazer o dicto moesteiro do dia da feitura

deste privilegio a taa huu año e meo e que pera sempre fique a nos e a nossos sucesores a dar o consentimento ao dicto moesteiro pera esta guisa enlegendo elles antre ssey hum homem boo que entenderem que he ydoneo e pertencente pera ello e enviarem a nos e daremos nosso consentimento ao bispo de Lisboa qualquer que for que o confirme e que o proprio nem possa poer nenhúa degretal que a nos tire o dicto consentimento. E se algũas clausullas fallecem ou nom som scriptas em esta nossa carta de doaçam perque esta nom seia em todo comprida como deve de ser, nos avemos as dictas clausulas per expresas como se em esta carta fossem contheudas. E queremos e prometemos e outorgamos de nũca hir contra esta doaçam em parte nem em todo em nenhũu tempo per nos nem per outrem. E se contra ello formos que nom valha e esta doaçam seia firme e stavel pera todo o sempre sem outro nenhũu embargo a qual nos damos comprido poder ao dicto Lourenço Anes que elle em nome da dicta ordem possa tomar e tome por ssey ou por certo procurador a posse dos dictos paaços sem contenda nenhúa pera fazer em elles o dicto moesteiro de sam Geronimo e o serviço de Deus em elle ser acrescentado como dito he.

E em testemunho desto mandamos dar esta nossa carta ao dito Lourenço Anes assignada per nossa mão e por mão da dieta rainha nossa moher e selada com o nosso sello de chumbo e do sello da rainha e da iffante.

Dante em Sanctarem primeiro dia de Julho. El rrey o mandou, Lopo Afonso a fez. Era de mil iiiixvi anos.

[A.N.T.T. Chancelaria de D. Fernando, Liv. 2, foi. 31 v.]

II

CARTAS

1

De Vasco pobre morador em Pedra-longa a F. Lourenço, ditto Bacharel.

Louvado seja Iesu Christo e a Virgem Maria para sempre.

Ao muito amado e desejado Padre amigo F. Lourenço desejador de ser verdadeiro monge per o lume e graça que Deos deu, iuxta id: *Omne datun optimum* etc, ainda chamado Bacharel nas leis, ao qual

Deos que deu a primeira graça de esta para que vos faça digno de ser dotor na sua lei, humil devota recomendaçom.

Sabede, Padre, que desejo muito de ver em vós o ardor e fervente fogo do Spirito Sancto que queime e destrua toda a mata das espinhas dos peccados, as raizes das tentações, em tal guisa que nõ vivifiquem nõ façõ fruttos. Desejo outrosi ver em vós a paz do repouso quiete metal, a qual cousa he forte, mais he muito maravilhosa. Forte disse, ca forte he posidela (?) aquelles que vivem entre as marteladas da cogregaçõ, mas muito maravilhosa, disse, ca maravilhas grandes faz em aquelles que a possuem, iuxta illud: *Beati mundo corde, seu mites, vel pacifici, etc.* Disse, outrosi, que o fogo do Spiritu Sancto queima e destrue; que cousa outra he desarreigar as más raizes da prava terra salvo plantar as plantas das virtudes? Que cousa he plantar a esperança das boas plantas senão esperar de colher os boos doces fruttos? E quaes fruttos son taes qual he a humil paciencia entre as pedradas da congregaçom. E quem he aquelle tam nobre cavaleiro que mereça dever o paleo da mui nobre vitoria da cavalleria monastica, senon he aquel que pelo amor daquelle que nasceo na stala pobremente e humilmente entre animalias bravas com a simples innocencia da pequenice do manso cordeiro, iuxta id: *Nisi ejjiciamini sicut parvuli, etc.* Caro amigo, não nos seráa a nós demandado como revolvemos as muitas terras, mais como fizemos as sãas obras. Não he dado ao verdadeiro monge adepartir o falamento das grandes consolações; as ais de padecer sobre as muitas perseguições. Nosso P. S. Bernaldo diz que non achou a Christo salvo na Cruz. Eu, com revelencia, digo que primeiramente foi achado na humil do presepe entre animalias e então do presepe até Cruz em que se fundou a regra de S. Bernaldo. Bem assi creo eu que o com monge siga o seu bom padre e dotor, trilhando desde la pequenice do grão Senhor para merecer de ver a transfiguraçom do monte Thabor, seguindo sempre a ministraçom da limpeza da vida até a persecuçom do monte Calvario onde foi fixada a Cruz, exaltada a verdade. E para vir a receber o fogo do Spiritu Sancto (como de suso ditto he) ha mister o verdadeiro monge sarrar-se na casa com as portas trancadas com humil silencio, padecendo entre o medo dos judeos, esperando a fortaleza do ardor para aluminar com o lume do exemplo sancto a verdadeira congregaçom.

Perdoadme, padre, cá estas cousas não vos escrevo, porque vós non o sabedes mui melhor e mais compridamente que nos outros, mais pela consciencia do grande amor que eu hei a vossa alma.

Presumi presumptuosamente de escrever-vos esto. Bẽ creio que averiades por melhor exêplo se eu tivesse silencio assi como homem não sabedor. Rogo-vos que vos seja encommendado este pobre nosso parceiro que esta carta vos dá e recordade-vos de mandar-nos o nosso livro quando vós já ouveredes a vossa consolaçon e se já mais mister nõ o avededes dade-o a este pobre quando por hi tornar de Coimbra. Outrosi vos sauda muito Fernando, nosso irmão. Rogade a Deos por elle, ca bem confio en sa graça que lhe dá o bom principio lhe dará o bom acabamento. E estes pobres se encomendão nas vossas sanctas e devotas orações.

Vasco, pobre morador em Pedra-longa. [J. Cardoso,

Agiológio Lusitano..., I, págs. 27-29]

A Fr. Lourenço, monge de Alcobaça

Louvado seja Iesu Christo

Ao muito honrado Padre e desejado caro amigo em o Senhor, humil, devota recomendaçon em Iesu Christo, rei e defensor de nossa milícia. Faço-vos saber em como eu i estes pobresinhos, moradores em Pedra-longa, vossos servidores e oradores em o Senhor, estamos sãos e alegres, em muita paz dos corpos ministrada pelo bom Senhor Christo. Rogo-vos que lhe rogedes que el se digne pela muita piedade de ministrar a paz de dentro de nossas almas, em tal guisa que mereçamos dalcançar aquel seguro porto ao qual temos olho.

Irmão muito amado, sabede que dezejo mui muito de ver em vós arder o fogo do Spiritu Sancto que queime e destrua toda a mata das espinhas, as quaes a nossa esteril terra continuamente vai gerando, para que seja creado e renovado em nós o novo homem. Sabede que depois q de lá vim eu e Fernando me foi ditto que vieredes a Lisboa e maravilho-me muito por non virdes a ver o vosso pobre lugar e seus moradores, quá bem creio que vos prazeria mais que o outro lugar da Matta da guerra onde veriades nosso bom irmão Fr. Lourenço e se al non prouvera a nós outros de vossa vista, assi compraze aos doentes da vista do bom fisico, mais bem creio que culpa dos nossos docres o non merecem. Outrosi sabede que o livro que nos empres-

tastes que se treslada quãdo se pode. Non creio que se vos poderá mandar ao termo que entre nós foi posto, convem a saber, ao entrudo. Desto non vos maravilhedes quá duas cousas há i porque non se fez: a primeira pela tardãça do mão escrivão e a segunda porque o dia de entrudo pertence mais ao dia que a alma; e, por cnde, porque o corpo faça o frutto mentiroso non vos maravilhedes quá sigue o seu dia, isso he, seguindo com os seus ramos, mais virá o dia da verdade em o qual resurgiremos com o Senhor pela sua misericordia i, entonces, creio será digna cousa que se tenha a verdade, pois que o tempo d'ante celebrou a terra para semear o frutto, queimadas as espinhas com o ardente fogo, como suso ditto he. E o lavrar da terra seja a penitencia da santa quaresma, como quer que aos elegidos de Deos sempre he quaresma consinada. E al non vos escrevo por ora, quá pela mingoa do saber creio he melhor o bom silencio. E rogo-vos que me perdoedes a muita confiança que de vós tomo escrevendo-os com muita presumçon. Saudade muito a nosso irmão Fr. Diogo o pequenininho. Que Deos o faça grande de suas muitas virtudes. E Fr. Domingos de Leiria e a todolos outros frades em Iesu Christo. Que Deos os faça em no Craraval das virtudes, pois que já merecerão de morar no valle das muitas aguas. I estades fortes in bello. Impunhade com o antigo serpente, quá chega-se-nos o tempo, abreviando-se os dias em os quaes cessarão as nossas batalhas e contrariedades e dar-nos-ha o benigno Christo o grande galardon que he esse mesmo por a pequenina victoria de Amalec. Outrosi saudade muito Alvaro Dornellas. Dezedelhe de minha parte que Deos o adorne de melhor ornamento quá muito lhe he compridoiro.

Vasco, pobre, e todos outros vossos irmãos em Iseu Christo se encomendarão muito nas sãctas e devotas vossas orações.

[J. Cardoso, *Agiológio Lusitano...*, I, págs. 390-391]